



DEAD MAN'S HAND

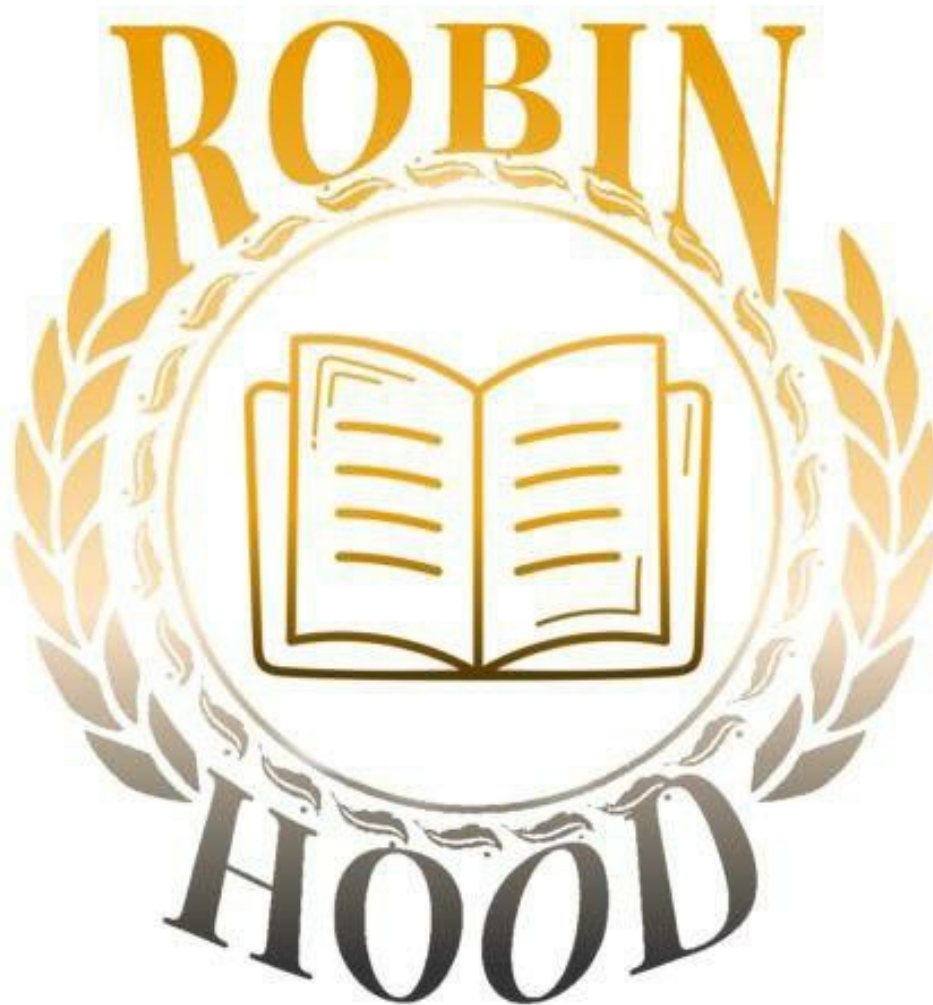
VEGAS UNDERGROUND

RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SINOPSE

“EU TE POSSUO AGORA”

Ela cometeu um grande erro. Você não chantageia um Tacone.

Vindo a mim com uma ameaça? Inaceitável.

Se ela precisar de dinheiro, terá que pedir com educação.

Mas uma vez que eu entrego a ela, nós dois sabemos o que significa:

Ela pertence à mim.

Eu faço o meu melhor para segurar. Dê-lhe respeito.

O problema é que não consigo tirar as mãos dela.

E agora que ela está sob meu controle,

Eu não pretendo deixá-la ir...

CAPÍTULO UM

GIO

Primeiro a queimação . Então o sangue escorrendo pelos meus dedos. Sempre o som de Paolo resmungando meu nome sobre o estalo de mais tiros.

Gio, não!

Acertaram o Gio!

É o horror da perda soando em sua voz que faz meu coração bater mais forte. Não a dor. Não meu próprio medo da morte. Não penso na minha morte no momento. Não o fiz quando realmente caiu, e não o faço nos pesadelos que me atormentam todas as noites.

É sempre a garota.

Ela está em todos os replays noturnos. Às vezes ela leva um tiro também. Esses são os piores. Minha incapacidade de resgatá-la, de protegê-la de danos, me dá vontade de morrer ali mesmo. Outras vezes ela corre para mim, depois que levei um tiro. Ela envolve seus braços em volta de mim e nós dois caímos.

Seus grandes olhos verde-azulados sempre se fixam nos meus no momento em que a primeira arma dispara. Observo o terror preenchê-los enquanto a bala atravessa meu meio.

Esse é o momento que a mantém em meus sonhos. Nessa fração de segundo, na janela onde tenho certeza de que vou morrer, o rosto dela é o que vejo. Meus temores são pela segurança dela, e minha angústia por levar um tiro é que não posso protegê-la.

Em seu olhar, juro que vejo tudo refletido em mim. Ela também acha que vou morrer, e sua angústia é não me avisar a tempo.

Porque ela tentou. Lembro-me de cada milissegundo dessa parte. As cinco respirações antes de levar um tiro. Lembro-me da maneira como ela

tentou sinalizar com os olhos. A maneira como ela se recusou a sair e ficar em segurança, mesmo sabendo que seu café estava prestes a explodir em vidro, madeira, balas e sangue.

Ela é como um anjo nos sonhos - seu rosto pálido é o farol que uso para entender minha própria morte.

Só que eu não morro.

Eu não morri.

E você pensaria que isso deixaria tudo claro como cristal. A coisa toda da experiência de quase morte. É para fazer você perceber do que se arrepende. O que você deseja. E então você tem uma segunda chance de fazer bem na vida.

Em vez disso, estou preso em uma névoa induzida por pesadelo. Tentando desvendar o significado enquanto vivo.

A garota do Caffè Milano não tem as respostas - não sei por que ou como meu subconsciente atribuiu tanto significado a ela. Ela acabou de ser pega no meio de uma cena ruim entre a *bratva* russa e nossa organização.

E, no entanto, não consigo tirá-la da cabeça.

O anjo da minha morte.

Quase-morte.

Marissa. Uma garota inocente que não tenho nada a ver com sujeira.

Uma garota que já viu demais.

Uma responsabilidade.



MARISSA

Algumas coisas você não pode esquecer. Você não pode desver. Não posso deixar de ouvir.

Sangue por todos esses lugares. O som de tiros. A maneira como meu coração parou quando Junior Taccone apontou aquela arma para mim, decidindo se me deixaria viver ou morrer.

Odeio essa hora do dia em que os clientes diminuem, os negócios ficam lentos e só tenho tempo para lembrar.

Já se passaram seis meses desde que a batalha entre a máfia russa e siciliana aconteceu no Caffè Milano, e ainda estou nervosa como o inferno. Ainda examinando cada cliente que entra, rezando para que ele não seja a máfia russa vindo para se vingar. Ou para me sacudir para obter informações sobre como encontrar os Taccone.

Mas eles não vieram. Ninguém nunca veio, exceto os Taccone com seus caras de conserto de janelas e uma quantia grande de dinheiro para atualizar toda a nossa cozinha. O que foi bom porque nosso refrigerador estava prestes a morrer e este lugar não teve uma reforma desde que meus avós o abriram na década de 1960.

Pego uma tigela de salada de macarrão da caixa de delicatessen para colocar no balcão durante a noite. Quando eu volto, eu congelo, um suspiro batendo no fundo da minha garganta.

A princípio, acho que é Junior Taccone parado no balcão da minha delicatessen.

O cara que virou gangster na minha loja e matou seis caras. Aquele que supostamente é o protetor deste bairro.

Mas não é o Junior. É o irmão dele, Gio Taccone, aquele que levou um tiro na calçada. O homem que eu pensei que estava morto.

— Sr. Taccone! — Eu me xingo por soar sem fôlego.

— Gio. — ele corrige. — Marissa, como você está?

Ele sabe meu nome!

Isso é mais do que posso dizer de Junior, o atual chefe da família. E eu gostaria que não fizesse coisas vibrantes nas minhas entranhas, mas faz. Gio apoia o antebraço no balcão e me encara com um olhar castanho de cílios escuros.

Ele é puro homem-doce. Com aquela beleza esculpida, ele poderia facilmente ter sido um ator ou modelo, e ele tem o charme a condizer.

— Você está vivo. — eu deixo escapar. Eu não tinha ouvido falar que ele sobreviveu. Verifiquei os jornais e pesquisei o nome dele no Google depois do tiroteio, e não havia nenhum relato de sua morte, mas eu o vi levar um tiro com meus próprios olhos. — Quero dizer, você conseguiu. Estou tão feliz. — Então eu coro, porque, sim. Provavelmente não devo falar sobre o que aconteceu, mesmo que estejamos apenas nós dois aqui.

Gio segura meu pulso, parando minha mão. Seu polegar acaricia meu pulso enquanto meus dedos tremem no espaço entre nós. — Por que você está tremendo, boneca? Você está com medo de mim?

Com medo dele? Sim. Definitivamente. Mas também animada. Ele é o único irmão Taccone que estou ansiosa para ver. Sempre fiz isso, mesmo quando eu tinha apenas dez anos, limpando as mesas enquanto os mafiosos se reuniam.

— Não! — Eu puxo minha mão. — Estou apenas nervosa. Você sabe, desde... o que aconteceu. E você me assustou.

Seu olhar penetra, como se ele soubesse que há mais do que isso, e ele quer saber tudo. Uma curiosa mudança acontece em meu peito.

Eu coloco uma mecha errante de cabelo atrás da minha orelha para cobrir meu crescente desconforto.

— Você tem pesadelos? — ele adivinha, como se tivesse lido minha mente.

Eu dou um único aceno. Então me ocorre como ele sabe. — Você?

Não espero que ele confesse se o fizer. Venho de uma família italiana. Eu sei que os homens não admitem fraqueza.

Então, fico surpresa quando ele diz: — O tempo todo, porra. — Ele toca o lugar onde a bala deve ter entrado.

— Uau.

Os cantos de seus lábios se curvam em um sorriso devastador. O

homem realmente deveria ter ido para o show business. — O quê? Você acha que homens de verdade não têm pesadelos?

— Talvez não os homens em sua linha de trabalho.

O sorriso desaparece e ele arqueia uma sobrancelha. Ops. Eu cruzei alguma linha. Acho que você não menciona a linha de trabalho de um mafioso.

Eu ignoro o aumento das batidas do meu coração. — Desculpe. Isso é algo sobre o qual não falamos?

Ele me faz suar por duas batidas, em seguida, dá de ombros, como se tivesse decidido deixar para lá. — Eu não vim aqui para montar em sua bunda. Eu vim verificar você. Certificar-me de que você está bem. — Ele pisca aqueles cílios escuros e encaracolados que seriam femininos, exceto pelo maxilar quadrado e o nariz aquilino. — Parece que você está passando por um momento difícil.

O sinal de perigo começa a soar na minha cabeça.

Nunca aceite um favor dos Tacones. Você pagará por isso pelo resto de sua vida.

Era o que meu avô sempre lamentava. Ele pegou emprestado de Arturo Tacon para iniciar seu negócio e levou quarenta anos para pagar. Mas ele pagou, e estava muito orgulhoso disso também.

— Estou bem. Estamos bem. — Eu endireito e levanto meu queixo. — Mas agradeceríamos se você realizasse suas reuniões de negócios em outro lugar no futuro. — Não sei o que me faz dizer isso. Você não irrita um chefe da máfia insultando-o ou fazendo exigências. Eu definitivamente poderia ter encontrado uma maneira melhor de fazer meu pedido.

Mais uma vez, ele me considera por um momento antes de responder. Minhas palmas ficam úmidas, mas mantenho minha cabeça erguida e encontro seu olhar.

— Concordo. — ele admite. — Não esperávamos problemas. Junior lamentou o que aconteceu com este lugar.

— Junior apontou uma arma para minha cabeça. — As palavras saem e

se chocam entre nós. Tarde demais para levá-las de volta.

— Junior nunca machucaria você. — Ele diz isso tão imediatamente que sei que ele acredita que é verdade. Mas ele não viu o que eu vi. Aquele momento de hesitação. O murmúrio de seu homem ao lado dele que eu sou uma testemunha.

Ele pensou em me matar.

E então decidiu não fazê-lo.

Gio pega minha mão novamente e a segura, acariciando as costas desta vez. Seus dedos são grandes e poderosos, fazendo com que os meus pareçam pequenos e delicados em comparação. — É por isso que você está nervosa, hein? Lamento que tenha ficado com medo, mas te prometo que está segura. Este lugar está sob nossa proteção.

Engulo em seco, tentando ignorar o quão agradável é seu toque. Como é bom ser acalmada por este homem lindo e perigoso. Eu convoco mais fanfarronice. — Talvez fosse melhor se não fosse. — Minha voz não sai firme. Há uma oscilação que trai meus nervos. Eu limpo minha garganta. — Você sabe, se você apenas nos deixasse em paz.

Eu prendo a respiração, tensa por sua reação.

Huh.

Se eu não o conhecesse melhor, diria que minhas palavras machucaram Gio em vez de irritá-lo. Mas ele apenas dá de ombros. — Desculpe, boneca. Você não pode se livrar de nós. E você está no meu turno agora. O que significa que você está perfeitamente segura.

Quero dizer a ele que não sou sua boneca e que ele pode pegar sua proteção e se foder, mas não sou louca. Além disso, uma parte traidora de mim quer que ele continue acariciando minha mão, continue me estudando como se eu fosse a pessoa mais interessante que ele viu o dia todo.

Mas eu sei que tudo isso é mentira.

Gio é um jogador. E a resposta do meu corpo à sua presença é perigosa.

Gio abandona minha mão para segurar meu queixo. — Você está louca. Entendo. Vou deixar você me mostrar um pouco de garra hoje. Mas pagamos uma restituição à sua família e honraremos nossos compromissos com este bairro e com o Caffè Milano.

Seu toque é autoritário e firme, mas ainda gentil. Isso faz com que as palpitações na minha barriga fiquem mais selvagens.

— Gio. — murmuro, virando meu rosto para longe dele e de sua mão. Meus mamilos estão duros, esfregando contra o interior do meu sutiã.

Ele tira uma nota de cem dólares do bolso e a coloca no balcão. — Dá-me dois desses cannoli. — Ele aponta para a vitrine.

Obedeço sem dizer nada e enfio a nota de cem no bolso do avental, sem me preocupar em oferecer o troco. Acho que se ele usou 100, foi porque queria gastar seu dinheiro, e vou deixá-lo fazer isso.

Ele sorri um pouco enquanto pega o prato com os cannoli e se senta a uma mesa no café para comê-los.

Porra. Estou tão ferrada.

Gio Taccone decidiu fazer de mim seu projeto de estimação. O que significa que as chances de ele acabar me possuindo dispararam nas alturas.



GIO

Não acredito que acabei de dizer à garota de Milano que tenho pesadelos.

Não é algo que eu tenha dito em voz alta antes. A quem diabos eu contaria, afinal? Junior me diria para ser homem e superar isso. Paolo provavelmente me daria um soco onde a bala entrou e depois diria: — Viu? Você está bem.

E minha mãe? Ela nem sabe que levei um tiro. Mantemos as mulheres

fora do nosso show de merda.

Mas não, eu não tenho sido o mesmo desde então. E não é que eu não tenha curado - embora até isso tenha sido um toque e vá por um tempo lá. Mas não consigo parar de pensar em morrer agora.

Para onde quer que eu olhe, vejo pessoas que poderiam morrer hoje sem estarem preparadas. Um cara atravessa a rua sem olhar e bum! Ele é atropelado por um táxi. Ou algum pobre coitado tem um aneurisma e coxa enquanto recebe a correspondência.

Sem chance de dizer adeus. Para embrulhar pontas soltas.

Isso poderia ter sido eu.

E onde quer que eu vá, também vejo atiradores em potencial. Estou olhando por cima do ombro para os idiotas *bratvas*, mesmo sabendo que a saga acabou. Eles sequestraram minha irmã, mas ela se casou com o bastardo, e fizemos uma trégua fácil.

Isso não me impede de pensar que cada mão no bolso está pegando uma arma. Vendo sombras saltarem das paredes para mim.

Eu vim aqui hoje para verificar a garota. Essa parte era verdade. Mas eu também queria voltar para o lugar. Enfrentar meus demônios. Certifique-se de que não comecei a suar frio quando estava do lado de fora da porta onde levei um tiro. Não agi como um maricas só porque peguei um pedaço de chumbo para minha família.

Boas notícias: eu não fiz.

Más notícias: não tenho certeza do que estou vivendo.

Quer dizer, eu tenho essa segunda chance.

Eu não morri. Sou um homem morto andando. Então, por que minha vida de repente parece tão vazia?

Sento-me e observo Marissa se movimentar, fechando o lugar. Ela é jovem - toda a vida pela frente. Ela ainda está vivendo para alguma coisa.

Com bastante fervor também.

De repente, quero saber o que é. Eu quero saber todos os seus segredos profundos e ocultos. Seus desejos. Ela lança alguns olhares para mim. Eu a deixo nervosa. Um pouco autoconsciente. Mas também a faço corar, o que faz meu pau estremecer.

Ela é linda, mas ainda não descobriu. Ou minimiza porque ela não quer a atenção dos homens. Ela é jovem, inteligente e extremamente capaz. Ela não pode ter mais de vinte e cinco anos e dirige este lugar há vários anos. Parece que me lembro de sua avó se gabando de ter frequentado uma escola de culinária.

Isso fez muito bem a ela. Ela ainda está presa nos negócios da família, fazendo o que se espera dela.

Apenas como eu.

Eu me levanto e deixo meu prato na mesa para ela pegar. Se ela tivesse sido mais legal, eu teria levado até o balcão, especialmente considerando que ela está tentando fechar o lugar, e eu sou o idiota ainda aqui. Mas ela manteve meus cem e jogou vadia.

Então, ela pode pegar depois pra mim.

Eu caminho até a porta, esquecendo minha arrogância por um momento quando a cena na calçada se repete para mim. O cheiro do meu próprio sangue enche minhas narinas. Eu vejo o rosto de Ivan, o idiota *bratva* que armou para nós. O assassinato nos olhos de Junior quando ele sacou a arma. Eu ouço o pânico de Paolo quando ele me pega.

Um toque no meu braço me traz de volta. Eu olho para baixo em grandes olhos azuis marinhos.

Assim como nos pesadelos, só que desta vez seu rosto é suave.

Ela não diz nada por um momento. Há compaixão em seu olhar. Ela me entende. — Eu tentei avisá-lo. — Lágrimas surgem em seus olhos. Eu me pergunto se os pesadelos dela são como os meus só que ao contrário. Ela me vê levando vários tiros, noite após noite?

Eu passo um braço em volta da cintura dela e a puxo para um abraço. — Eu sei que você fez.

Foda-se, ela é encantadora.

— *Obrigada*, Marissa. — Desejo que ela receba minha sinceridade.

Ela hesita, depois passa os braços em volta do meu pescoço, como em um dos sonhos. Ela cheira a café e creme doce. Eu quero lambar sua pele para ver se ela tem um gosto tão bom quanto ela cheira.

— Estou feliz que você tenha vindo, Gio. Eu pensei que você estava morto. — Sua voz é baixa e rouca. Eu tenho dito a mim mesmo que ela é muito jovem para mim, e ela é, mas tudo nela registra como uma mulher que sabe o que faz.

— Sim. Eu também, boneca. — Dou um beijo no topo de sua cabeça e tento ignorar a maciez de seus seios pressionados contra minhas costelas.

O quanto eu quero beijá-la - o que não é nada típico de mim. Eu gosto mais de fodê-las com força e bater em suas bundas quando elas saem pela porta.

Beijar não é realmente o meu show.

Mas ela viu minha morte. Minha quase morte. O momento que mudou tudo. Ela fazia parte disso. Então, estou imaginando algum tipo de conexão.

Mas isso é estúpido.

Eu não deveria atribuir significado às coisas apenas para tentar entendê-las.

Eu levei um tiro.

Ponto final.

Acabou.

Hora de começar a viver de novo.



MARISSA

— Cuidado, Henry está furioso. — alerta minha colega de cozinha, Lilah, enquanto mexo o molho marinara. O chef temperamental está rasgando todo mundo novo a torto e a direito.

Ela revira os olhos cor de caramelo. — Quando ele não está?

— Bem, acho que se eu fosse o chefe de cozinha, também poderia ser uma cadela temperamental. — murmuro em voz baixa enquanto puxo dois peitos de frango recheados do forno e os coloco no prato. — Pelo menos sabemos o que esperar. Mas você sabe o que eu realmente não aguento mais?

Lilah corta aspargos na diagonal, deixando-os todos com o mesmo comprimento exato. — Arnie? — ela sussurra de volta.

— Sim. — Arnie, o *sous chef figlio di puttana*, é um idiota malicioso e tateante que de alguma forma pensa que todas as mulheres na cozinha estão morrendo de vontade de chupá-lo. — Ele deu um tapinha na minha bunda na despensa hoje à noite. *Acariciada*. Foi nojento em cima de inapropriado.

— Sim, se você vai agarrar, pelo menos faça firme, certo? — Lilah sorri, covinhas marcando sua pele cor de chocolate.

Eu bufo. Lilah sempre me faz rir. Ela é a única outra jovem que trabalha na cozinha. Ela começou aqui como lavadora de pratos quando tinha dezesseis anos e subiu nos últimos cinco anos. Ela é definitivamente uma das minhas pessoas favoritas no Michelangelo.

— Certo? É como abuso sexual assustador versus assédio sexual total. Não sei, tudo o que sei é como me sinto violada agora.

— O que você fez quando isso aconteceu?

— Eu disse a ele para manter as mãos longe da minha bunda.

— E deixe-me adivinhar, ele riu como se você tivesse dito algo fofo.

— Sim. Incrível.

— Você deveria contar a Henry.

— Certo. Porque isso vai acabar bem. Henry é quem parece achar que as mulheres não podem fazer esse trabalho. Arnie me contratou. Sinto que a solução dele seria me dizer para desistir.

Eu coloco um bife e coloco um pouco de demi glace de pimenta por cima.

— Cara, é *ilegal*. O Michelangelo pode ter um processo em mãos se denunciarmos e eles não fizerem nada.

— Sim... — E meus chefes também saberiam que nenhum de nós tem dinheiro para processar. — Talvez eu guarde um garfo no bolso e da próxima vez que ele chegar perto de mim, enfie na coxa dele.

Lilah sufoca uma risada. — Isso vai ensiná-lo.

Arnie passa apressado e ela pega um garfo e olha para ele significativamente.

Eu abaixo minha cabeça para esconder minha risada.

Infelizmente, não tenho a chance de usar um garfo pelo resto da noite. Quando terminamos de limpar e guardar tudo, meus pés estão me matando e estou prestes a cair morta, mas estou feliz.

Eu amo este trabalho, mesmo com toda a besteira. Eu gosto de brincar com Lilah. Gosto da emoção de colocar prato após prato com a pressão da perfeição. Gosto de trabalhar com ingredientes gourmet caros, fazendo as obras de arte que Henry sonhou. Estou sempre com uma adrenalina que me mantém por muito tempo depois de fechar.

Eu quase gostaria que o tiroteio tivesse fechado o Caffè Milano, então esse era meu único trabalho. Talvez seja esnobe da minha parte, mas sinto que criar uma culinária requintada em um restaurante de primeira linha é o meu lugar.

Mas isso é egoísta. Meus avós me criaram e devo tudo a eles. O Caffè Milano é o mundo deles e eles estão envelhecendo. Minha tia e eu somos as únicas que mantêm o lugar funcionando. Mesmo com a tia Lori trabalhando lá em tempo integral, tenho que preencher mais e mais conforme meus avós envelhecem. O que significa até que eles morram, ou até que minha

priminha Mia tenha idade suficiente para ajudar - desde que ela possa com sua situação de quadril, tem que ser o meu mundo inteiro também.



Não espero encontrar ninguém na casa dos meus avós quando chego em casa, mas todas as luzes estão acesas.

— Ei, pessoal. — eu digo quando abro a porta.

Meus avós e tia Lori estão acordados, sentados ao redor da mesa da sala de jantar, parecendo que alguém acabou de morrer. Os olhos da minha tia estão vermelhos e a boca da minha nonna está apertada em uma linha apertada, a derrota escrita em todo o seu rosto enrugado.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto quando eles apenas olham para mim. — O que aconteceu?

— Este hospital ligou esta tarde. — Minha tia funga. — Como não temos seguro, eles recusaram a cirurgia para Mia. Eles disseram que a única maneira de fazer isso conforme o planejado é se nós aparecermos amanhã perto do expediente com um cheque de trinta mil dólares.

— *O quê?* — Trinta mil dólares. Essa é a taxa normal para uma cirurgia de quadril hoje em dia. Insano. — Bem, isso é loucura... merda.

Tia Lori chora novamente. A filha dela, minha prima de oito anos, caiu no parquinho alguns meses atrás e de alguma forma fraturou o quadril. Eles fizeram a cirurgia na época, mas a pobre criança ainda está com dores constantes e seu novo cirurgião disse que os parafusos saíram e a estão cutucando e toda a articulação precisa ser reconstruída. De novo. É trágico para uma criança de oito anos ter que passar por essa merda.

— Eu sei. E eu simplesmente nem sei o que vou dizer a Mia. Estamos tentando afastá-la da dor há tanto tempo.

Agora eu rasgo. Não é certo para uma criança estar com dores constantes. Não poder brincar com os amigos, nem mesmo andar pela escola. Tudo porque nosso sistema de saúde neste país está muito falido.

Trabalhando no Caffè Milano, minha tia e eu ganhamos muito para nos qualificarmos para o Medicaid, mas não podemos pagar o seguro saúde. Pelo menos meus avós podem obter o Medicare.

Eu afundo em uma cadeira e tiro meus sapatos. — Nós vamos descobrir isso. — eu prometo.

Não sei como ou quando me tornei a pessoa que esta família procura em busca de respostas, mas em algum momento eu me tornei. Minha mãe me abandonou quando criança, então esta é minha família nuclear: meus avós idosos, minha tia - que, como minha mãe, engravidou jovem e fora do casamento - sua filha Mia e eu. Nós nos unimos e cuidamos uns dos outros. Somos uma família e resolvemos as coisas.

— Como? — Tia Lori lamenta. — Como vamos conseguir trinta mil dólares amanhã?

Às vezes, basta formular corretamente uma pergunta para descobrir a resposta.

De repente, fica claro como o dia. Inevitável, até.

Os Taccone têm dinheiro. Pilhas dele. Tudo lá para pedir.

Tudo o que tenho a fazer é vender minha alma.

Porra.

Não falo nada na frente dos meus avós porque sei que isso os mataria.

— Amanhã vou ver se consigo um empréstimo. Tenho certeza de que o banco vai nos dar algo com o café como garantia.

Tia Lori está muito perturbada para perceber minha mentira. Desesperada demais para agarrar-se a qualquer resposta. — Você acha?

— Definitivamente. Vou resolver isso amanhã. Eu prometo.

Mia precisa de ajuda. Hora de colocar minha calcinha de menina grande e fazer o que tem que ser feito.



GIO

Acordo ao som do meu próprio grito, o, *Não!* ecoando nas paredes do meu quarto, o rosto horrorizado de Marissa queimando em minhas retinas, aqueles olhos verdes-azulados brilhando com lágrimas.

Porra.

Eu tiro o lençol do meu corpo encharcado de suor e me levanto, meu lado doendo com uma dor surda. O tecido cicatricial está ficando mais rígido a cada dia.

Desiree, a noiva de Junior, a enfermeira que salvou minha vida, diz que preciso tratar a fásia. Ela quer que eu vá a um fisioterapeuta ou alguma outra merda, mas aquele buraco de bala é prova do crime que Junior cometeu, matando aqueles *bratvas* bastardos que atiraram em mim. Então, sim, não está acontecendo. Eu mantenho minha corrida matinal e levanto pesos na minha academia em casa.

Fico sem camisa na janela do meu apartamento e olho para o lago Michigan. Veleiros cortam a água, pitorescos como a porra de uma pintura. Talvez eu devesse aprender a velejar.

O pensamento cai como um tijolo, como todos os pensamentos da minha vida. Para o meu futuro.

Mais ou menos.

Estou vivendo o maldito sonho aqui. Apartamento de cobertura na Lake Shore Drive, móveis luxuosos, a Mercedes G-wagon preta na garagem.

Eu já era cafetão antes de ter uma segunda chance na vida. Então, por que sou o porra menos grato em Chicago? Eu deveria acordar todos os dias agradecendo minhas estrelas da sorte por tudo que tenho para viver.

Só que é isso.

Não há nada para viver.

Nem mesmo a glória dos negócios mais.

Não estou dizendo que sinto falta. A violência, o perigo. A intriga. Mas havia uma certa adrenalina a cada interação. A emoção de cuidar dos negócios. Ver o dinheiro se multiplicar. Emprestando isso. Coletando-o.

Junior fechou muitos negócios depois que levei um tiro. Embora isso possa ser mais sobre se tornar marido e pai novamente do que quase me perder. Não que eu ache que ele não tenha sofrido com o que aconteceu. Eu sei que ele fez. Faz.

Seu trabalho sempre foi me proteger, desde que nasci. E ele tem. Mesmo quando isso significava me proteger do julgamento de nosso próprio pai. Ele e Paolo eram os durões, e eu era a sutileza. Eu falava suavemente quando era necessário. Brincava de bom policial, não que já tenhamos brincado de policial.

Entro na sala de estar, ainda de cueca boxer, e me sento no piano meia cauda no canto. Meus dedos se movem sobre as teclas automaticamente, a memória muscular ali sem pensar. Eu ainda tenho minha música. Pena que não é o suficiente.

Meu telefone toca ao meu lado, paro de tocar e atendo. É o número de telefone que uso para mulheres, só que não estou com uma mulher desde o acidente.

Marissa.

Eu dei a ela o número antes de sair outro dia.

Nunca esperei que ela o usasse.

Eu peguei. — Este é Gio.

— Gio, oi. É a Marissa. De Café Milano? — Ela parece nervosa.

— Tudo bem, boneca?

— Um, sim. Bem, eu preciso falar com você. Posso te encontrar em algum lugar? Não no café.

Não sei o que esperava. Que ela teve a coragem de me convidar para sair. Ou estava ligando para me dizer novamente que ela está feliz por eu estar vivo.

Que ela sabe que sonho com ela todas as noites.

Claro que não. Só há uma razão para eu receber uma ligação como esta.

E eu odeio o jeito que isso me faz sentir.

— Claro, Marissa. Por que você não vem ao meu escritório em casa?

— Meu pau fica duro quando dou a ela o endereço do meu apartamento, mesmo sabendo que não é assim que as coisas vão acontecer.

Só a ideia de tê-la aqui já me deixa duro.

Eu desligo e dou um aperto forte no meu pau. Para baixo, garoto. Isso é negócio, não prazer.

Muito ruim também.

CAPÍTULO DOIS

MARISSA

Gio mora na Lake Shore Drive, no que deve ser uma casa geminada de um milhão de dólares no último andar. Peguei o metro e andei o resto do caminho de salto alto. Estou com bolhas quando chego ao prédio dele e estou amaldiçoando tudo sobre meu plano.

Procurei no fundo do armário uma blusa de seda, uma saia lápis e esses malditos saltos altos, mas agora me pergunto o que diabos eu estava pensando. Estou aqui para me vender para Gio? Vestir-se como um belo pedaço de carne, flertar um pouco e ganhar trinta mil?

Acho que é melhor do que minha alternativa, que é assinar o café de volta para os Tacones, o que mataria meu avô. Nem sei se o lugar vale tanto assim. Não somos donos do imóvel. Eu nem tenho certeza se um banco nos daria um empréstimo contra o nosso negócio.

É uma linda manhã de outono, mas estou com frio de gelo quando o porteiro abre a porta para mim e anota meu nome para ligar para Gio.

Isso é para Mia, continuo cantando para mim mesma.

No elevador, porém, perco a coragem.

Gio vai querer o café. Eu não posso dar a ele. Não posso. Meus avós achariam que não valeria a pena, nem mesmo para Mia.

Pensando que ele poderia me dar o dinheiro para outra coisa - para mim? Era essa a ideia na minha cabeça? É ridículo. E não quero recorrer à mendicância ou à prostituição.

Tem de haver outro jeito.

E aqui está.

Eu tenho sujeira dos Tacones. Posso aproveitá-la. Eles já nos pagaram suborno quando pagaram a mais pelos reparos no local após o tiroteio. Eles podem pagar um pouco mais.

Enrijecendo a coluna, saio do elevador de cabeça erguida e toco a campainha de Gio.

Ele atende, vestido com esmero, como sempre, em um terno que provavelmente custa mais que um carro, cheirando a sabonete e loção pós-barba.

Ele me dá um olhar frio e avaliador, observando minha roupa e expressão, então se afasta da porta e me conduz para dentro. — Bem-vinda, Marissa.

O apartamento é enorme, com uma parede de janelas com vista para o lago Michigan e um piano preto em um canto.

— Você toca piano? — A pergunta estúpida sai da minha boca antes que eu possa impedir. Estou nervosa, dizendo qualquer coisa para preencher o espaço. Claro que ele não toca piano. Algum decorador provavelmente colocou isso aqui.

Mas ele me surpreende com um “sim”.

— Realmente? — Agora estou genuinamente interessada. Um mafioso que toca piano? Inesperado.

— Realmente, boneca. Surpresa? — Há um desafio em seu tom, e me ocorre que ele deve ter lutado contra esse mesmo estereótipo a vida inteira.

— Hum...

— Meu escritório é por aqui. — Ele é todo profissional, o que é mais decepcionante do que eu gostaria de admitir. Mas isso é negócio. E preciso seguir meu plano.

Para Mia.

Ele me leva até o escritório, decorado com couro vermelho e madeira de mogno. Masculino e confortável naquele tipo de estilo de cavalheiro rico.

— Sente-se. — Ele indica a cadeira de couro acolchoada em frente à sua mesa e se acomoda à minha frente.

Sento e cruzo as pernas como uma dama. Luto e não consigo engolir. Minha língua emaranha na minha boca.

— O que posso fazer por você, Marissa? — Tudo nele esta manhã é legal e bem cuidado. Tão diferente do comportamento casual e charmoso que ele tinha no café.

Eu limpo minha garganta. — O tiroteio teve um grande efeito nos negócios. — digo, o que é mentira. Aconteceu à noite, quando quase ninguém estava por perto, e os Tacones pagaram pela limpeza e reparos imediatos, então fechamos apenas um dia.

A maneira como Gio levanta uma sobancelha me diz que ele sabe que estou falando besteira. Também sinto sua desaprovação. Como se ele soubesse para onde isso está indo e não gostasse.

Eu corro. — Exigimos outro pagamento de pelo menos trinta mil para consertar as coisas.

Gio não diz uma palavra. Nada aparece em seu rosto. Até mesmo seus olhos – geralmente tão lindos e calorosos – estão mortos.

Meu coração bate tão alto que juro que ele pode ouvir. O suor escorre pelas minhas costelas.

— Pelo quê? — ele diz.

— Desculpe?

— Para que serve o dinheiro?

Estou tão sem fôlego que mal consigo falar. Mas eu forço as palavras em meus lábios. — Para nos manter quietos. — eu digo.

A boca de Gio aperta.

— Eu disse aos policiais que eram os russos. Mas eu poderia chamá-los de...

Gio levanta um dedo para interromper. — Não diga isso, porra. — Seu olhar é negro como a noite. — Seriamente. Ninguém chantageia um Tacone e vai embora.

Eu engasgo com a respiração.

Chantagem. Sim, acho que foi isso que acabei de tentar. E agora estou

tão fodida.

Ele acabou de me dizer que estou morta? Ele vai atirar em mim aqui mesmo? Ou me levar para a floresta e me obrigar a cavar minha própria cova?

Eu me levanto da cadeira e vou em direção à porta. — Você não pode... eu... os federais sabem que estou aqui. — eu deixo escapar. — Estou usando uma escuta.

— Não toque nessa porta. — Seu comando soa com autoridade de aço. Eu congelo. Talvez ele tenha uma arma apontada para minha cabeça.

Gio me alcança na porta. Ele pega meus pulsos e os prende nas minhas costas com uma mão e me achata contra a madeira grossa e cara. Com a outra, ele enfia os dedos no meu coque francês e puxa minha cabeça para trás. — Usando uma escuta. — Sua voz goteja com descrença.

Tento responder, mas apenas um som ininteligível escapa de meus lábios.

— Bem, acho melhor verificar. — Sua mão desliza pela minha barriga, por dentro da minha blusa.

No momento em que isso acontece, o ar eletrifica entre nós. Mudanças.

Ele sabe, sem sombra de dúvida, que estou blefando. Seu toque queima minha pele, embora ele mal apareça na superfície. Ele me mantém cativa enquanto verifica dentro de ambos os bojos do sutiã, entre meus seios, nas minhas costas. — Nada aqui. — Sua voz soa mais profunda do que antes. Não tão controlada ou com raiva.

Ele puxa o zíper da minha saia e ela cai no chão aos meus pés. Estou usando meia-calça rosa claro que combina com minha calcinha e sutiã.

Ele tsks. — Esse era realmente o seu plano? Colocar roupas de adulto, me mostrar um pouco de decote e essas lindas pernas e depois me ameaçar? Péssima jogada, Marissa.

— Sinto muito, Sr. Tacone.

— Nossas famílias são antigas. Somos aliados, garotinha. Tudo o que você precisava fazer era pedir o dinheiro e ele seria seu. Em vez disso, você aponta uma arma para mim.

— E-eu não tenho uma arma.

Sua risada é sombria e ressoa em meus membros, tornando-os ainda mais fracos. — Metáfora, anjo.

— Oh. — Oh. Isso é tudo que eu posso pensar em dizer? Vou ter que pensar mais rápido se quiser cavar para escapar desse desastre.

— Por que você me ameaçaria, Marissa? Você tem que saber como seria fácil para mim apagar você e toda a sua família da existência. Você viu com seus próprios olhos do que somos capazes.

Meu corpo fica rígido. Gelado. — Você não pode me matar. — Estou engasgando com minha própria saliva.

Ele ri de novo, mas muda a mão do meu cabelo para a minha nuca e me pressiona contra a porta, meu rosto achatando com a pressão constante. — Tem certeza disso?

Sua outra mão começa a vagar rapidamente pela parte de trás da minha calcinha, por dentro do cócs, entre minhas pernas.

O frio se transforma em uma onda de vergonha. Ele dá um leve tapa na minha bunda. — Sem fio. Mas nós já sabíamos disso. Você é uma péssima mentirosa, Marissa.

Eu engasgo com as lágrimas na minha garganta. — Mas você teve que me revistar de qualquer maneira?

Sua mão perscrutadora repousa levemente em meu quadril. Ele acaricia a lateral da minha coxa até a minha cintura. — Isso não foi uma revista íntima. Você ainda está de roupa. Mas eu ficaria feliz em obedecer, se é isso que você quer.

— Você está doente. — eu mordo.

Ele bate na minha bunda novamente, desta vez com força. — E você está em um mundo de problemas. — Ele me puxa para fora da porta, e eu

saio da saia aos meus pés antes que ele me gire e me leve até a cadeira de couro e me empurre para ela.

— Estou desapontado com você, Marissa. — Ele olha para mim com olhos escuros e brilhantes. — Tipo, decepcionado de partir o coração.

Eu esfrego meus lábios, o coração batendo tão rápido quanto o de um beija-flor.

Ele inclina a cabeça para o lado. — Foi orgulho?

— O quê?

— Isso a impediu de apenas perguntar? — Ele passa um dedo pela manga da minha blusa, pensativo. — Feminismo?

Ele realmente quer saber. Acho que o ofendi genuinamente por não pedir o favor. Ele queria ser aquele cara que o concedia. Queria ser o sugar daddy para mim e eu neguei a ele o prazer.

Por que eu? Ele tem razão. Teria sido fácil. Eu sabia que ele teria me dado o dinheiro. Acho que só queria alguma medida de controle nessa interação. Que é como a gazela tentando dominar o leão.

Eu engulo a banda de pavor em volta da minha garganta e aceno com a cabeça. — Algo assim. — eu admito.

Ele se inclina contra a mesa, de frente para mim, os braços cruzados casualmente sobre o peito. Ele está absolutamente elegante em suas calças de terno caras e camisa de botão, aberta na garganta. Ele varre um olhar frio para baixo do meu corpo, fazendo-me consciente do fato de que estou de calcinha, com todo o comprimento das minhas pernas à mostra para ele.

— Como isso está funcionando para você?

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto. Ele se afasta da mesa e limpa um com o polegar. — Você não precisa chorar. Um cara como eu pode deixar passar qualquer coisa quando se trata de uma mulher tão bonita quanto você. Especialmente considerando nossa história familiar.

Poderia.

Ele pode deixar qualquer coisa passar.

E é aí que admito para mim mesma que sabia disso o tempo todo. Eu sabia que ele não iria me matar. Sei que não conseguiria o controle que tanto queria. Eu sabia que chegaria a isso. Ele exigindo favores sexuais de mim.

E a parte estúpida de tudo isso é que a ideia não é abominável porque ele não me enoja. Ou que não quero fazer sexo com ele.

Porque honestamente?

Eu faço.

Ele é sexy como o inferno.

É porque tenho medo de gostar.

Isso, e eu não quero pertencer ao próprio diabo.

— Eu não estou fazendo sexo com você. — eu deixo escapar.

Acho que ele vai fazer cara feia ou pior, me dizer friamente por que estou. Em vez disso, seu sorriso se estende amplamente. — Obrigado pelo esclarecimento, boneca, mas não estou interessado. Eu não tenho que forçar ou pagar por sexo, garotinha.

Meu rosto fica quente, mesmo quando um formigamento semelhante enruga meus mamilos e poças em minha barriga. Eu ainda sinto suas mãos por todo o meu corpo. Por toda parte aquelas palmas grandes e ásperas viajavam sobre minha pele nua.

Ele coloca um dedo sob meu queixo e inclina meu rosto para o dele. — Mas o que eu vou fazer com você? Essa é a questão.

Eu pisco rapidamente com as lágrimas se formando em meus cílios.

— Quanto você precisa?

Eu vou ainda. Ele vai me dar o dinheiro? Depois que eu realmente fodi com isso? — Trinta mil. — Minha voz falha.

— Pelo quê?

Eu engulo. — Minha priminha precisa de uma cirurgia. Ela está marcada para segunda-feira, mas o seguro se recusou a pagar e o hospital

ligou e disse que se eles não receberem um cheque até o final do expediente de hoje, eles não o farão.

Juro que Gio parece um pouco triste. — Isso é tudo que você tinha que me dizer, você sabe.

O peso desce até minha barriga. Como se eu estivesse levando a sério sua decepção comigo. O que é estúpido.

— Não precisava mostrar as pernas nem o decote. *Você não precisava me chantagear.* — Ele levanta a voz nas últimas três palavras, e vejo o temperamento de Tacone que eu esperava.

O tremor recomeça. — Sinto muito. — eu sussurro.

Ele cruza os braços sobre o peito, seu olhar de repente duro. — Você deveria sentir.

Ele caminha para trás de sua mesa e tira uma pintura da parede. Atrás dele encontra-se um cofre. Ele abre, tira três pilhas de notas de cem dólares e as joga no meu colo.



GIO

Eu não deveria estar tão mal. Sou o cara que as pessoas procuram quando precisam de dinheiro. Normalmente, se eles não têm nada a oferecer, há mendicância e súplica. A promessa de qualquer favor que exijo. Ameaças são muito menos comuns.

Marissa foi além de estúpida por ir lá comigo.

Ainda assim, azeda tudo para mim. Não me torna menos difícil para ela, mas azeda as coisas.

Aqui eu estava atribuindo alguma importância mítica a ela - a garota em todos os pesadelos. Eu senti sua atração por mim. Perguntei-me se talvez tudo isso significasse alguma coisa.

Algo maior.

Como se minha segunda chance tivesse algo a ver com ela.

Porra ha.

Ela precisa de trinta mil como qualquer outro candidato a um empréstimo Taccone. E ao invés de pedir, ela entra e exige com uma ameaça.

Sim, ainda estou chateado. Eu quero dar um tapa na bunda dela por isso.

Como se ela lesse minha mente, ela olha para mim, sem tocar nos maços de dinheiro que joguei em seu colo. — Desculpe. Eu realmente estraguei tudo. Fodi com você. — Seus lábios tremem, mas ela encontra meu olhar com coragem. Eu gosto da maneira como seu peito sobe e desce, fazendo com que a abertura em sua blusa de seda se desloque sobre seus seios. — Não acredito que você ainda está me dando o dinheiro.

Eu me sento na ponta da minha mesa novamente. É uma posição de poder. Eu consigo relaxar casualmente enquanto ainda paio sobre ela. — Eu teria dado a você em um piscar de olhos, boneca. Nenhuma garantia além da porra do cannoli da sua avó. Mas agora estou meio chateado.

Ela acena com a cabeça. — Eu sei. — Uma lágrima escorre do canto externo de um olho, mas seu rosto permanece impassível. Ela é corajosa, admito isso. Estúpida, mas ela tem bolas. — Eu ia vir e perguntar. Não sei por que coloquei as roupas. — Ela puxa a blusa para baixo como se fosse cobrir sua calcinha se ela se esforçar bastante.

Eu gosto dela nua para mim assim. Gosto demais pra caralho.

— Mas aí eu fiquei com medo. Eu estava com medo de você tomar posse do Caffè Milano, como seu pai fez. Meu avô levou quarenta anos para pagá-lo. Ou eu não sei, talvez ele nunca tenha feito isso e você e seus irmãos simplesmente deixaram pra lá quando seu pai foi embora... — Ela para de falar como se estivesse com medo de me ofender.

— Para a prisão?

Ela acena com a cabeça.

Eu a considero, tentando lembrar o fim do negócio. Milano sempre foi nosso refúgio, desde que me lembro. Nunca pensei em como ou por quê. Júnior provavelmente saberia.

— Meu pai costumava estruturar empréstimos para manter os homens permanentemente sob seu controle. — Pode muito bem chamar uma pá de pá. — Ele provavelmente impossibilitou o pagamento para que pudéssemos usar o Milano como nossa sede.

Ela fica pálida, como se a notícia fosse ainda pior do que ela imaginava. Claramente o velho a manteve protegida.

— Então, você não quer que eu fique com Milano. — Eu dou de ombros. — Gosto do lugar, mas está tudo bem. Eu não me via servindo café expresso e limpando mesas de qualquer maneira. Podemos fazer um acordo diferente.

Ela olha para mim, seu olhar azul-esverdeado cauteloso. — Que tipo de acordo?

— Não sei. — Eu inclino minha cabeça. — Você não foi para a escola de culinária? Eu poderia usar um chef pessoal por aqui.

O alívio que a percorre é imediatamente aparente pela maneira como sua postura se endireita e seus olhos se arregalam. — Oh meu Deus, eu posso fazer isso. Quer dizer, sim. — Ela realmente parece animada com a ideia. Uma mulher que ama seu ofício. — Posso preparar refeições para você e deixá-las lá. Alguns dias de cada vez. Ou uma semana inteira. O que você quiser, Sr. Taccone.

— Primeiro, você vai me chamar de Gio ou teremos um problema. Quero dizer *outro* problema.

Seus lábios se curvam. Isso. É engraçado como fico aliviado em vê-la relaxar.

— Em segundo lugar, eu não estava pensando em desistências. Eu estava pensando que você viria aqui, com ou sem a saia justa, e cozinharía na minha cozinha. — Na verdade, meu pau fica duro pensando nisso.

Parte da tensão retorna. — Não posso. Quero dizer, talvez uma noite

por semana. Mas trabalho em tempo integral em um restaurante e no Milano a cada dois minutos.

— Trabalhadora. — Eu não estou surpreso. Ela pode ter estragado esta reunião, mas ela tem capacidade escrita em cima dela. — OK. Uma noite por semana, você prepara o jantar para mim e deixa minhas refeições preparadas para a semana. Vou deduzir quinhentos por semana da sua conta e dar-lhe dinheiro para as compras.

Ela pega o dinheiro no colo - é a primeira vez que o toca - e se levanta. — Você está falando sério?

Eu me preparo para sua gratidão. Eu não sei - eu quase prefiro ela espinhosa e jogando sombra a momentos como este. Onde ela me mostra tudo no fundo daqueles olhos inocentes. Ela coloca os braços em volta de mim como fez na outra noite no café e se inclina para um abraço.

Não leio muito sobre isso - ela é italiana, como eu. Nós tocamos. Nós beijamos. Nós nos abraçamos. Mas ela está de calcinha e essa porra de meia-calça que deixa meu pau mais duro que pedra e ela definitivamente sente minha apreciação.

Ela prende a respiração e há um momento de hesitação.

Ela não se afasta. Ela fica imóvel.

O velho Gio já a teria nas costas. Eu a deitaria na minha mesa abriria aquelas pernas e bateria nela com força, e o tempo todo ela me agradecería pela foda e pelo dinheiro.

O novo Gio pensa demais.

Ou talvez seja só porque é Marissa. A garota dos pesadelos.

Ela disse que não está fazendo sexo comigo. Eu sei que poderia fazê-la querer. Eu sei que ela quer, mesmo.

Mas não aguento o peso de nenhuma merda nova na minha consciência. Foder com a garota Milano depois do que acabou de acontecer entre nós seria questionável. Ela aceitaria, mas me odiaria amanhã. Então, eu me forço a desenrolar meu braço em torno de suas costas e dou um leve tapa em sua bunda.

— Ainda estou chateado.

Era a coisa certa a se fazer. Ela recupera a confiança e me dá um sorriso sedutor, jogando o dinheiro na minha mesa. — Você não ficará depois de provar a comida que eu cozinharei para você.

— Confiante. Eu gosto disso.

Ela pega a saia e a veste.

Como não consigo resistir a me aproximar dela de novo, fico atrás dela, bato em suas mãos e fecho o zíper.

Eu mal posso esperar para provar a comida que ela cozinhará para mim.

Finalmente, uma razão para viver.



MARISSA

Arrepios sobem em meus braços.

Eu nunca tive um cara me vestindo antes. Há algo tão íntimo em Gio fechando o zíper da minha saia - mais íntimo, até, do que a revista de strip-tease. Do que ficar na frente dele sem minha saia.

É como algo que um cara casado faz com sua esposa. Nos filmes, porém. Só nos filmes. Não sei. Eu só tenho meus avós como exemplos, mas sinto que os casados se tornam práticos demais para vestir um ao outro.

Estou tonta agora. Todos os meus medos e ansiedades se transformaram em algo emocionante. O alívio de pagar pela cirurgia de Mia se mistura com a expectativa de mostrar minhas habilidades culinárias, tudo misturado com uma pesada camada de tensão sexual.

— Venha, vou levá-la ao hospital. — Gio ainda está bem atrás de mim, sua voz profunda e rouca fazendo coisas malucas no meu íntimo.

Eu me viro, surpresa. — Você irá?

Ele arqueia uma sobrancelha arrogante. O assustador mafioso se foi e o charmoso Gio está de volta. — Você acha que eu vou deixar você andar com esses saltos? Você mal conseguiu chegar aqui.

Meu rosto fica quente. — Você notou isso, hein?

Os olhos de Gio se enrugam e ele estende a mão. Sua forma esguia é relaxada, ele exala confiança e facilidade. — Qual hospital?

Hesito por um momento antes de colocar minha mão na dele. É isso.

Estou me juntando ao diabo.

Minha pequena palma desliza sobre a maior dele e ele fecha os dedos.

Eu limpo minha garganta. — St. Francis, mas tenho que passar no banco para pegar um cheque administrativo.

— Tudo bem. Vamos.



— Obrigada pela carona. — murmuro quando entramos no estacionamento do hospital. O cheque administrativo estaladiço está na minha mão, mas Gio não me deixa sair na frente, ele estaciona e sai.

Achei a viagem excepcionalmente generosa, especialmente considerando a maneira como as coisas aconteceram entre nós. Mas agora eu me pergunto qual é o jogo dele.

— Você está se certificando de que não menti sobre o motivo pelo qual preciso do dinheiro?

Um canto de seus lábios se curva naquele sorriso conhecedor. — Você não mentiu. — Ele dá a volta em sua linda Mercedes G-wagon para o meu lado e coloca a mão na parte inferior das minhas costas.

— Você não precisa entrar. — digo a ele. Ainda não consigo entender, o que me deixa desconfortável.

— Estou entrando.

Essa é a parte que me preocupa. Um Tacone faz o que quer. Não há

como perguntar. Sem negociações. E eu apenas abri a porta e o deixei entrar de novo em nossas vidas.

Eu paro teimosamente. — Por que, Gio?

— Porque eu quero, boneca. Pare de ser tão desagradável. — As palavras saem facilmente, mas tenho a sensação de que o ofendi novamente.

Mas isso não faz sentido.

Começo a andar de novo, lançando olhares furtivos para ele enquanto caminhamos.

— O quê? — ele exige quando entramos em um elevador até o andar financeiro.

Eu balanço minha cabeça rapidamente.

Ele exala, como se estivesse concedendo algo. — Estou aqui para cuidar de você, Marissa. Você carrega muito peso para sua família. O mínimo que posso fazer é levar você até o hospital e ir com você para garantir que tudo seja bem feito.

Eu pisco de volta o calor que queima meus globos oculares. Só de ter alguém reconhecendo o peso em meus ombros já é um alívio, mas também ouvir que Gio Tacone realmente se preocupa comigo e com minha família - como ele tem declarado - é um choque. A culpa por toda a minha desconfiança, pela minha tentativa de chantagem e toda a minha maldade me inunda. Eu verifico se minha boca está aberta.

— Eu sei, chocante. — Ele enfia as mãos nos bolsos e encosta o ombro na parede do elevador. — E você pensou que eu era incapaz de fazer qualquer coisa legal.

— Eu não... — mas paro o protesto, porque ele está certo.

O elevador para e nós descemos. Eu endireito meus ombros e caminho em direção ao escritório de negócios. Estou feliz por ter usado saia e salto agora, porque eles me dão confiança. Eu me sinto estranhamente forte e sexy. É porque tenho Gio nas minhas costas? Ou porque é assim que ele me vê e sinto sua apreciação? Eu atiro a ele um olhar de soslaio e ele retribui,

um canto de sua boca virando para cima como se ele fosse sexo no palito.

Engraçado, como eu quero recompensá-lo com sexo agora. Acho que é essa a diferença. Eu não queria que fosse algo que ele tirou de mim. Ou exigido. Agora ele mereceu.

Oh, senhor. Por que estou pensando em sexo com Gio? Não está acontecendo. Péssima ideia. Ele é um jogador e um mafioso. Não aquele homem com quem quero dançar tango.

Chegamos ao escritório comercial e deslizo o cheque pela mesa. — Estou aqui para pagar a cirurgia de Mia Milano. — Eu levanto meu queixo. Uma palavra e ela vai ouvir o que penso sobre este hospital e suas técnicas de chantagem.

Ela digita o nome de Mia e clica em seu computador por alguns minutos. — Ok, seu total é \$ 32.784,59.

Eu olho para o cheque. Por que não considere que poderia ser mais de trinta mil? — São trinta mil. Vou colocar o resto no meu cartão de crédito.

— Não. — Gio enfia a mão no bolso do paletó e tira um maço enorme de dinheiro. Ele conta notas de 2.800 dólares. — Isso vai cobrir tudo.

Eu me recuso a mostrar minha gratidão por isso, ou deixar transparecer o quanto ver um homem bonito jogar fora aquela quantia de dinheiro sem piscar me afeta. Eu apenas pego o dinheiro e o deslizo, como se lidar com uma quantia dessas fosse algo que eu fizesse todos os dias.

— Não costumamos aceitar grandes quantias em dinheiro. Terei que ligar para meu supervisor para ter certeza de que podemos atender a isso.

— Você faz isso. — diz Gio. Para outro homem pode parecer rude ou condescendente, mas este é Gio, então a balconista pensa que ele está flertando. Ela cora e sorri para ele com o telefone no ouvido. Alguns minutos depois, ela desliga. — Nós podemos pegar. — Ela conta tudo e chama um segurança para depositar. — Você está pronta, então. Vou deixar o médico saber que já está pago e que a cirurgia de Mia pode continuar como marcada amanhã.

— Obrigada. — eu digo com firmeza e me afasto antes de sair com ela. Não é culpa dela que este país tenha um sistema de saúde falido.

Voltamos para o elevador sem dizer uma palavra. Só quando estamos nele é que me viro e olho para o rosto de Gio. — Você vai adicionar o extra à minha conta, presumo?

Ele franze os lábios, como se me achasse divertido, mas não fala por um momento. — É por minha conta, boneca.

Isso não deveria me molhar. Não estamos em um encontro. Ele não pagou apenas pelo jantar. Na verdade, sei pelas relações do meu avô com Arturo Tacone que nada vem de graça com esses caras. Mas há alguma biologia estúpida envolvida. Macho alfa sexy como provedor rico e poderoso. Hormônios estão inundando meu sistema. Minha biologia interna está gritando *sim! Escolha este!*

Ovários bobos, bobos. Pare de jogar ovos. Não estamos saindo com esse cara. Definitivamente não ter seus bebês.

Ainda assim, encontro-me presa em seu olhar, refletindo aquele sorriso divertido e secreto que ele usa.

O elevador se abre e eu volto à realidade. — Posso encontrar meu próprio caminho para casa. Obrigada Gio.

— Não. Estou levando você para casa, anjo. Sem argumentos.

Sem argumentos. Ele é mandão como o inferno. O que também não deve ser excitante.

— Moro com meus avós — deixo escapar, caso ele esteja pensando que vou fazer sexo com ele quando chegarmos em casa.

Diversão pisca em seu rosto. Ele abre minha porta para mim.

— Eu não quero que eles saibam sobre isso. — digo a ele.

Ele fica imóvel. — Tudo bem. — diz ele lentamente.

Eu subo no assento para não dizer mais nada, não querendo ofendê-lo. Sei agora que ele é babado, apesar da atitude casual e jovial que ele usa tão bem.

Ele dá a volta e entra no lado do motorista. — Você não assinou o café. Você está apenas cozinhando comida.

— Eu sei, mas eles não iriam gostar. — eu admito.

— Eles têm algum problema comigo? — ele exige.

Droga. Ele se ofendeu. Não posso deixar de admirar sua franqueza, no entanto. É um homem acostumado a ir ao fundo das coisas. Aparentemente não apenas com os punhos.

— Não com você, especificamente. — eu me esquivo. Que é verdade. — Mas eu não disse a eles que iria até você pelo dinheiro. Eles estariam preocupados em acumular dívidas com os Tacones novamente.

— Não são os Tacones, sou eu. — diz Gio, assim esclarecendo tudo. — A Família não possui o marcador. Eu não vou colocar isso em nossos livros, ok? É só entre você e eu.

Estou molhada de novo. Não sei por que sua disposição de me tratar com gentileza tem tanto efeito, mas tem.

— Então, você não vai contar aos meus avós?

— Não.

— Promete?

— *Lo prometto*. — Ele tira a mão do volante e a levanta como se estivesse xingando um juiz. Seu sexy SUV preto dispara pelo tráfego, sua proeza ao dirigir não menos impressionante do que tudo o que ele faz.

Sento-me no confortável assento de couro e me permito acreditar que tudo vai ficar bem.

Acreditar que posso confiar em Gio Tacone e que não entreguei minha alma ao diabo.

CAPÍTULO TRÊS

GIO

— Você está diferente. — meu irmão mais velho, Paolo, me diz. Estamos na casa da minha mãe para o jantar de domingo. Nosso irmão mais velho, Junior e sua nova esposa, Desiree, estão na cozinha fazendo o jantar porque mamãe está ficando velha demais para cozinhar para todos nós. Além disso, ela está segurando o bebê de Junior e Desiree, Santo Taccone III, fazendo um barulho louco por ele.

Ainda há um toque de admiração na coisa do bebê para todos nós. Junior perdeu sua filha em um acidente de afogamento há dez anos e se desligou emocionalmente. Até este ano, não tínhamos outro bebê na família. Agora temos cinco, se você contar os dois enteados russos da minha irmã e o filho de Desiree, Jasper.

— Você parece o mesmo *stronzo*. — digo a Paolo. Como o irmão é apenas dois anos mais velho que eu, ele acha que seu trabalho na vida é estourar minhas bolas.

O que diabos ele quer dizer com eu pareço diferente?

Ele está olhando para mim com avidez, como se meu nariz estivesse em um novo lugar ou algo assim.

— O quê?

— Não sei. Você parece melhor. Mais como você.

É a Marissa.

Eu quero negar o sussurro da verdade. Eu já sei que estou dando muita importância a essa garota.

Acontece que ela é a infeliz mulher presa em um loop dos meus pesadelos. E ela também me deve trinta mil, que ela vai pagar de uma forma que me deixa muito animado. Mas de qualquer forma. Contanto que eu não atribua significado a isso, devo ficar feliz que qualquer coisa me excite.

Então, acho que Paolo está certo. Eu não sou mais eu.

Exceto que eu não sei quem diabos *eu sou mais*.

Mas guardo para mim esse mal-estar existencial. A última coisa que preciso é de Junior ou Paolo bagunçando minha vida para tentar me consertar.

Famílias italianas. Eles estão interferindo demais.

Vou até o piano da minha mãe, sento e toco *Get Lucky*, do Daft Punk. Eu sei que Jasper vai reconhecê-la. Ele corre e fica ao meu lado para ouvir.

— Toque de novo, tio Gio. — ele exige quando termino.

— Não, é hora de comer. — Desiree diz a ele. Ela levanta a voz para chamar todos nós. — O jantar está pronto.

Observo-a se movimentar, despejando água nos copos de todos. Ela tem esse jeito capaz de servir sem ser nem um pouco servil. Uma portoriquenha americana impulsiva, ela era a enfermeira doméstica de nossa mãe antes de Junior sequestrá-la para cuidar de mim de volta à terra dos vivos. Ela foi a única enfermeira que minha mãe não superou e conquistou facilmente todo o nosso respeito e amor.

Junior carrega uma caçarola com ziti assado recheado e a coloca na mesa antes de se sentar na cadeira de nosso pai na cabeceira.

Desiree pega o bebê Santo dos braços de minha mãe e o senta no colo dela, onde ele começa a pegar as coisas da mesa. Ela pega os quebráveis e entrega a ele uma colher. — Gio, você parece bem.

— Viu? — Paulo diz. — Foi o que eu disse a ele. O que aconteceu? Você transou?

— Paolo. — Mamãe repreende. — Há crianças presentes e você está sentado à minha mesa de jantar.

— Desculpe, mãe.

Mas agora toda a mesa está olhando para mim. — Estou me sentindo bem, só isso. — Dispensando a atenção. Nossa mãe nunca soube que levei um tiro, então sou propositalmente vago.

— Bom. Isso é bom. — Um traço de preocupação está no olhar de Junior. Há muita merda pela qual eu poderia culpá-lo, mas não me levar para o hospital quando levei um tiro não é uma delas. Ele não precisa disso em sua consciência. Eu sei que ele fez o que tinha que fazer para proteger a todos nós. E eu vivi.

Na verdade, me ressinto por ele ter seguido em frente. Ele fechou os negócios da família para se estabelecer com Desiree. E eu fico segurando meu pau.

E eu não sei o que diabos Paolo está fazendo. Acho que ele ainda tem um negócio paralelo por conta própria, o que nenhum de nós jamais mencionou.

Mas acho que somos livres para fazer isso. Somos homens adultos com milhões de dólares cada um, graças ao investimento da Família no cassino de Nico.

— Gio e Paolo, quando vocês vão me dar netos? — Mãe começa.

— Não conte com isso. — diz Paolo. — Não de mim, de qualquer maneira. Mas quem sabe, talvez Gio desista de seus modos de playboy agora.

— O que você quer dizer *agora*? — Mamãe diz.

Junior lança um olhar de advertência para Paolo.

Paolo joga com um encolher de ombros. — Agora que quatro de nossos irmãos levaram a queda.

— A queda? Muito legal, Paolo. — Desiree dispara do outro lado da mesa com um revirar de olhos. Ela lhe entrega a cesta de pães, porém, que ele tentava alcançar.

Não desejo uma esposa e filhos.

Pelo menos eu nunca fiz. Mesmo assistindo meus irmãos e irmã encontrarem o amor não mudou isso para mim. Embora tenha aumentado minha crise interior. Tipo, por que diabos eu não quero isso?

Eu não deveria querer?

A única coisa é que de repente estou imaginando Marissa aqui nesta mesa. Ela estaria servindo sua comida gourmet, dando merda a Paolo junto com Desiree.

Como ela ficaria grávida?

Balanço a cabeça, piscando. Tentando afastar a imagem de deusa linda que tenho dela em um vestido branco esvoaçante, cabelo caindo sobre o ombro e uma barriga inchada.

Eu devo estar maluco.

Ela não é o sentido que falta na minha vida. Eu preciso parar de atribuir esse tipo de importância besteira para ela.

Ela é uma chef mal legalizada que me deve dinheiro.

Fim da história.



MARISSA

Pego o braço de Lilah e a puxo para entrar comigo. — Arnie agarrou meu peito e eu não tinha o maldito garfo em mim. Na verdade, ele buzinou, como um aluno da sexta série que quer levar uma joelhada nas bolas.

— Você fez? Deu uma joelhada nas bolas dele?

Eu gemo, caindo. — Na verdade, eu tentei, mas ele foi muito rápido. A quem você acha que devo contar? Henry ou Michael? — Michael é o proprietário. Ele é bastante prático na cozinha, deixando todas as contratações, demissões e gerenciamento para Henry e Arnie.

— Talvez Michael. Ele é o único com uma responsabilidade aqui. Você sabe o que você deveria fazer? Vá para casa hoje à noite e ligue para ele amanhã, antes que alguém chegue. Dessa forma, Arnie e Henry não vão ver você passando por cima deles.

Arnie enfia a cabeça no corredor, depois sorri e entra com um sorriso

largo. — O que está acontecendo, meninas? Achei que você já tivesse ido para casa.

— Já estamos saindo. — Passo por ele com força, sentindo Lilah bem atrás de mim. Pegamos nossas jaquetas e saímos. *Eca*.

— Ligue amanhã. — diz Lilah com firmeza enquanto nos separamos. — Promete?

— Sim. — eu digo, embora ainda não tenha me decidido. Eu gosto tanto desse trabalho que não tenho certeza se quero arriscar estragar tudo. Além disso, Arnie não é um perigo real. Ele é um aborrecimento, não um estuprador.

Pelo menos eu espero.

Ando em direção à estação de trem.

A princípio, não percebo o carro que sai, mas quando ele dirige lentamente ao meu lado e a janela abaixa, eu olho. Só por causa dos meus pensamentos sobre Arnie, imagino por um minuto que possa ser ele.

Mas isso é estúpido. É um belo SUV preto. Um que eu reconheço imediatamente.

É Gio.

Eu paro.

— Entre no carro.

Meu coração ainda está batendo rápido. Não consigo decidir se é porque isso parece o começo de todas as cenas mortais de máfia que já vi nos filmes ou se é por causa do que Gio faz com meu corpo.

De qualquer maneira, não vou entrar. Começo a andar de novo. — Não, obrigada.

Sinto a irritação de Gio pela janela aberta quando ele pisa no freio e me segue.

— Marissa. Eu vou te levar para casa. Isso é tudo. Entre na porra do carro.

Eu paro novamente. — O que você está fazendo aqui?

Tínhamos trocado algumas mensagens sobre em que noite eu iria para a casa dele e os detalhes. Ele perguntou onde eu trabalho e eu disse a ele. Definitivamente não era um convite.

— Eu estava experimentando a comida. Queria ver onde você trabalhava.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Fechamos há uma hora.

— Sim. Eu estava no bar tomando uma bebida. Agora estou saindo e vejo você andando sozinha. Eu não gosto disso.

Não tenho certeza se compro a história dele. Parece-me que ele estava sentado em seu carro esperando por mim. É um pouco assustador, considerando sua profissão.

— Eu caminho sozinha todas as noites, Gio. Estou bem. — Levanto a gola para me proteger do frio do outono e sigo em frente.

— Marissa. — Sua voz morde, afiada com o comando. Ele é um homem acostumado a conseguir o que quer. Acostumado a ter suas ordens obedecidas. O som de sua voz faz algo comigo, embora eu não queira deixá-lo ter poder sobre mim. — Entre na porra do carro.

— Estou bem, Gio. — Eu tento manter minha voz leve.

— Você sabe que eu posso fazer você entrar, certo?

Isso faz algo inesperado para mim. Minha reação não é medo. É calor. Lava líquida se acumulando entre minhas pernas. Um aperto na minha boceta.

Eu me viro para encará-lo pela primeira vez. — Você provavelmente gostaria disso.

O aborrecimento em seu rosto se transforma em um sorriso torto - aquele que derrete calcinhas em toda a cidade. — Você também pode, anjo. Quer tentar?

Meu rosto fica quente, mas formigamentos se espalham pela minha pele. — O que você vai fazer? — Minha voz soa ridiculamente rouca.

Seu sorriso se alarga. — Entre no carro antes que eu dê um tapa na sua bunda.

Minha bunda aperta e formiga em resposta, a memória de suas palmadas em seu apartamento voltando.

Ele definitivamente não é do tipo que bate na bunda como Arnie. Ele está no extremo oposto do assédio. O tipo que você deseja experimentar de novo e de novo.

Abro a porta e entro. Seja porque não estou disposta a descobrir se ele seguiria em frente ou porque quero que ele o faça, não tenho certeza.

— Não tenho certeza se estou feliz por você ter obedecido ou desapontado por não conseguir seguir em frente. — Ele expressa meus pensamentos exatos.

Sinto um calor subir pelo meu peito e subir pelo meu pescoço. — Eu acho que você já viu o suficiente da minha bunda. — eu digo afetadamente.

Sua risada é sombria e perversa. — Oh, não. Quase, anjo. Mas esta é apenas uma carona para casa. Você não precisa se segurar no cinto de segurança como se fosse a única coisa que o mantém a salvo de mim.

Eu dou uma olhada de soslaio para ele, devorando sua beleza de tirar o fôlego por um minuto quente.

— Como foi a cirurgia da sua prima?

— Bem. Obrigada. Ela está se recuperando como uma campeã. — A gratidão a Gio aquece meu peito. Não apenas pelo dinheiro, mas por seu interesse contínuo - ajudando-me no hospital, perguntando agora. Eu roubo mais um olhar. — Por que você está realmente aqui, Gio?

Ele dá de ombros e volta a olhar para a estrada. Após um momento de silêncio, ele diz: — A verdade honesta?

Eu me viro para encará-lo.

— Você quer a verdade honesta de Deus?

Meu coração acelera. Sinto algo grande chegando, mas não consigo imaginar o que seria. — Sim. — Eu pareço sem fôlego.

— Você está em meus pesadelos, anjo. Aqueles em que levo um tiro? Às vezes você leva um tiro também.

Eu sufoco um suspiro.

— Eu acho que porque você estava lá quando aconteceu. E então agora eu me sinto apegado a você. E é estúpido, mas às vezes temo que seja um aviso. Como se eu devesse garantir que nada aconteça com você.

Sento-me em silêncio chocada, formigamento levantando os cabelos em meus braços. De todas as confissões que eu esperava e esperava zero, mas ainda assim - não seria esta.

— E-é por isso que você veio ao Milano? Para me checar?

Ele dá um único aceno.

— É por isso que você me emprestou o dinheiro?

Ele dá de ombros. — Tenho certeza de que teria emprestado de qualquer maneira. Mas sim. Parece mais significativo.

Estou atordoadada.

Gio Taccone é supersticioso. Ou religioso. Como queira. O que acho que faz sentido, considerando que ele teve uma experiência de quase morte.

Isso muda tudo o que sinto sobre o homem. Bem, talvez não tudo, mas muito. Seus motivos não são sinistros.

E é estúpido, mas saber que ele atribuiu um significado à minha presença em seus pesadelos me faz sentir especial. Saber que ele pensa que deveria me proteger me dá uma força secreta.

Estendo a mão e toco seu braço. — Todo esse tempo, estive tentando descobrir o que você realmente queria de mim. Por que você estava sendo tão gentil. Achei que poderia ser um truque.

Ele balança a cabeça. — Sem truques. Mas não pense que isso faz de mim um cara legal. — ele avisa, entrando na rua dos meus avós. — Eu não sou. Só estou... tentando me livrar dos pesadelos.

Eu sorrio suavemente. Está na ponta da língua sugerir um terapeuta

em vez de me seguir, mas na verdade não quero isso.

Eu meio que gosto de conhecer o playboy Gio Taccone é meio obcecado por mim. Pelo menos para me manter segura.

É como se eu tivesse meu próprio super-herói pessoal. O tipo sombrio que exerce uma tonelada de poder, mas fez muitas coisas ruins com ele. Ou ele é realmente o super vilão à beira da redenção?

De qualquer maneira, estou tão excitada por isso.

Ele estaciona no meio-fio e eu me inclino, dando-lhe um beijo na bochecha. — Obrigada, Gio. Você é um verdadeiro príncipe.

Ele bufa. — Cuidado, anjo. Vou dissuadi-la dessa noção em segundos.

Eu sorrio. É um sorriso perverso. O tipo de flerte que eu nunca usei antes. — Mal posso esperar.

Oh Deus, eu disse isso? Tarde demais para recuperá-lo. Fecho a porta com a surpresa queimando em seus olhos e corro para a porta dos meus avós.

Gio Taccone. Meu príncipe sombrio.

Eu adoro isso.

CAPÍTULO QUATRO

GIO

Disse a Marissa para ligar quando chegasse à estação L. Que eu a pegaria para que ela não andasse sozinha à noite.

E de alguma forma, eu sabia que ela não iria.

Seja porque ela é teimosa e independente ou porque ela está testando minha ameaça de bater em sua bunda, não tenho certeza. Eu definitivamente notei como ela se transformou em xarope quente e flertou comigo quando eu disse isso.

De qualquer maneira, quando o porteiro liga para dizer que ela está lá embaixo, fico chateado e excitado de uma só vez. — Mande-a subir. — digo a ele e fico na minha porta, os braços cruzados sobre o peito.

A primeira coisa que vejo quando as portas do elevador se abrem é a saia e os saltos. Deixe a trilha sonora: *She's Got Legs*. E ela definitivamente sabe como usá-los.

Meu pau fica mais duro que pedra enquanto a vejo jogar aquele cabelo cor de caramelo e entrar em meu apartamento.

Ela trouxe um caixote em um carrinho de mão, que eu pego dela e coloco depois dos habituais dois beijos no rosto.

— Pedi para você me ligar da estação. — eu a lembro no momento em que fecho a porta.

— Eu queria andar. — Ela passa por mim e entra na cozinha, como se soubesse muito bem que vou seguir com as compras. Ela provavelmente sabe que eu também estou observando sua bunda, com base na maneira como ela está balançando. Assim que chegamos à cozinha, deixo o carrinho e me coloco atrás dela, empurrando seus quadris contra o balcão de granito.

— Anjo, você deve ter entendido mal. — eu murmuro em seu ouvido enquanto pego seus dois pulsos e os prendo atrás das costas.

Ela engasga, mas não diz nada, sua respiração acelerada é a evidência de sua excitação.

Eu dou um tapa forte em sua bunda - punição forte - e ela se contorce um pouco. — Veja, nesta situação, eu sou como seu empregador. Você está trabalhando para mim. — Outro tapa forte, desta vez no outro lado.

Ela se mexe nos calcanhares, balançando ligeiramente.

— Quando dou instruções a você, espero que sejam seguidas, meu anjo. — Mais um tapa. — Ou haverá consequências. — Esfrego o último lugar onde bati, deixando o tecido escorregadio deslizar sobre a deliciosa curva de sua bunda.

Passo por ela para pegar uma colher de pau do pote de utensílios. Eu deslizo sob seu nariz. — Desobedeça-me de novo, meu anjo, e a saia sai.

Eu me permito mais uma massagem, moldando meus dedos ao redor da metade inferior de suas nádegas e passando entre suas pernas até onde o tecido permite.

Então eu a solto e a giro. Seu rosto está corado, as pupilas dilatadas. Eu não posso me impedir de reivindicar sua boca, provar seus doces lábios, dar-lhe apenas um pequeno toque de minha língua.

Quando interrompo o beijo, ela olha para mim, a surpresa fazendo seus olhos verdes-azulado se arregalarem.

— Obrigado por usar a saia, Marissa. — Minha voz soa três vezes mais baixa do que o normal.

Eu a libero completamente, não confiando em mim mesmo para não jogá-la no balcão e abrir suas pernas assassinas. Para fazê-la esquecer de cozinhar e gritar meu nome até ficar rouca.

Mas eu disse a ela que não estava pagando por sexo. E ela está na minha conta agora.

Eu envolvo meu braço atrás dela e seguro sua bunda, dando-lhe um aperto suave. — *Capiche?*

Ela esfrega os lábios inchados e acena com a cabeça. — Sim.

— Boa menina. — Mais um aperto. — O que tem para o jantar?

— Jantar. Um sim. — Ela se vira para o caixote e começa a desempacotá-lo. — Salmão em crosta de amêndoa com molho de tomilho-limão e salada de alcachofra. Você vai adorar.

— Oh, não tenho dúvidas. — Eu inclino um quadril contra os armários. Gosto de vê-la recuperar o passo novamente, passando de confusa para autoconfiante. Demora cerca de dez minutos, mas então ela se acomoda, movendo-se pela minha cozinha como se fosse a dona do lugar. Frigideira no fogão, tábua e faca na mão, legumes cortados em cubos organizados em pilhas.

— Então, vinho branco? — Eu pergunto. — Você quer escolher?

Ela olha por cima do ombro com uma expressão que me deixa mais duro do que mármore. É prazer de olhos brilhantes. Ela está toda iluminada, radiante por fazer o que ama e claramente feliz por eu ter pedido sua opinião. — Sim, o que você tem?

Pego três garrafas do refrigerador de vinho e as coloco no balcão. — Você não manda no Michelangelo, não é?

Ela zomba. — Nem mesmo que tamanho cortar um vegetal. — Adoro o sorriso conspiratório que ela me dá enquanto examina as garrafas. — Não ouse variar nem um pouco do que o chef prescreve.

— É por isso que você concordou com isso.

Ela seleciona um dos vinhos - um Chardonnay de carvalho - e o entrega para mim. — Bem, sim. É divertido fazer meu próprio menu. Especialmente com o dinheiro de outra pessoa. — Sua satisfação presunçosa se transfere para mim, enchendo e aquecendo meu peito.

Estou feliz por ser o cara que a deixou presunçosa e satisfeita. Quem deu a ela a oportunidade de se exibir e o dinheiro para gastar.

— Falando nisso... — Eu tiro um maço de dinheiro do meu bolso e conto dez notas de cem dólares. — Isto é para mantimentos.

Ela fecha os dedos em torno das notas dobradas, mas não as tira de mim, encontrando meus olhos em uma andorinha. Ela tenta esconder, mas

o dinheiro a excita tanto quanto excita a maioria da população. — Para o mês? Ou apenas mantenho uma contagem e peço mais quando acabar?

— Para esta semana. — Eu sei muito bem que ela não gastou mil dólares na comida desta semana, mas também quero que ela seja compensada por seu tempo. Sim, ela me deve. Mas ela também trabalha muito, e imagino que esse trabalho ocupou o único tempo livre que ela teve na vida.

Ok, sim, eu sou um sentimental.

Eu também estou me exibindo.

E eu gosto de vê-la fingir que não é afetada por isso. Seu orgulho é tão sexy quanto aquelas pernas.

— Da próxima vez você compra o vinho também. — eu digo a ela, como se eu estivesse sendo um durão.

Ela inspira profundamente pelo nariz e acena com a cabeça. — Com prazer.

— Mas se você não me chamar para dar uma carona, a conta é por sua conta.

Lá. Isso vai pegá-la. Não sei... a colher de pau pode ter sido uma tentação demais. E eu realmente não quero que ela me negue o prazer de mantê-la segura.

A ameaça a excita. Eu sei porque seus mamilos são visíveis sob o sutiã.

Ela joga duro, mas ela gosta de ser mandada. Talvez porque lhe dê algo para resistir.

Abro e sirvo duas taças de vinho, mas além de provar e dar um aceno de satisfação, ela não bebe mais.

O que não deveria ser uma decepção, mas é. Talvez eu esteja lendo muito sobre isso, mas acho que indica que ela não está confortável. Ela quer manter seu juízo perto de mim.

Claro, talvez ela simplesmente não goste de vinho branco. Por que não apenas perguntar? Pelo amor de Deus, eu me transformei na maior boceta.

— Não é uma bebedora de vinho?

Ela desliza um olhar de soslaio para mim. O tipo que espreita sob os cílios e parece ao mesmo tempo dissimulado e recatado. — Estou trabalhando.

— Verdade.

Eu a observo servindo a comida.

Para um.

Um prato.

Meu.

— Você vai ficar para comer. — Eu não faço disso uma pergunta.

Para minha surpresa, a garota durona cora.

Huh.

— O chef não come com os clientes.

— Você está fora do turno. Faça um segundo prato.

Ela não se move. Não sinto resistência total. Mais indecisão. — Isso não é um encontro. — ela esclarece.

— Isso é você pagando sua dívida. Quero comer sua comida e quero que você se sente comigo quando eu experimentar. Isso é pedir muito?

Cazzo. Estou jogando meu peso como um idiota, mas ela não se intimida. Ela torce os lábios dessa maneira fofa e contemplativa e inclina a cabeça para o lado.

— Eu como com você — ela diz lentamente — Se você tocar piano para mim quando terminarmos.

Consigo baixar as sobrancelhas em alguns segundos e abro um sorriso. — O quê? Não acredita que sei tocar?

Ela já está se movendo, preparando o segundo jantar e pegando os talheres das minhas gavetas. Eu amo como ela se sente em casa e não pergunta onde estão as coisas ou por ajuda.

— Eu acredito nisso. Só quero ouvir. — Ela carrega os dois pratos com utensílios enrolados em guardanapos de pano que trouxe para minha mesa perto da janela. Ela arruma a mesa e espera enquanto eu me sirvo de uma segunda taça de vinho e trago as duas taças para a mesa para sentar. — Esta é uma vista incrível.

Isso é. À noite, as luzes da cidade, assim como os iates ancorados ao longo da costa, brilham e refletem nas águas escuras do Lago Michigan. Quando comprei este lugar, imaginei-me exibindo a vista para as mulheres que trouxe para casa para encontros de uma noite.

E antes do tiroteio, eu fiz um pouco disso.

Agora, porém, nem tenho certeza se me importo com essa visão. Era apenas um símbolo da minha riqueza e poder? Ou eu realmente gosto de olhar para a água?

Foda-se se eu sei.

E esse é o problema.

Acho que tenho vivido toda a minha vida fazendo o que considero gratificante. Molhando meu pau. Ficando rico. Tomando o poder e jogando meu peso ao redor. Violência de vez em quando para me fazer sentir como um homem de verdade.

Mas nenhuma dessas coisas foi suficiente desde que levei um tiro. Eu não desejo mais dinheiro. Mais boceta. Mesmo que Junior não tivesse acertado o placar, acho que não queimaria por vingança por levar um tiro. Eu simplesmente não consigo dar a mínima para nada hoje em dia.

Esta garotinha na minha frente, no entanto. Ela é algo diferente. E parece que estou sempre duro com ela.

Levanto minha taça de vinho no ar e espero que a hesitação de Marissa passe para ela pegar a dela e brindar. — Ao nosso novo arranjo.

Eu vejo um lampejo de ansiedade em seu rosto antes que ela acene com firmeza. — Ao nosso novo arranjo. — Nós dois bebemos e eu pego meu garfo, ansioso para provar sua comida.

É incrível - ela usou ingredientes simples, mas os sabores explodem na

minha boca. — *Madonna*, isso é bom. *Che meraviglia*. É maravilhoso.

Eu amo o prazer corado em seu rosto. — Eu fiz você falar italiano.

Eu rio. — Anjo, tenho certeza de que há algumas coisas que você poderia fazer para me fazer aprender a língua antiga.

Ela faz aquele olhar sedutor sob os cílios novamente com um sorriso.

— *Parli Italiano?*

Ela balança a cabeça com pesar. — Não. Eu nunca aprendi a falar isso. Eu posso entender bem só de ouvir meus avós falarem, mas é isso. Eu quero ir para lá algum dia. Você sabia que se você é ítalo-americano pode obter a cidadania italiana? E a faculdade é gratuita para os cidadãos de lá, então eu poderia fazer faculdade na Itália.

— É isso que você quer?

Ela dá de ombros e eu decido que não.

— Eu vou te levar lá, anjo. Mostre-lhe o Velho País.

Um pouco de rubor surge em seu pescoço, decido que ela gosta da ideia, mas não se permite aceitá-la. Assim como ela não podia simplesmente pedir ajuda com a prima. Ela dá uma mordida em seu peixe, embora não demonstre, posso dizer que ela está satisfeita com sua criação.

— É bom, não?

— Acontece.

— Não seja modesta. É delicioso. — Eu tenho que desacelerar minha degustação para não limpar meu prato em minutos e fazer seu trabalho parecer insignificante.

Ela é uma comedora delicada, seus lábios macios se fechando delicadamente em torno dos dentes do garfo de uma forma que sai muito sexual para o conforto do meu pau.

— Então, há quanto tempo você toca piano?

O interesse dela pelo piano é engraçado para mim. Não é um talento que compartilho com ninguém além da família, então não estou

acostumado a ter ninguém falando comigo sobre isso. — Desde que eu tinha seis anos. Era Natal e eu estava em um shopping com minha mãe. Um velho negro com chapéu de Papai Noel estava tocando piano ragtime, e eu parei para assistir. Eu nunca tinha ouvido o som antes, mas mais do que isso, fiquei fascinado com a rapidez com que seus dedos se moviam. Quando ele terminou a música, ele me convidou e me ensinou a tocar *Jingle Bells*.

— E então seus pais colocaram você em aulas?

Engasgo com uma bufada e limpo a boca com um guardanapo. — Muito engraçado. Não, não exatamente.

— Então o que aconteceu?

— Então, fui para casa e implorei pelo meu próprio piano. E meu pai me chamou de marica e disse que garotos não tocam piano. E então eu fui e soquei meu irmão Paolo.

É a vez dela de bufar. — Ele não é mais velho?

— Sim. Eu não escolhi os bebês. Socar seu irmão mais velho é totalmente permitido, no entanto. Então eu poderia levar a surra que tanto desejava e ter um motivo para chorar.

O choque em seu rosto me diz que eu deveria ter parado em *sim*.

— Demais. Desculpe.

— Não, não. — Ela se esforça para esconder sua consternação. — Então, o que aconteceu?

— Então, minha mãe teve um ataque. Ela explodiu com meu pai, quando ela não se mexeu, não falou com ele por quatro dias. E eu tenho um piano. Meu pai me disse que se eu não praticasse todos os dias, ele queimaria a coisa. Pratiquei todos os dias, porra. — Eu dou a ela um sorriso triste.

— Você deve ser bom.

Eu sorrio. — Campeão estadual aos doze anos. — Eu raspo o último de seu delicioso molho do meu prato.

— Você quer mais? Isso foi comida suficiente?

— Eu sempre quero mais, anjo. Mas eu não preciso disso. — Eu acaricio minha barriga.

Ela revira os olhos. — Farei mais da próxima vez. Não gosto de peixe reaquecido, por isso não fiz extra desta vez.

Eu gosto de como ela está ansiosa para agradar. Neste aspecto, nenhum outro. Isso me deixa ligado. Eu me sirvo de mais vinho e sento para vê-la comer.



MARISSA

Mesmo ele me dizendo campeão estadual, eu não estava preparada para o quão incrível Gio toca. Seus dedos dançam sobre as teclas tocando uma música clássica incrível que ouvi em filmes. Ou elevadores.

Fico atrás dele, admirando a facilidade com que ele se comporta, como olha para mim e pisca, como se soubesse que estou maravilhada e achasse isso engraçado.

— Que música é esta?

— *Solfeggietto in C*. Parece mais impressionante do que é. — ele me diz. — Na verdade, são apenas escalas.

Eu rio incrédula. — Não, é bastante impressionante.

Mas estou ficando com coceira. Se eu ficar muito mais tempo, Gio vai pensar que estamos fazendo sexo. Já me sentei para tomar vinho e jantar com ele, o que sei que provavelmente foi um erro. Eu gostaria de não achá-lo tão irresistível pra caralho.

Como se Gio percebesse minha tensão, no momento em que termina a música, ele se levanta. — Eu levo você para casa.

— Ou apenas para a estação de trem. Posso pegar o trem para casa.

— Que porra você vai.

Reviro os olhos, mas sabia que ele ia dizer isso, não posso negar a pequena chama de calor que acende. Meu herói sombrio. Obcecado com a minha segurança.

Eu vou para a cozinha para limpar.

— Deixe-os. — ele ordena. — Eu vou limpar desta vez.

— *Spaciente*. — eu digo. Desculpe. — Uma chef nunca sai de sua cozinha desarrumada. É a regra fundamental.

Os olhos de Gio estão quentes em mim enquanto ele se inclina na porta e apenas me observa me mover. Sou muito rápida - todo chef é. Não há lugar para lentidão na cozinha.

— Eu ajudaria, mas tenho medo de atrapalhar. — observa Gio.

— Você faria. — eu confirmo, ligando a máquina de lavar louça e rolhando o vinho. Eu limpo as bancadas e lavo e seco minhas mãos. — Vamos.

— Sete minutos e vinte e oito segundos. — diz Gio, olhando para o telefone. — Impressionante.

— Eu sei. — eu digo com um sorriso arrogante. Minha destreza na cozinha é uma coisa com a qual não me preocupo.

Reúno minhas coisas e descemos as escadas, Gio pegando o carrinho de mão e o caixote de mim e puxando ele mesmo. — Qual é a sua coisa favorita sobre cozinhar? — Gio pergunta no elevador enquanto desce.

— Minha coisa favorita? — Quase não quero contar a ele. Não quero que ele sinta que está me fazendo um segundo favor aqui. Mas ele está. — É a criação do cardápio. Então eu gosto deste trabalho.

— Este trabalho. — ele repete com um aceno de cabeça, como se estivesse lembrando a si mesmo que é um trabalho para mim, nada mais. — Você não poderia fazer mais disso no Milano?

Eu dou de ombros. — Milano é um café. Bolos e café. Alguns alimentos deli. Não é um restaurante gourmet.

As portas do elevador se abrem e saímos no estacionamento

subterrâneo. Gio se aproxima de mim, como se quisesse proteger meu corpo com o dele enquanto nos dirigimos para seu SUV.

— Não pode ser? Só estou pensando - você já tem seu próprio lugar. Por que você está trabalhando para outro chef quando poderia fazer isso sozinha?

Eu balanço minha cabeça. Não é como se eu não tivesse sonhado em ter meu próprio restaurante. Mas seria um bom restaurante. Não um café acabado em Cicero. — Não temos o tipo de clientela necessária para sustentar o tipo de restaurante que eu gostaria.

— Que tipo é esse?

Jesus, esse cara é implacável. E essas não são perguntas pessoais, mas para mim são. Eles estão na própria essência de todas as minhas esperanças e sonhos. E cada um deles mostra outro pedaço da minha alma.

— Boas refeições. Como o de Michelangelo.

Ele coloca o carrinho de mão no porta-malas e abre a porta para mim. — E você ama tudo sobre Michelangelo? — ele pergunta quando entra. — Como se você preferisse que esse fosse o seu trabalho em tempo integral?

Eu bufo. — É o meu trabalho o tempo inteiro. Milano é a minha vida em casa. Mas sim. Honestamente? Às vezes eu gostaria que o tiroteio tivesse... — Eu paro porque é muito perverso até mesmo para dizer em voz alta.

— Fechado o lugar? — ele termina.

Eu expiro e coloco minha testa em meus dedos. — Eu não deveria dizer isso. Eu sou uma neta terrível.

Gio fica quieto por um longo tempo, deixando-me morrer de vergonha. — Eu sei um monte de merda sobre ser recrutado para um negócio de família. — ele diz rispidamente.

Empurro minha cabeça para cima e olho. Nunca me ocorreu que Gio pudesse não gostar de seus negócios. Tudo o que vejo é o poder e o dinheiro. Talvez ele não goste da violência. Bem, merda - ele levou um tiro no estômago por causa disso, não foi? Quase morto?

— Aposto que sim. — digo baixinho. Eu limpo minha garganta. — De qualquer forma, sim, prefiro apenas trabalhar no Michelangelo. Exceto sem meu chefe direto, porque ele é nojento.

Sinto o corpo de Gio ficar alerta, embora eu não tenha dito isso. Eu não disse nada, mas de alguma forma ele parece saber. — Nojento como? — ele pergunta bruscamente.

Formigamentos percorrem minha pele. Não consigo decidir se estou animada ou nervosa com a ameaça que ouço em sua voz. O fato de eu saber que sua proteção ainda está voltada para mim.

Não, isso é um problema.

Este homem é perigoso. Como quebrar pernas perigoso. Tiro em rótulas. Arrebentando costelas. Posso odiar trabalhar com Arnie, mas não vou mandar um assassino da máfia atrás dele.

Bem, não sei se Gio é um assassino de aluguel, mas pode facilmente ser.

— Deixe para lá. — Minha voz soa áspera.

Gio desvia o olhar da estrada para mim. — Qual o nome dele? — Seu tom é mortal.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não estou dizendo.

Os lábios de Gio se curvam e ele parece assustador. — Porra, Marissa?

Meu coração está batendo rápido, como se fosse eu quem estivesse em perigo e não meu patrão idiota. — Não confio em você, Gio.

Ele se encolhe e a cor desaparece de seu rosto, junto com a raiva. — Huh. — é tudo o que ele diz.

Quero dizer mais, dizer melhor para que ele não fique ofendido, embora tudo isso seja uma loucura. Desde quando preciso me preocupar tanto em ferir os sentimentos de um dos chefes da família criminosa mais poderosa do país?

Eu não. Eu não deveria. Este homem praticamente me possui, mesmo que ele não tenha flexionado muito esse poder, ele poderia. Eu não deveria

ter que me preocupar com ele se machucar quando eu não quero que ele jogue alguém no Lago Michigan com sapatos de cimento para mim.



GIO

Meu punho atravessa a parede de gesso do meu quarto com muita facilidade. Eu aperto meus dedos em um punho, saboreando a dor. Pelo menos estou sentindo alguma coisa. Primeira vez em meses. Embora a auto-aversão não responda exatamente à minha pergunta sobre por que diabos estou vivendo.

Cristo.

Ela não confia em mim. Eu acho que ela não deveria. Porque eu quero matar aquele chefe *stronzo* dela. Aquele que fez algo nojento com ela.

E eu sei que é algo pelo qual eu gostaria de matá-lo, porque ela não quis me contar.

E foda-se se a minha necessidade de consertar isso para ela, para exigir um pouco de justiça, não está consumindo tudo. Eu bato meu punho na parede novamente. Mais duas vezes.

Meus dedos sangram um pouco.

Então ela não quer que eu machuque o cara. Isso faz de mim uma pessoa ruim, eu acho.

Cazzo!

No meu livro, você não fica parado e deixa uma mulher ser molestada por seu chefe sem fazer nada. E está acontecendo com a porra da *Marissa*, o que me deixa violento só de pensar nisso.

Então que porra eu faço?

O que um cara bom faria? Um verdadeiro herói?

Um maldito herói mataria o *stronzo*.

Ele não iria?

Não sei. Talvez minha visão de mundo esteja tão inclinada para a violência que não sei como funcionar neste mundo. Talvez seja por isso que me sinto uma baleia fora d'água desde a minha filmagem.

E então me ocorre quem sabe como funcionar melhor dentro das linhas da lei e da norma social.

Eu olho para o relógio. São 3:00 da manhã. Apenas 1:00 da manhã em Las Vegas. Pego meu telefone e ligo para meu irmão mais novo, Nico. Ele é dono de um cassino, então fica acordado até tarde, mesmo com - talvez especialmente com - um bebê em casa.

Não estamos perto. Na verdade. Os cinco irmãos Taccone se dividiram em dois grupos. Os três mais velhos - eu, Junior e Paolo, éramos um e os dois mais novos - Nico e Stefano eram outro. Esperava-se que nós, irmãos mais velhos, tomássemos conta dos negócios da família. Nosso pai nos montou duro e nos treinou para nos encaixar em seu molde. Nico e Stefano tiveram um pouco mais de liberdade.

Talvez seja assim que eles pensaram fora da caixa para expandir os negócios muito além do que o resto de nós jamais acreditou ser possível. E tornou legal no processo.

Nico atende no primeiro toque. — Gio. E aí?

Não falo por um momento, porque nem sei o que quero. Se foi ou não um erro ligar.

— Gio?

— Estou aqui, sim. Queria passar algo para você.

— Atire.

Eu paro novamente. — Digamos que você descobriu que o chefe de uma garota estava pegando pesado com ela, mas ela está proibindo de usar qualquer tipo de violência. Tipo nem te diria o nome do cara. O que você faria?

— Você quer vingança ou quer removê-la da situação?

Eu inalo. Separação interessante. Eu tinha os dois agrupados em meu cérebro. — *Cazzo*. Acho que só a quero confortável. Eu poderia desistir da vingança se soubesse que ele não estava perto dela. *Talvez*.

— Fácil então. Faça com que ele seja demitido. Apoie-se no proprietário com dinheiro ou ameaças. Se ele for o dono, você compra a parte dele. Ou faça com que ele desligue. Pagar alguém para colocá-lo fora do negócio. Há muitas opções. Além disso, não é justiça total, mas você pode sorrir quando pensa nele desempregado.

— Huh. Por que não pensei nisso?

— Quem é a garota?

— Foda-se.

— Esse é o agradecimento que recebo?

— *Grazie, fratello*. É isso.

— Eu tenho mais ideias. Por uma vingança furtiva, do tipo que ela não ligaria para você. Acidentes, esse tipo de coisa. Se você precisar disso também.

Estalo meus dedos inchados. Eu preciso disso?

A reação de Marissa continua se repetindo em minha mente. *Não confio em você, Gio*.

Eu não gosto disso.

— Nah, vou tentar fazer isso legitimamente. Funciona bem para você.

— Sim. Um pouco de crueldade em negócios legítimos leva você ao topo. Quem é a garota?

— *Sta 'zitto*. — Cale-se.

— Eu a conheço?

— Sim. Não é uma coisa. Não sei. Apenas uma garota que eu quero proteger.

— Você é um bom homem, Gio.

Eu sou? Duvido seriamente. Não quando eu não conseguia nem ter uma ideia que não envolvesse violência.

— Eu não sou. Dê um beijo meu em Nico Junior.

— Vou fazer. *Buona note.*

Termino a ligação, grato pelo que Nico me lembrou. Eu tenho mais do que meus punhos ou armas. Eu tenho dinheiro. E isso é tão poderoso - talvez mais - do que minha capacidade de intimidar.

Amanhã vou descobrir como comprar o Michelangelo, e vou demitir todos os filhos da puta que Marissa quiser. Uma nova vida começa a piscar em minhas células. Algo há muito morto em mim - morto muito antes do tiroteio - desperta.

Gio Tacone, dono de um restaurante. É muito próximo dos sonhos que tive para minha vida adulta quando era criança. Antes que meu pai os anulasse para sempre.

Eu costumava me imaginar possuindo um lounge chique no estilo dos anos 50. Do tipo que Sinatra cantaria se ainda estivesse vivo. Eu acho que seria um piano bar. Em algum lugar onde eu pudesse reinar, o homem da Família pudesse se reunir, beber e fazer negócios, e meu piano brilharia no canto, pronto para eu tocar, sentar e entreter. Acho que pensei que seria a fusão perfeita de *La Cosa Nostra* e meu amor pelo piano. Como se eu pudesse de alguma forma juntar os dois de uma forma positiva.

Mas é claro que qualquer carreira que envolvesse o piano - até mesmo um sofisticado piano bar italiano - era violentamente rejeitada por meu pai.

Quanto mais eu o imagino, mais ele ganha vida. Como o que Nico construiu para si mesmo apenas em uma escala pequena e íntima. Um lugar chique só meu. Alta gastronomia com cardápio elaborado pela novata talentosa Marissa Milano. Um piano preto reluzente ao pé do bar.

Isso aí.

Isso definitivamente poderia funcionar.

CAPÍTULO CINCO

MARISSA

Mal começamos nosso turno - o restaurante nem abriu ainda, quando Michael, o proprietário/gerente do Michelangelo, enfia a cabeça na cozinha e diz que precisa de todos nós no restaurante para uma reunião. Ele parece nervoso. Um pouco suado, definitivamente no limite.

Meu estômago aperta. Alguém está sendo demitido? Mas por que eles precisariam de todos nós para isso? Besteira. É aqui que ele nos diz que eles vão à falência? Ou que alguém está roubando? Não é bom, seja o que for.

Eu sigo o resto do pessoal da cozinha, e é aí que meu mundo vira de cabeça para baixo.

Gio está sentado lá, parecendo devastadoramente elegante em seu elegante terno italiano e sapatos brilhantes. Ele está sentado lá - não como um cliente, mas como se pertencesse. Como se ele fosse o dono do lugar.

Minha sensação de pavor aumenta.

— Quero apresentar a vocês o novo proprietário do Michelangelo. — Michael acena com a mão nervosa na direção de Gio. — Este é o Sr. Taccone, seu novo chefe. Ele vai dar as ordens por aqui a partir de agora. Ficarei como gestor e consultor por um período de seis meses.

A torção no meu estômago fica mais forte.

Maldito Gio.

O que diabos ele pensa que está fazendo?

Ele comprou o restaurante onde trabalho? Para qual propósito? Para me possuir mais plenamente? Para ter certeza de responder a ele em todas as áreas da minha vida?

Eu pisco para conter as lágrimas quentes e furiosas.

O atrevimento.

O Michelangelo se tornará o novo ponto de encontro da máfia. Assim como o Milano tem sido nos últimos quarenta anos. Meu avô finalmente saiu de debaixo dos Tacones, e fiz o possível para preservar essa liberdade com o novo acordo que fechamos, mas Gio garantiu que eu caísse de volta na mesma posição. Assim como meu avô, agora estou presa a administrar um negócio para a máfia. Provavelmente pelo resto da minha vida, se isso funcionar da mesma forma que o negócio do meu avô. Eu nunca poderei sair. Nunca poderei mudar para um restaurante diferente ou abrir o meu próprio.

Acabei de ficar presa no cenário exato que esperava evitar.

E maldito Gio Tacone por parecer tão devastadoramente elegante agora enquanto rouba meu futuro. Seus lábios se curvam e ele reconhece a todos nós com uma inclinação majestosa de sua cabeça.

Idiota.

Seramente. Que idiota.

Voltamos para a cozinha e Lilah sussurra para mim: — Você acha que ele é parente da família do crime de Tacone?

— Posso garantir.

Ela deve ouvir a condenação em meu tom, porque ela lança um olhar por cima do ombro para mim enquanto trabalhamos lado a lado. — Espere... você o conhece?

Eu levanto meus ombros em um encolher de ombros taciturna. — Sou de Cicero. A família dele era dona do meu bairro enquanto crescia.

Lilah assobia. — Puta merda. Você o conhece *pessoalmente*? Quero dizer, ele não conhece você, certo? — Há empolgação em seu tom, como se essa fosse a melhor fofoca que ela ouviu o ano todo.

— Ah, ele me conhece muito bem.

— Marissa... — Lilah me agarra pelo braço e me impede de despejar o macarrão na panela com água fervendo — ...o que você não está dizendo?

Eu apenas balanço minha cabeça. — Vamos apenas dizer que não é

coincidência que ele tenha comprado este restaurante em particular.

Os olhos de Lilah se arregalam e ela estica o pescoço para ver meu rosto. — Garota! Você está me dizendo que o Sr. Sombrio e Perigoso está atrás de você? Tipo, quer ser seu chefe como um *super daddy*?

Eu apenas balanço minha cabeça e volto para o que estou fazendo. — Eu não posso nem... eu não posso. — Estou muito chateada para deixá-la me persuadir a rir sobre isso. Não é engraçado.

Gio Tacone foi longe demais desta vez.



GIO

Eu gosto pra caralho de sentar no canto do Michelangelo e assistir o negócio funcionar. Os garçons correm ao redor, lançando-me olhares nervosos, provavelmente sentindo a queimação do meu olhar. Eles são bons em seus trabalhos, no entanto. Não vou entrar e fazer muitas mudanças. Não sem observar como as coisas funcionam durante os seis meses que tenho Michael no comando

Ele não queria desistir de seu restaurante, especialmente com uma cláusula de não concorrência para que não pudesse abrir um novo, mas fiz uma boa oferta e apliquei um pouco de pressão para garantir. Como mencionar tudo o que sabia sobre sua família. Como sua mãe poderia usar mais ajuda na Flórida. E as contas da faculdade de sua filha provavelmente eram altas.

Ele pegou a chance. Eu o queria fora. Tinha dinheiro para comprá-lo. E eu apreciaria sua cooperação. Nenhuma ameaça real foi feita, embora eu ache que meu nome e reputação costumam ser ameaças suficientes nesta cidade.

E comprar este lugar é como abrir uma porta. Como se pudesse ser a coisa que faltava na minha vida - um propósito para o qual me dedicar. Algo que eu vou gostar pra caralho de criar. Um lugar para afastar a solidão

esfaqueadora. Tornar-se parte de algo.

Tocar a porra do piano para pessoas cujo sobrenome não é Tacone.

E sim... como um presente para Marissa. Para mantê-la em algum lugar, posso protegê-la e deixá-la fazer o que ama.

Eu juro por *Cristo*, o tiro me mudou pra caralho, porque eu nem quero nada em troca. Ela não tem que me foder. Ela não tem que ser minha garota.

Tenho a capacidade de fazê-la feliz, e me agrada demais fazer isso.

Fico a noite toda, provando vários pratos, pedindo uns drinks. Assistindo.

E quando o restaurante fecha, digo a Michael: — Vou fechar.

Ele está muito confuso com seu novo papel para discutir. Ele me entrega as chaves e anota o código de segurança para que eu possa armar o sistema. Faço uma anotação mental para trocar o código e as chaves até amanhã à noite.

Então volto para a cozinha para observar a limpeza.

Marissa parece exausta, com uma ruga entre as sobrancelhas, como se estivesse preocupada com alguma coisa. Ela também me ignora, fingindo que não nos conhecemos.

Ok, talvez ela não queira que pareça que está dormindo com o chefe. O que ela não está.

Ainda.

— Bom trabalho, pessoal. Toda a comida que provei estava deliciosa.
— eu digo e a maioria do pessoal da cozinha me lança olhares meio cautelosos, meio ressentidos. Bem, ninguém gosta de mudanças.

Eu fico de pé e os vejo terminar, o que tem o efeito de fazer todos correrem rapidamente e começarem a sair.

Marissa entende a dica e fica para trás até que eles vão embora, trocando um olhar silencioso e cheio de significados ocultos com a outra

garota que trabalha lá quando a amiga sai.

— Vamos. — Eu inclino minha cabeça em direção à área do restaurante. — Vou servir-lhe uma bebida.

Ela me segue até o final do bar. Sirvo um copo do caro chianti que experimentei antes, mas ela o coloca no bar e *me dá uma joelhada nas bolas*.

— *Porra?* — Eu me dobro. O que. Porra? A dor sobe até meu estômago, reverberando onde levei o tiro.

— Eu acho que você me possui completamente agora, não é? — Marissa rosna.

Eu me endireito de quando me dobrei. O quê?

— Você concordou em não comprar o Milano apenas para comprar este lugar? Sério, Gio? — Ela tenta dar um tapa na minha cara.

Eu pego seus pulsos antes que o tapa chegue e bato suas costas contra a parede.

Ela engasga.

— Cuidado, anjo. — eu rosno com os dentes cerrados. Ainda não consigo enxergar direito pela agonia nas minhas bolas e a dor me deixa agressivo.

Muito agressivo.

Eu inclino meu rosto para baixo na curva de seu pescoço. — Eu gosto de jogar duro. Continue assim, você vai ser fodida duro contra esta parede.

Ela torce e morde minha mandíbula.

Cristo, essa foi a resposta dela? Ela quer que eu transe com ela? Ou ela está apenas lutando?

E por que diabos eu questiono cada movimento meu com essa garota? É claro que sempre vai dar errado.

Enfio a protuberância dolorida do meu pau entre suas pernas.

— É assim que vai ser. — eu rosno. Minha testa desce até a dela e nós olhamos nos olhos um do outro. — Ou você se desculpa muito bem pela arrebentação ou vou te punir com esse pau até que você não consiga andar direito. *Capiche?*

Eu espero.

Ela arfa, olhando para mim.

Sem desculpas.

Eu dou mais uma batida. Então eu mudo seus pulsos para uma mão e apalpo seu monte com a outra. Estou duro.

Sem afagos de penas. Nenhuma massagem leve no clitóris.

É mais como uma pegada possessiva.

Ela está chateada porque acredita que eu quero possuí-la?

Eu vou possuí-la, porra.

Eu puxo para cima com o meu aperto, levantando-a na ponta dos pés.

Ela morde de novo, desta vez meu pescoço. Eu rio sombriamente. — Garota má. — Eu esfrego entre suas pernas, em seguida, enfio minha mão dentro de sua calça para levá-la até sua boceta.

Ela está molhada.

O que resta da minha consciência se esvai com essa descoberta.

— Baby, você está prestes a descobrir o que significa ser possuída. — Enfio um dedo dentro dela e seus olhos selvagens se arregalam. Eu coloco um segundo dedo e empurro para cima.

Ela morde o lábio com tanta força que sangra. O pequeno grunhido que ela faz deixa meu pau duro como pedra. Eu a fodo com os dedos, tentando encontrar seu ponto G na parede da frente. Eventualmente eu o encontro — o lugar onde os tecidos endurecem sob meu toque.

Marissa faz um barulho ininteligível.

Estou tentando descobrir como colocar meu pau para fora enquanto

ainda toco nela e a prendo contra a parede. Não vai funcionar. Pena que é impossível. Eu puxo meus dedos para fora dela e chupo seus sucos.

— Você quer saber como é ser propriedade de Gio Taccone? — Eu a puxo da parede e torço seus pulsos atrás das costas, em seguida, empurro-a sobre uma das mesas de jantar.

Arranco meu cinto das presilhas e ela fica assustada, olhando por cima do ombro para mim enquanto tenta se endireitar.

Eu a empurro de volta para baixo e bato em sua bunda uma vez com o cinto. — Eu não ia chicotear você, anjo, mas eu vou se você precisar disso.

Ela fica imóvel, ouvindo, respirando com dificuldade.

Eu enrolo meu cinto em torno de seus pulsos e aperto bem. Então eu arranco sua calça e calcinha. Ela me ajuda tirando os sapatos.

Outro pequeno sinal de consentimento.

Marissa quer uma boa foda de ódio agora. Anseia por isso tanto quanto eu.

Há uma marca vermelha do cinto florescendo em sua bunda. Eu gosto do jeito que parece, então eu bato nela um pouco mais com a minha mão.

É incrível pra caralho.

Seus pequenos miados fazem minhas bolas doloridas pulsarem mais. Minha palma arde com o impacto. Eu observo sua pele ficar com um lindo rubor. Agora que estou indo, realmente não quero parar. Eu poderia espancá-la a noite toda.

— Você pensa que eu comprei este lugar para possuir você, Marissa? Isso é o que você realmente pensa?

Sua bunda dança sob meus tapas e ela muda de pé para pé. — Por que mais você faria isso? — ela grita de volta para mim.

Eu bato nela ainda mais forte, indo para a parte de trás das coxas. Ela grita com alarme genuíno, eu me acalmo e volto para sua bunda. — Eu vou te dizer porque eu comprei, anjo. Porque você não queria que eu agredisse seu chefe, e eu precisava que você estivesse segura. Comprei para que eu

pudesse demiti-lo e dar a você um pouco mais de liberdade criativa.

Marissa faz um som estrangulado. Ela fica perfeitamente imóvel por um momento, ofegante. Então ela puxa os pulsos com mais força. — Gio. — ela grita.

— Silêncio. — É um comando afiado. Não quero ouvir o que ela vai dizer. Eu paro a surra e puxo meu pau para fora. — Sabe, é muito mais fácil assim, sério. — Pego uma camisinha na carteira e a coloco. — Nós dois apenas concordamos que eu possuo você. Eu estava tentando muito ser o mocinho. — Eu agarro seus quadris com uma mão e meu pau com a outra e empurro. Ela é *apertada* pra caralho. — Mas Tacones não são mocinhos. Certo, Marissa?

Ela choraminga e move seus quadris para trás para me levar mais fundo.

Eu seguro seu ombro com uma mão e seguro seus quadris com a outra e a perfuro. — Você fez um papel para mim. Por que não apenas tocá-la? — É tão bom estar dentro dela. Seu calor úmido apertado aperta meu pau como uma luva, e cada vez que minhas bolas batem em seu clitóris, a dor residual de seu ataque me faz querer fodê-la ainda mais forte.

— Eu também tenho um papel que você pode desempenhar, anjo. É muito fácil.



MARISSA

Oh Deus. Eu fodi as coisas de novo. Seriamente.

Talvez até pior do que quando tentei chantageá-lo, porque naquela época ele ainda tentava me mostrar que não era o que eu pensava.

Mas ele está certo.

Eu não acreditava que ele pudesse ser outra coisa senão o que seu pai era.

E agora ele está sem paciência comigo.

Eu tenho um mafioso furioso e agressivo, ou talvez um ex-mafioso, me fodendo até os miolos.

Não estou com medo, no entanto. Ele não me machucou. Mesmo depois de machucá-lo.

É engraçado como meu corpo instintivamente se submete ao seu comando. Eu me rendo e me abro para ele. Recebo sua raiva com cada impulso violento.

— Gio. — Não sei o que dizer para consertar isso. Se é consertável ou se ele realmente foi para o lado negro agora.

— Fique quieta ou eu vou enfiar meu pau na sua boca em vez disso. — rosna Gio.

Ele não quer minhas desculpas. Ele sabe que é isso que eu estava prestes a oferecer.

Tudo bem. Ele quer ficar chateado e descontar por meio de sexo violento, estou triste.

Honestamente, eu estava triste desde o começo, e ele sabia disso. Eu estava apenas me enganando quando disse a ele que não estava fazendo sexo com ele.

Talvez fosse inevitável. A partir do momento em que apareci em seu escritório com salto alto e blusa decotada, a sorte estava lançada. Eu estava me oferecendo ao diabo. *Leve-me para o inferno com você. Faça de mim sua rainha.*

Gio desliza uma mão em volta da minha garganta e a usa para me levantar, curvar minhas costas como um instrumento musical exótico, enquanto continua a me foder com força.

Ele não quer um pedido de desculpas. O que ele quer?

O que tornaria isso melhor?

Eu deixo escapar a primeira coisa que vem à mente. — Me possua. — Minha voz soa chorosa. Estou chorando? — Possua-me, então, Gio.

Eu nem sei o que quero dizer com isso - estou realmente consentindo que ele use meu corpo? O que quer que isso signifique, era a coisa certa a dizer.

Gio bate mais duro. Sua respiração fica difícil e então ele goza com um rugido que ecoa pelas paredes do restaurante.

Para minha surpresa, eu também gozo. Apertos rápidos da minha boceta ao redor de seu pau aliviam a necessidade que estava me queimando. Não sou especialista quando se trata de sexo. Eu tinha um parceiro de longa data - um namorado com quem morei por dez meses quando estava na escola de culinária. Fizemos sexo e achei bom, mas nada é como esse orgasmo.

O aperto continua, pulsando. Toda vez que ele recua e empurra novamente, tremores secundários provocam outro espasmo.

Eu me perco na sensação de ser preenchida por ele.

Satisfeita por ele.

Usada por ele.

Ele puxa para fora. — Não se mexa, porra, garotinha. — ele rosna.

Eu não faço. Acho que estou ansiosa para agradar agora. Agora que descobri que este homem comprou o Michelangelo só para despedir o Arnie. E para me fazer feliz.

Se eu puder acreditar nele.

O que eu acho que posso.

Não há como negar o quão ofendido ele está agora.

Claro, isso pode ser do joelho até as bolas.

Não acredito que fiz isso.

O fato de ter feito isso me diz que eu realmente sei que ele não é o que eu pinte para ser.

Eu teria dado uma joelhada nas bolas de Don Tacone?

Nunca. Nem em um milhão de anos. O homem é assassino, perigo e poder reunidos em um só. Era. Ele está na prisão agora.

Eu nem ousaria tal coisa com Junior Tacone. Ou qualquer um dos outros irmãos. Não. Fiz isso porque sei que com Gio estou segura.

Ele volta e desenrola o cinto dos meus pulsos e joga minha bolsa ao lado da minha cabeça. — Se você precisa avisar alguém que não estará em casa, faça isso agora.

Minha respiração deixa meu peito com um uauuu. Ele realmente está fazendo uma reclamação sobre mim.

O resultado é mais emoção do que qualquer coisa. Esse lado duro e raivoso de Gio mexe com os dedos dos pés. Derrete minha calcinha.

Há algo sobre um cara que assume o controle, especialmente quando se trata de sexo, que me transforma em mingau. E tê-lo no pacote bonito e normalmente charmoso de Gio o torna ainda mais atraente.

Meus dedos tremem quando pego meu telefone e mando uma mensagem para tia Lori dizendo que estou indo para casa de uma colega de trabalho.

— Feito. — Eu digo, ousando encontrar seus olhos pela primeira vez desde que ele me prendeu contra a parede. Ainda estou nua da cintura para baixo, mas isso não é nada comparado a quão vulnerável me sinto só de olhar para ele.

— Eu sou s...

Ele cobre minha boca com a mão. — Salve, anjo. O tempo de desculpa já passou. Passamos a ser proprietários e estou gostando bastante. — Ele se abaixa para pegar minha calcinha e a entrega para mim, então sacode minha calça.

— Eu preciso de um banho. — eu deixo escapar, de repente envergonhada do meu estado. Se ele está me levando para casa para mais... tanto faz, eu definitivamente preciso me limpar. Acabei de trabalhar oito horas em uma cozinha - devo estar cheirando a comida e suor. E meu cabelo está todo liso por causa do meu chapéu de chef.

— Isso pode ser arranjado. — Ele ainda está agindo rude comigo.

Coloco a calça e pego minha bolsa. Engraçado como quando ele fica durão, eu fico dócil. Puxa, como a dinâmica do poder mudou. Ele me deixou jogar meu peso antes. Chame alguns tiros.

Diga a ele que não.

Agora ele é o chefe e eu sou a garota má.

Embora no fundo eu ainda acredite que poderia dizer não a ele. Ele me deu uma escolha quando me prendeu contra aquela parede.

Mesmo bravo, ele foi cuidadoso comigo.

Eu espero enquanto ele fecha e nós saímos. Estou segurando minha jaqueta em vez de usá-la e estremeço com o frio. Gio imediatamente a pega dos meus braços e a estende, ajudando-me a vesti-la.

Ele pode ter reivindicado minha propriedade, mas ainda é um cavalheiro. Eu sou acalmada pelo simples ato.

O que quer que Gio tenha reservado para mim, estarei segura. Tenho certeza disso.

CAPÍTULO SEIS

GIO

Eu me estico de costas na cama de cueca boxer e ouço o som do chuveiro ligado no banheiro principal.

Sou um idiota. Talvez eu sempre tenha sido um idiota fingindo ser um homem decente.

Talvez eu nunca tenha pensado muito sobre isso antes.

Ainda estou chateado com a forma como Marissa me vê, o que é estúpido. Quem pode dizer que não sou esse homem? Eu sou um Tacone.

Eu posso pegar o que eu quiser, porra.

Não preciso pedir permissão primeiro.

Marissa Milano vai aprender isso esta noite.

O que está me matando é que ainda seria tão fácil para mim deixá-la escapar. Aceitar seu pedido de desculpas e mandá-la para casa com o dinheiro do táxi. Mas ela quer isso.

Possua-me, então, Gio. Eu nunca vou esquecer o som gutural daquele choro. Ou a maneira como me sentia ao reivindicá-la totalmente.

Eu nunca contaria a ninguém, mas ela é a primeira mulher com quem fiz sexo desde que levei um tiro. Primeiro, tive medo de que meu pau não cooperasse - ainda sentia muita dor e não me sentia eu mesmo.

Então perdi o interesse pelas mulheres assim como perdi o interesse pela vida. Mas Marissa com certeza me mostrou que tudo está funcionando bem.

O-ok lá em baixo.

Na verdade, pronto para a segunda rodada.

Eu puxo meu pau para fora da minha cueca e dou um puxão forte.

O chuveiro desliga. Meu pau surge com antecipação.

E então a porra da minha consciência dói novamente. Talvez seja porque ela é muito mais jovem do que eu. Ou por causa dos pesadelos e minha necessidade irracional de protegê-la do perigo que a persegue neles.

Ou foda-se, porque posso morrer amanhã e não quero sentir que já peguei uma garota contra a vontade dela.

Mas então Marissa abre a porta e fica ali, completamente, gloriosamente nua. E ela dá uma olhada em mim com meu pau na mão e vem direto para mim.

Foda-se, consciência. Sua puta-preocupada-por-nada.

Marissa rasteja sobre mim, montando minhas coxas e alcançando meu pau.

Nunca sou o passivo na cama, mas a deixo dirigir. É foda ver que ela quer me dar isso. Meu pau se alonga e engrossa em sua palma e ela não provoca. Ela me leva fundo no primeiro bob.

Eu levanto meus quadris para cima, empurrando na parte de trás de sua garganta sem querer.

Ela engasga, mas não sai. Ela suga com força, sua língua girando na parte inferior do meu membro rígido.

— *Cazzo*, anjo. — Minha mão se emaranha em seu cabelo molhado.

Ela é linda pra caralho. Perfeita porque ela é Marissa. Peitos pequenos. Pouca redondeza na barriga, pernas longas e esguias.

Eu uso minha mão em seu cabelo para empurrá-la para frente e para trás sobre meu pau, tomando cuidado para não sufocá-la novamente. Ela cantarola.

A garota está me dando um maldito boquete.

Eu ajusto meu aperto, puxando todo o cabelo para trás de seu rosto e torcendo-o em volta do meu punho. — Ah, você é uma menina triste, não é, anjo?

— Mmm. — Ela continua cantarolando. É tão quente e doce. Eu amo isso. Quero que isso dure para sempre, mas minhas bolas já estão apertadas.

Eu a puxo. — Por mais que eu adoraria ver você engolir, anjo, tenho outros planos para você esta noite.

Ela se senta, uma pequena ninfa do sexo, seus seios empinados apontando para mim, sua expressão tão disposta pra caralho.

Possua-me, então, Gio.

Ela pediu isso.

— No meu colo, anjo. Vou bater nessa bunda de novo antes de fodê-la. Sento-me com as costas contra a cabeceira da cama e a puxo sobre minhas coxas. — Eu amei pra caralho espancar essa bunda mais cedo. — eu digo, acariciando minha palma sobre sua pele macia. — Gostou, boneca?

Ela não responde.

Eu dou um golpe. — Hum?

Ela vira o rosto para mim. — Parece uma coisa perigosa de se admitir.

Eu rio porque sabia que estava certo - ela adorou. — Ah, você pode confiar em mim, anjo. Não vou machucar você.

Eu amo o sorrisinho dela. Ela mexe os quadris, o que considero um convite para espancá-la um pouco mais, e faço isso, deixando sua pele com um lindo tom de rosa. Então eu deslizo meus dedos entre suas pernas, esfregando seu doce néctar até seu clitóris. — Talvez tenha que bater em você todas as vezes, anjo. Você sente a quão molhada você está?

Ela estremece quando deslizo dois dedos dentro dela e os bombeio algumas vezes. — Abra suas coxas, baby.

Ela se abre mais para mim. Eu acaricio sua carne lisa, deixando seu clitóris duro e quente. Uso um pouco de seu lubrificante e trago meu dedo indicador para seu ânus, massageando-o para abri-lo.

Ela choraminga e tenta apertar, mas meu dedo já está dentro. Jogo um pouco de saliva em cima dele para ajudar a lubrificar o caminho. — Você já

levou na bunda antes, garotinha?

— N-não. — Ela parece um pouco assustada agora, mas não me importo. Eu sei o que estou fazendo e ela vai gostar.

— Bem, você vai levar isso na bunda por mim, baby. A qualquer hora que eu quiser. *Capiche?*

Cristo, ela está esfregando os mamilos na colcha. — Você é mau. — ela ofega enquanto eu a fodo com meu dedo.

— Eu possuo você, baby, lembra? Você disse primeiro.

— Eu sei. Gio, me desculpe.

— Eu sei que você está, baby. — É fácil aceitar um pedido de desculpas quando ela se rendeu totalmente. Eu tiro meu dedo de seu ânus e bato em sua bunda novamente. — Deite-se de barriga para baixo. Travesseiro sob seus quadris para levantar sua bunda para mim. — Mais um tapa.

Ela obedece quando me levanto e pego um frasco de lubrificante da gaveta do criado-mudo. Eu sou generoso com isso, esguichando um pouco sobre seu ânus, bem como em todo o meu pau.

Eu monto suas coxas e empurro suas bochechas. — Respire fundo. — eu ordeno.

Ela inala. Empurro a cabeça do meu pau contra o enrugamento de suas costas e aplico um pouco de pressão. — Exale.

Enquanto ela faz isso, eu gentilmente empurro para dentro. É difícil passar pela cabeça, mas eu vou devagar.

Ela grunhe, pequenos gemidos.

— Exale forte de novo, anjo. — Eu facilito o resto do caminho e espero que ela se acostume comigo. — Se você quiser deslizar os dedos entre as pernas e brincar com essa sua boceta doce, você pode.

Ela imediatamente se move, como se fosse uma necessidade desesperada.

Eu apoio meu peso em minhas mãos e balanço em sua bunda. Gosto

do poder de tê-la sob mim, submetendo-me a esse castigo erótico. Gosto do aperto apertado, do tabu da coisa.

Eu *amo o som* de seus pequenos suspiros e miados enquanto eu ganho velocidade. Amo ainda mais quando ela começa a gemer meu nome.
— Gio ... Gio.

— Isso mesmo, anjo. Quem é o seu dono?

— Você faz. Oh meu Deus, você faz. Santo inferno, Gio. — Eu ouço seus dedos trabalhando freneticamente entre as pernas.

Eu a fodo mais forte, mais rápido, com cuidado para não ser muito áspero ou errático com meus golpes. Minhas bolas apertam, chamas de calor na base da minha espinha. Eu puxo para fora e bombeio meu pau, gozando em sua bunda.

Ela grita, levantando os quadris do travesseiro enquanto ela coloca a outra mão entre as pernas. Assim que termino de gozar, enfio três dedos e meu polegar em sua boceta por trás, fazendo um cone para fodê-la até que ela grite e goze em meus dedos.



MARISSA

Gio se levanta e volta com uma toalha, que usa para me limpar. Então ele me traz um copo de água. — Você está bem, anjo?

Concordo com a cabeça e bebo profundamente antes de entregar-lhe o copo de volta. Ele está em toda a sua glória nua e viril. Ombros largos e musculosos, peito peludo, coxas como troncos de árvore. Sua sombra de barba lhe dá uma aparência áspera.

— Entre nas cobertas, vou tomar um banho rápido.

— Ok. — Estou me sentindo muito como uma menina má. Um pouco envergonhada. Um pouco punida. Muito usada. Definitivamente possuída.

Meu ânus pulsa, áspero e dolorido da atividade, mas o resto do meu corpo está repleto de relaxamento e os hormônios do bem-estar que acompanham dois orgasmos em uma noite.

Eu rastejo para baixo das cobertas, surpresa quando Gio espera para puxá-las e beijar minha têmpora. A doçura disso faz meu coração acelerar. Eu estava com sono, mas agora minha mente se agita, revirando e examinando tudo o que aconteceu esta noite.

Ele cuida de mim.

Eu não tive isso antes. Nunca. Minha mãe me abandonou com meus avós quando eu tinha seis anos e eles foram gentis comigo, claro, mas já estavam velhos e sobrecarregados de trabalho. Eles precisavam da minha ajuda. Ninguém teve tempo de me mimar.

Penso em tudo que Gio fez por mim. Tem o dinheiro, que é meio que o trabalho dele, então isso não conta. Mas me levando ao hospital para pagar a cirurgia. Esperando do lado de fora do Michelangelo para me levar para casa.

Comprar Michelangelo para demitir meu chefe.

Ainda não consigo acreditar nisso.

Gio sai do chuveiro com uma toalha enrolada na cintura. Eu me viro na cama quando ele a deixa cair e sobe.

— É verdade? Você realmente comprou o Michelangelo para demitir meu chefe?

Gio se apoia em seu antebraço. — Juro por Cristo. Você pode ligar para meu irmão, Nico, e ele lhe contará. A ideia foi dele.

Eu pisco para ele, de repente fascinada por tudo sobre Gio Taccone, seus irmãos, sua história, suas motivações. — Qual deles é o Nico?

— Ele é um irmão mais novo. Ele mora em Las Vegas.

— Ele administra seu cassino

— Bem, é o cassino dele, mas sou uma parte interessada, sim.

— E daí? Você ligou para ele? Sobre mim? — Acho que estou me sentindo ousada, porque estico as pontas dos dedos para passar pelos pelos do peito dele.

Um canto de sua boca sobe e ele roça meu braço estendido com o polegar. — Sim. Você não queria que eu matasse o cara. Nico provou ser bom em - você sabe - soluções mais *legais* para problemas.

Agora eu sorrio. Eu meio que amo esses vislumbres do verdadeiro Gio. Não o encantador astuto, mas o falador direto.

— E ele disse para você comprar o restaurante?

— Sim. Ou pressionar o dono, mas também não achei que você gostaria disso. Estou tentando ser bonzinho aqui, Marissa. Mas continua me mordendo na bunda com você.

Meu coração está batendo forte agora.

Ele está tentando ser bom... *para mim?*

Como é possível que eu tenha atraído a atenção de um homem tão poderoso? E, além disso, que ele está preocupado em fazer as coisas certas para mim?

Eu me aproximo um pouco mais da cama. — Sinto muito novamente por interpretar mal suas ações.

Ele se move lentamente - talvez lento o suficiente para que eu pudesse detê-lo se quisesse - e estende a mão para a minha cabeça. Ele embala sua mão grande nas costas dele e puxa meu rosto para o dele.

Um beijo.

Mais como um gosto. Ele desliza seus lábios sobre os meus e me solta.

— Você tem bom gosto.

— Você também. — eu sussurro.

Ele belisca um dos meus mamilos. — Então você vai me dizer qual idiota eu vou demitir?

Soltei uma risada com um suspiro. — Arnie. Ele é tão nojento. E não

sou a única com quem ele tenta coisas... ele também molestou Lilah.

— A outra cozinheira da linha?

— Sim, ela é incrível. Você deveria dar a ela um aumento.

A boca de Gio se contorce em um sorriso. — Anotado. — Ele tira uma mecha do meu cabelo dos meus olhos. — Você quer o cargo de chefe de cozinha?

— Eu? Você é louco? Não!

— Por que não?

— Não tenho experiência suficiente. Quero dizer, só sou cozinheira de linha há um ano.

Gio inclina a cabeça para mim. — Você não tem um diploma de algum instituto de culinária?

— Bem, sim, mas...

— Mas o quê? Você não quer planejar menus e criar suas próprias coisas, como você fez aqui para mim?

Passo meus dedos nos pelos de seu peito novamente. — E-eu não estou pronta para isso.

— Você assumirá a posição de Arnie, então. Como subchefe.

— Não posso. Sério Gio. Não faça isso.

Ele estreita os olhos. — Por que não?

— Porque se as pessoas descobrirem que nós... — Eu paro, porque não sei o que somos. — Eles vão dizer que fodi meu caminho para o trabalho. Especialmente se você demitir Arnie e me colocar nisso imediatamente. Ninguém vai me respeitar. Eu quero trabalhar meu caminho para cima. Ganhá-lo.

Gio franze a testa. — Vamos adiar essa conversa para uma data posterior.

Solto um suspiro de alívio. Eu posso viver com isso. — OK. Obrigada

Gio. — Eu me aconchego ainda mais perto, até que estejamos pele com pele, e pressiono meu rosto contra seu peito. Ele cheira limpo e delicioso. Ele envolve um braço em volta de mim e me puxa com força. Nossas pernas se entrelaçam sob as cobertas.

— Houve outro motivo pelo qual comprei o de Michelangelo. — diz Gio.

Eu fico quieta. Merda. Afinal, eu estava certa?

A princípio ele não continua, estou prestes a instigá-lo quando ele diz: — Quando eu era criança, bem antes de entender completamente que meu pai nunca me deixaria tocar piano em público, eu tinha esta ideia.

Eu levanto minha cabeça de seu peito. — O que era isso?

Ele limpa a garganta. — Eu... bem, sonhei em ter um piano bar. Algum lugar onde eu pudesse ser o anfitrião e bater papo com as pessoas e talvez passear e tocar piano sempre que eu quisesse. — Seu olhar é cauteloso, como se ele pensasse que estou prestes a zombar dele.

É um momento louco. Gio Taccone - homem perigoso, poderoso e bonito - está me mostrando esse pedaço de vulnerabilidade.

— Seu pai era um idiota.

— Cuidado. — ele rosna, mas parece quase automático. Seu olhar ainda contém oceanos de vulnerabilidade.

— Ele era. — De repente, estou extremamente chateada por Gio. Que tipo de pai idiota destrói o sonho do filho de tocar piano porque acha que não é masculino o suficiente? Que idiota. — Você será o anfitrião perfeito do restaurante/piano bar.

— Não sei se um piano realmente cairia na casa de Michelangelo. Eu acho que bons restaurantes ficam em silêncio? Quer dizer, em termos de música?

Eu dou de ombros. — E daí? Pode ficar em silêncio durante o jantar e, depois que a cozinha fecha às dez, pode se transformar em um lounge nas últimas horas. Aposto que você encheria o lugar.

— Você acha?

— Será perfeito Gio. Realmente. — Não sei por que estou tão entusiasmada em transformar o Michelangelo no mesmo ponto de encontro de Tacone que eu estava tão puta imaginando antes. Acho que reconheço o que é ter um sonho. Uma visão de onde você acha que se encaixaria na vida. E ele tem as finanças e a capacidade de realizar seu sonho, ao contrário da maioria de nós. Na verdade, ele também tem a capacidade de realizar meus sonhos, não que eu vá permitir.

Eu já devo muito ao homem. Ele já está dizendo que é meu dono.

Não posso deixá-lo possuir meus sonhos também.

Então não sobraria nada de mim para guardar.

CAPÍTULO SETE

GIO

Entro no Caffè Milano. Estou procurando por Ivan, o babaca bratva que eu deveria conhecer. Eu o encontro sentado em uma mesa em frente a Marissa. Pelo menos eu acho que é Marissa. Ela está de costas para mim. Ivan me observa enquanto me aproximo, com um sorriso presunçoso no rosto. Eu me aproximo e Marissa olha para cima. A fita adesiva está cobrindo sua boca, vejo que seus pulsos e tornozelos estão amarrados juntos. Ela tenta gritar por trás da fita. Seus olhos arregalados e assustados estão grudados nos meus.

Colado ao meu enquanto Ivan ri e atira bem no coração dela.

— Não! — Eu grito e pego minha arma, mas não está lá. Não está lá e alguém está puxando meu braço.

Eu tento soltá-lo.

— Gio.

Eu pisco. O amplo olhar azul de Marissa ainda está fixo em meu rosto.
— Gio. — Ela puxa meu braço.

— Marissa. — Obrigado porra. Não há fita adesiva na boca dela. Ela não está sangrando. Ela está na minha cama.

Apenas um sonho. Apenas um maldito sonho.

Ela traça a ponta dos dedos sobre os músculos do meu braço. — Outro pesadelo?

— *Cazzo.* — Eu esfrego a barba por fazer no meu rosto. — Desculpe. Eu acordei você?

— Eu estava nele?

Eu dou uma risada sem graça. — Cada maldita vez.

— O que aconteceu? Deixa para lá. — Ela balança a cabeça. — Não sei

por que perguntei. Tenho certeza de que não quero saber.

— Você definitivamente não. Malditos russos. — Eu joga as cobertas e vou para o banheiro. Quando volto, Marissa ainda está na minha cama.

Eu paro para apreciar a vista.

Ela é linda pra caralho. Seu cabelo cor de caramelo se espalha sobre o travesseiro, o azul de seus olhos brilhando contra o pano de fundo do meu lençol cinza-carvão que ela puxou até as axilas. Ela é tão jovem e fresca e cheia de vida. Tanto para viver. E tudo isso pode ser tirado em um piscar de olhos.

Subo de volta na cama e puxo o lençol até a cintura para ver aqueles seios empinados à luz do dia.

Ela engasga e tenta alcançá-lo, mas eu balanço minha cabeça e ela instantaneamente para, seus lindos olhos atentos e alertas.

Huh. Ela é submissa comigo agora.

Não é uma submissa por natureza, no entanto.

Eu monto sua cintura sobre o lençol e apalpo um de seus seios.

Toda a atenção dela ainda está voltada para o meu rosto. Eu vejo a vibração de seu pulso em seu pescoço. — Eles são pequenos. — ela murmura, como um pedido de desculpas.

Eu libero seu peito e dou um tapa na lateral dele.

Ela grita e cobre os dois com as mãos.

— Eles são perfeitos pra caralho. — Eu agarro seus pulsos e os prendo ao lado de sua cabeça. — Você critica esse corpo de novo, vou pintar sua bunda de vermelho.

Ela solta uma risada surpresa. — É o meu corpo.

Eu arqueio uma sobrancelha. — É baby? Eu não acho. Acredito que agora possuo você. — Eu seguro seus dois seios e aperto, então passo meus polegares sobre os picos rígidos.

Meu pau se alonga entre nós.

Ela lambe os lábios.

Eu deslizo o lençol entre nós e corro meu dedo sobre sua entrada para verificar se há umidade.

Gotejando.

Garotinha gosta de ser possuída.

E eu com certeza amo possuí-la.

Eu me movo para o lado para me livrar do lençol superior e deslizo minhas mãos atrás de seus joelhos para empurrá-los em direção a seus ombros.

— Isso mesmo baby. Abra essa boceta para mim e me mostre como você fica molhada quando eu falo sujo.

Ela choraminga. Eu não me canso desses olhos fixos no meu rosto! Isso me faz sentir tão alto quanto a porra da Willis Tower.

— Essa é a boceta que eu possuo, não é, baby?

Ela suga o lábio inferior em sua boca, sua respiração vindo mais rápido.

— O que devo fazer com essa boceta primeiro? Lambê-la?

Ela engole e acena com a cabeça rapidamente.

Dou a ela o que deve ser um sorriso feroz. Estou definitivamente me sentindo predatório. Eu abaixo minha cabeça e dou uma longa lambida com minha língua aberta. Então eu traço em torno de seus lábios internos.

— Você faz todo esse mel para mim, anjo?

Choramingo.

— Isso significa que você quer meu pau grande dentro de você de novo, doce menina?

— Sim. — ela diz rapidamente. Mais rapidamente do que eu esperava. É tão fofo.

Tão gostoso.

Minhas bolas começam a doer. Eu belisco seus lábios e ela engasga. Movendo suas pernas para descansar em meus ombros, estendo a mão e seguro cada um de seus mamilos, aplicando uma pressão cada vez maior enquanto faço cócegas em seu clitóris com minha língua.

— Oh meu Deus! — ela chora.

— Você gosta disso, baby?

— Mais. — ela choraminga.

— Oh, eu vou te dar mais. Vou te dar tanto que você vai implorar por misericórdia.

Ela choraminga porque estou beliscando seus mamilos com muita força. Eu acelero a ação em seu clitóris, então aspiro minha boca sobre ele e chupo. Eu a libero de ambas as sensações de uma só vez, ela grita de alarme.

— Preciso de uma camisinha. — digo a ela. — Você se coloca na posição em que quer ser fodida. E faça uma boa.

Como se houvesse algo que não fosse bom com essa garota - ha.

Ando até a mesinha de cabeceira, fingindo não observar enquanto ela se agita na cama, se arrumando e se arrumando. Eu perco um pouco de tempo até que ela fique quieta, então me deixo levá-la para dentro.

Pooooooooorra.

A pequena atrevida está de joelhos e antebraços, bunda no ar.

— Oh, garotinha, essa foi uma escolha tão boa. Vou ter que recompensá-la por isso.

Eu ando atrás dela e faço outra massagem generosa em sua boceta pingando com a minha língua.

— Eu tenho que dizer... essa bunda está implorando para ser espancada. — Eu deslizo minhas mãos ao redor de sua bunda em apreciação total e completa. — Apenas uma marca de ontem à noite. Isso foi do cinto, eu acho. Eu sigo com o meu polegar. — Isso dói?

— Não.

— Bom. Não vou te machucar esta manhã. Eu só vou te dar uma pequena picada. Você gosta tanto quanto eu gosto de dar, não é, anjo?

Ela não responde.

Eu bato na bunda dela. — Responda-me, Marissa.

— Não sei... acho que sim.

— Você aprendeu algo novo comigo? — Esfrego o lugar onde bati.

— Sim. Definitivamente.

Eu rio, amando sua admissão. — Garota linda. — Eu bato no mesmo lugar, esfrego novamente. Eu continuo, dando tapas, então massageando até sua pele ficar rosa e ela está gemendo e balançando os quadris para mais.

Só então coloco minha camisinha. — Pronta para mais, anjo?

— Sim, por favor. — ela geme.

Tão doce que ela se tornou. Não sou tolo o suficiente para pensar que isso vai durar, mas com certeza estou gostando disso no momento.

Eu cutuco sua entrada suavemente, então relaxo. Seu gemido é sensual. Acolhedor. — Que bunda linda, baby. Eu amo foder você por trás.

— Mmm.

Eu agarro sua cintura e puxo seus quadris para trás para me encontrar em minhas estocadas. O ângulo me permite entrar profundamente dentro dela e ela se sente tão bem. Ainda apertada como uma luva. Tão quente e úmida. Fecho os olhos e me entrego à decadência das sensações.

Finalmente, uma razão para viver.

Quando seus gritos mudam de tom, ficando mais altos e mais desesperados, eu alcanço a frente dela e esfrego seu clitóris.

Ela grita. — Gio! Oh meu Deus! Por favor!

Quem pode negá-la? Eu fodo mais forte, balançando a cama contra a parede com a força das minhas estocadas.

Quando estou prestes a gozar, estendo a mão novamente para outra massagem. Eu grito. Ela grita. Nós dois voamos juntos, sua boceta apertando meu pau da maneira mais gloriosa. Eu caio em cima dela e a arrasto para o lado, ainda enterrado profundamente.

Eu respiro em seu pescoço. Mordo. Seguro seu peito enquanto eu empurro mais algumas vezes.

— Oh meu Deus. — ela ofega novamente.

Deixo beijos ao longo de seu ombro, descendo por seu braço. — Todo esse tempo eu estive me perguntando por que minha vida foi salva. — eu resmungo, nem mesmo me censurando. É meio louco o quanto eu me solto perto dessa garota. — E acho que acabei de descobrir. — Eu mordo seu braço.

Sua risada é baixa e gutural. — Oh sim? Para sexo?

— Sexo com você, doçura.

Eu retiro antes que o preservativo saia e eu o descarto.

Pego meu telefone e mando uma mensagem para Michael, que agora é essencialmente minha vadia. *Demita o subchefe Arnie, com efeito imediato. Ele tem sido desagradável com as garotas que trabalham na cozinha. E dê às duas meninas um aumento de três dólares por hora, começando com o último salário para compensá-las.*

Eu viro meu telefone e mostro a Marissa quando termino.

Ela está sentada na cama, cabelo despenteado, rosto corado. Ela é a coisa mais doce que já tive na minha cama.

Estou tentando descobrir como mantê-la aqui. Ou se isso é mesmo a coisa certa a fazer.

Foda-se com essa merda de certo e errado o tempo todo agora. Por que eu tive que criar uma porra de consciência depois da minha experiência de quase morte?



MARISSA

Pego o telefone de Gio para ter certeza de que estou lendo o texto corretamente. Um sorriso se forma em meus lábios enquanto releio. — Você também me deu um aumento? — Eu sei que estou o deixando ouvir minha excitação. É estúpido. Três dólares por hora não é nada para Gio Tacone, e eu não queria dar a ele mais vantagem sobre mim. Mas que diabos, ele já decidiu que é meu dono. Poderia muito bem deixá-lo pagar por isso, certo?

Ocorre-me que deveria pedir mais.

Especialmente considerando o quão carinhoso ele está sendo comigo.

Mas talvez ele seja assim com toda mulher que traz para casa.

Um fragmento de ciúme perfura através de mim com crueldade inesperada.

— O quê?

Porra, ele é observador.

Eu puxo o lençol para cobrir meus seios. Eu preciso me tirar daqui. Estou tão perdida com este homem e isso só termina de uma maneira - comigo esmagada sob sua bota.

— Você terminou comigo agora?

Suas sobrancelhas se fecham. — O que diabos acabou de acontecer?

Eu me levanto e começo a engatinhar para fora da cama, mas ele me pega pela cintura e me puxa para trás. — Espere só um minuto. Que porra eu fiz, Marissa? Você está brava por causa do dinheiro?

Não posso encontrar seus olhos. Eu só quero sair daqui. Viro meu rosto. — Não, eu só...

Ele pega meu queixo e o segura com firmeza, virando meu rosto para ele. — O que eu fiz?

Eu quero jogar algo maldoso na cara dele sobre ele me possuir e me

tratar como uma prostituta, mas eu sei no meu coração que é uma mentira, então eu deixo escapar o verdadeiro problema.

— Você é um playboy, Gio. Eu não posso fazer isso. — Engasgo com a emoção que aparece. O que diabos é isso? Ontem mesmo eu estava dando uma bronca nele e dando uma joelhada nas bolas dele. Agora estou engasgando por não ser sua única? É uma loucura.

— O quê? — Ele está tão chocado quanto eu. — Não, não, não, não, não. Você está louca, Marissa. Você é a primeira mulher com quem dormi desde que levei um tiro. E isso foi há meses. — Ele solta meu queixo, seu toque se tornando gentil enquanto ele levanta meu queixo. — Você é a garota dos meus sonhos, anjo. Só queria que fossem bons sonhos.

Ele abaixa sua testa na minha, seus lábios pairando sobre minha boca.

Eu tomo a iniciativa e o beijo. No momento em que o faço, ele entra em ação, me empurrando de costas na cama, cobrindo meu corpo com o dele. Seu beijo é profundo, implacável. Sua língua varre em minha boca, ele suga meu lábio inferior. Ele me consome.

É o melhor beijo da minha vida.

Um beijo de *verdade*.

Melhor que qualquer filme.

Melhor que sexo, até.

Bem, talvez não seja melhor do que sexo com Gio. Isso é bastante intocável.

Quando ele quebra, ele olha para mim. — O que você quer de mim, anjo? Eu vou dar a você. É difícil pra caralho quando você nunca aceita.

E então eu estou chorando.

Lágrimas quentes que escorrem dos cantos dos meus olhos pelas minhas têmporas. — Desculpe. — Eu envolvo meus braços em torno dele e o puxo para perto, em um abraço horizontal de corpo inteiro. Ele é pesado, mas o peso me acalma. — Isso tudo é assustador e novo para mim.

— O que é? — Ele parece exigente e acho que percebe, porque repete

as palavras, mais suavemente, — O que é, anjo?

— Tudo. Você. Quem é você. O que você representa. O poder, o dinheiro. O sexo.

— Ei, ei, ei. Você me perdeu, querida. — Ele tenta se afastar para ver meu rosto, mas mantenho um estrangulamento em seu pescoço. Eu realmente não posso fazer contato visual agora. — O que você está falando?

Não quero dizer “você é da máfia” porque acho que é algo que você não diz a esses caras, então digo — Você é um Tacone.

Seu peso cai contra mim, como se eu tivesse acabado de derrubá-lo. — Baby, eu nem sei mais quem eu sou. — Sua voz é pesada. Ele soa cansado. — Desde que levei um tiro, não sei qual é o sentido desta vida. Eu quis dizer isso quando disse que você me deu um novo significado. Então, se você tem alguma ideia sobre quem diabos eu sou, você poderia, por favor, apenas... esquecer? Podemos começar a partir de hoje? Neste minuto. Apenas duas pessoas que gostam da maneira como seus corpos se encaixam? Quem gosta da maneira como se sente quando está com o outro?

Prendo a respiração. Uau. É assim que ele se sente sobre mim?

Ele empurra de volta e desta vez eu relutantemente deixo que ele me veja. — Eu faço você se sentir bem, anjo?

Formigamentos percorrem minha pele. Ele expressou como se fosse sobre sexo, mas posso dizer pelo seu olhar que ele está perguntando sobre muito mais. Ele?

Ele me assusta. Tenho medo de me envolver com ele. Mas sim. Ele definitivamente me faz sentir bem. Não apenas meu corpo.

Eu.

Lembro-me de como me senti forte ao ir para o hospital com ele. Como eu me sentia sexy e confiante cozinhando para ele.

Como me sinto especial cada vez que ele compartilha algo assim sobre suas verdadeiras lutas. Sobre quem ele realmente é.

— Sim, Gio. — eu sussurro. — Eu gosto do jeito que você me faz sentir.

Os cantos de sua boca se erguem. — Bom. Agora, o que posso fazer por você esta manhã? Levá-la para o café da manhã? Que horas você tem que estar no trabalho?

— Não até as duas. E estou preparando o café da manhã para você. — De repente, estou cheia de energia, animada por ser a versão de mim que ele acha tão atraente. — Já teve uma mulher cozinhando nua para você? — Eu pergunto, andando em direção à porta. — Esqueça isso, eu não quero saber a resposta. — eu chamo enquanto caminho em direção à cozinha.

— Não. — ele grita atrás de mim. — Nunca, baby. Você é a única mulher que já deixei entrar na minha cozinha!

Estou absurdamente satisfeita com essa resposta. Quando você cresce com italianos - ou pelo menos na minha família - aprende que cozinhar é amor. Minha nonna ainda passa o dia inteiro preparando uma refeição para o jantar da família. No Natal, ela passa dois dias fazendo biscoitos com Mia.

Você pode saborear o amor na comida. É a razão pela qual Milano sempre tem clientes.

É por isso que quis me tornar um chef - queria levar isso a um novo nível.

Vou para a cozinha e amarro o avental que deixei em sua gaveta em volta da minha cintura e olho na geladeira para ver o que ele comeu da comida que deixei para ele.

Gio vem sentar-se no balcão do café da manhã com uma camiseta que se estica para acomodar seu peito largo e um short de corrida. Ele esfrega o queixo e rosna quando repara na minha roupa. — Baby, você cozinha para mim assim, você é a única coisa que vai ser comida.

Eu sorrio presunçosamente e o ignoro, continuando meu trabalho.

Fico feliz em saber que ele devorou quase tudo que deixei. Corto um pouco do bife que deve servir para a refeição desta noite e pico alguns tomates, cebola, alho e manjerição. Depois pego os ovos, a manteiga e o leite e faço duas omeletes grandes e gordas.

— Não consigo me sentir culpado por você estar na minha cozinha antes de ter que ir e cozinhar a noite toda. — Gio diz quando deslizo um prato na frente dele. Ele pega. — Traga o seu para a mesa. E você está sentado no meu colo. Você acha que posso tocar nesta comida antes de tocar em você?

Acho que estou corando. Eu quero manter minha resistência ao seu charme, mas ele continua destruindo minhas defesas. Carrego meu prato para a mesa e suspiro com a vista. Eu o vi à noite, mas durante o dia é ainda mais espetacular. O sol entra pelas janelas de parede a parede, brilha nas ondas do lago Michigan abaixo de nós.

— Isto é incrível.

Ele me puxa para baixo em seu colo, como prometido. Seus lábios imediatamente encontram meu seio e ele chupa meu mamilo até que eu me contorça em seu colo, o puxão correspondente entre minhas pernas ficando mais forte.

— Garota linda. Estou morrendo de fome, mas você é a única coisa que quero comer.

— Não me ofenda, eu fiz esta comida para você. *Mangia, mangia*, como diria minha nonna.

— Mmm, tudo bem. — diz ele com relutância e me ajuda a ficar de pé. — Comida em primeiro lugar. — Ele dá um tapa na minha bunda nua enquanto me viro para me sentar à sua frente.

Ficamos em silêncio enquanto comemos. Eu divido meu olhar entre a vista e seu rosto bonito enquanto ele enfia a comida na boca, balançando a cabeça e fazendo sons apreciativos.

— Você sempre foi meu irmão Tacono favorito. — admito, enxugando meus lábios com um guardanapo de pano.

Ele me estuda, divertido. — Não sabia que você pensava em qualquer um de nós o suficiente para ter um favorito.

— Ah, pensei bastante em você. — admito. — Você sempre foi gentil. Você e Stefano. O resto de seus irmãos me assustava.

— Sim. Nós somos os rostos. — diz ele. Ao perceber que não entendo, ele elabora: — Os que batem papo, quando tem que ser feito.

Isso traz de volta para casa o que ele é. Quem é ele. Um senhor do crime. Um assassino. Um membro de uma das famílias mafiosas mais perigosas e poderosas do país. Meu estômago aperta.

O que diabos estou fazendo aqui? Isso não é um jogo e estou perdendo a cabeça.

Pego nossos pratos, mas Gio os tira de mim. — Eu vou limpar, boneca. Obrigada pelo café da manhã.

— Eu vou tomar um banho e ir embora. Preciso chegar em casa para me trocar antes do trabalho.

— Vou levá-la. — diz Gio com firmeza.

— Não, eu estou bem. É plena luz do dia. Realmente.

Gio para na entrada da cozinha e franze a testa. Ele olha para mim como se fosse dizer alguma coisa, então apenas balança a cabeça e se vira para a cozinha.

Eu tomo isso como um alívio e fujo para seu luxuoso banheiro. Preciso me afastar desse mundo louco de fantasia e voltar a ser quem eu sou. A garota Milano. Neta de Luigi Milano, que deveria ter pensado melhor antes de se envolver em negócios de Tacone.

CAPÍTULO OITO

GIO

Eu não deveria tê-la deixado correr.

Ou talvez fosse a coisa certa a fazer. Eu não sei, porra.

Eu sinto que preciso ver um psiquiatra, como a porra do Tony Soprano ou algo assim.

Por que com Marissa Milano as coisas ficam cada vez mais confusas? Isso não é verdade. Elas ficam cristalinas e depois se desfazem.

Houve momentos em que ela estava na minha casa, em que me senti um novo homem. Quando encontrei o eu que foi enterrado sob o molde do homem da Família. A pessoa que eu realmente sou. O homem que eu deveria ser.

Havia vislumbres de propósito e esperança. De possibilidades que nunca acreditei serem possíveis. Mais como um sentimento ou energia do que uma visão real e concreta de um futuro.

Mas a ressonância disso foi incrível.

Ainda está me sustentando, mesmo que a escuridão volte mais e mais a cada dia.

Ela precisava de espaço. Eu poderia dizer pela forma como ela saiu daqui, recusando-se a me deixar levá-la para casa. Recusando-se a aceitar mais favores meus.

Então eu fiquei longe na última semana. Não estive no Michelangelo ou no Milano enquanto ela estava trabalhando. Eu não mandei mensagem ou liguei.

Mas esta noite é a noite dela para vir e cozinhar para mim, e eu estou realmente ansioso por isso.

Ainda assim, há um ponto em que você precisa parar de perseguir. Eu

já disse antes, não sou o tipo de cara que paga mulheres. Não preciso forçar ou coagir. Então, se essa não me quer, não vou insistir no assunto.

Isso é o que eu decidi.

É reforçado quando o porteiro liga para dizer que ela está lá embaixo. Ela não me chamou para uma carona.

Se ela aparecer de saia e salto alto, ansiosa para agradar, saberei onde estou.

Eu me levanto para destrancar e abrir a porta, mas depois volto para o meu computador na mesa da sala de jantar.

Ela bate na porta e a abre.

Jeans e uma maldita camiseta.

OK. Essa é uma mensagem clara.

Então vou deixá-la em paz.

Eu apenas falo minha saudação de onde estou sentado. Como se ela fosse a ajuda. E eu sou o chefe.

Qual é realmente o caso e como eu preciso deixar as coisas.

Ela fica ocupada fazendo a comida enquanto eu examino as finanças de Michelangelo. Exceto que não sei o que diabos estou procurando. Eu usei um corretor para comprar o negócio. Ele estabeleceu o valor e eu o dobrei para tornar minha oferta irresistível.

Mas eu sei tudo sobre administrar um restaurante, exceto como comer em um. Encaminhei a informação para Nico com a nota: *Segui seu conselho, irmão. Agora sou o orgulhoso proprietário do Michelangelo. Você se importaria de dar uma olhada nas finanças e me dizer o que você pensa?*

Marissa entra com um prato de comida deliciosa. Costeleta de porco com algum tipo de groselha seca e molho de frutas vermelhas e aspargos cozidos no vapor que são exatamente a maciez certa e a bondade amanteigada.

Eu resisto ao desejo de fazê-la sentar comigo. Resisto ao desejo de

tocá-la.

Quando ela vem para limpar meu prato, porém, ela para e engole. — Você está bravo comigo?

Oh, doce. Agora não consigo me conter. Minha mão alcança sua cintura, desliza para a parte de trás de sua calça jeans onde eu aperto sua bunda. — Você está tentando me deixar com raiva?

Ela puxa uma respiração com as pupilas dilatadas. — Não. Quero dizer, eu não estava, mas...

— Você precisa que eu deixe essa bunda vermelha de novo? — Aperto outro punhado porque parece que sim. Droga. Bom.

Ela se inclina para mim.

Porra.

Tanto para manter minhas mãos longe dela.

Eu a puxo para o meu colo e seguro firmemente entre suas pernas com uma mão. Com a outra, pego um punhado de seu cabelo e puxo sua cabeça para trás. — Garotinha, aqui está a pontuação. Estou cansado de ver você fugir como se pensasse que eu fosse morder. Então, se você quer minhas mãos em você, precisa deixar claro. Dê-me uma porra de um sim, por favor. Caso contrário, estou cortando você. Diga-me agora.

Cristo. Às vezes eu me choco até com o que sai da minha boca com essa garota. E as verdades que ela arranca de mim são ainda mais surpreendentes.

Eu definitivamente a choquei. Seus olhos azuis estão arregalados, as pupilas enormes. Ela está se contorcendo contra meus dedos, ofegando por causa do estresse em seu couro cabeludo.

— Sim, por favor. — ela sussurra.

Minha risada é sombria e possessiva.

Meu desejo é negro como a noite.

As coisas que eu quero fazer com essa garota.

As coisas que vou fazer.

Eu abro seus joelhos, jogando suas pernas para fora das minhas e bato em sua boceta com três tapas afiados. Então esfrego a costura de sua calça jeans sobre seu clitóris.

Ela se contorce e geme.

— Você vai ser a minha boa menina? — Minha voz está suja de cascalho. Perigosamente rude.

— N-não.

Eu bato em sua boceta novamente.

— Sim! — ela grita. — Sim?

Eu mordo sua orelha. — Você não tem certeza?

— O-o que você quer?

Eu ri. — Isso mesmo, anjo. É sobre o que eu quero, não é? Porque você sabe que vou fazer bem, não importa o que eu faça. Não é, baby?

Ela segura os próprios seios. Minha conversa suja a levou ao limite da excitação sexual. Tenho a sensação de que é um território desconhecido para ela, e eu amo como ela é corajosa.

— Vamos começar com isso. — Eu puxo sua camiseta sobre sua cabeça.

Ela estende a mão para desabotoar a calça jeans.

Eu pego suas mãos. — Uh uh. Eu disse para tirar a calça?

Ela para, confusa.

— Talvez eu queira usá-la. — Não consigo pensar em nenhum bom motivo para mantê-los no momento, mas sinto vontade de dar todas as ordens. Eu estou tão farto de ficar enrolando em torno dessa garota. Se ela quer meu toque, é melhor ela se submeter.

— Tire o sutiã. — eu ordeno.

Ela o desengancha e o desliza de seus braços. Eu seguro seus seios e

belisco os mamilos.

— O que eu te disse sobre esses seios?

— Hum... não sei.

Dou um tapa em sua boceta, depois volto a rolar os mamilos entre os dedos indicador e polegar. — Eu disse que eles são perfeitos. Agora você diz isso.

— Oh, Jesus, Gio.

— Diga, garotinha. Você já tem um castigo vindo.

— Para quê?

— Você sabe para quê.

Ela engole enquanto eu esfrego a costura de sua calça jeans contra seu clitóris novamente. — Eles são perfeitos. — ela murmura.

— Mais alto. *Diga que meus seios são perfeitos pra caralho.* Alto e orgulhoso, baby.

— Oh meu Deus, Gio. Você está louco.

Eu belisco ambos os mamilos apertados e seguro. Mordo o ombro dela. — Diga.

— Meus seios são perfeitos pra caralho! — ela grita.

Eu libero seus mamilos e ela choraminga.

Eu a empurro para ficar de pé. — Curve-se sobre a mesa, baby.

Ela me lança um olhar nervoso por cima do ombro, mas se volta para a mesa e desliza as pontas dos dedos sobre a superfície até que seus seios nus fiquem achatados contra o vidro.

— Isso é uma visão bonita. — Levanto-me e abro o cinto. Ela lança outro olhar nervoso por cima do ombro.

— Vou deixar você ficar de jeans para sua surra, menina bonita. Eu não gostaria de deixar marcas.

Ela afunda os dentes no lábio inferior e se vira para a mesa. Eu posso

ver seu reflexo no vidro. Ela está animada.

— Abra suas pernas. — Eu empurro seus pés mais largos.

Enrolo a fivela do meu cinto em volta do meu punho e experimento na minha perna. Só estou brincando... definitivamente não quero machucar Marissa.

Moderando os golpes, deixo o cinto balançar, com cuidado para não deixar a cauda enrolar em seu quadril.

Ela engasga.

Eu esfrego toda a bunda dela, esfrego entre as pernas, aperto. — Você está bem, baby?

— Sim, por favor.

Eu ri. — Por favor, hein? Isso significa que você quer mais?

— Hum, sim? Eu penso que sim.

— Incline sua bunda para trás e me mostre que você vai ser uma boa garota para sua surra.

Ela obedece e eu dou cinco golpes rápidos. Eu não pego pesado, mas o suficiente para que ela sinta uma pequena picada, mesmo através do jeans.

Quando paro e esfrego, ela cantarola em agradecimento.

Eu alcanço a frente e desabotoo seu jeans, então o deslizo, junto com sua calcinha, para baixo de suas pernas. Ela tira os tênis para que eu possa tirá-los de seus pés. Então eu deslizo minha cadeira atrás dela, empurro sua bunda aberta e a lambo por trás.

Sua boceta aberta e a bunda aberta com o contato da minha língua com seus lábios sensíveis. Ela estremece e treme enquanto eu a lambo do clitóris ao ânus e vice-versa.

— Era isso que você esperava quando disse, *sim, por favor?*

— Hum, sim. — ela choraminga.

— Você gosta do jeito que eu possuo seu corpo, boneca?

— Sim.

— Mesmo que você tenha me dado uma joelhada nas bolas por isso?

— Sinto muito. — ela ofega. — Me desculpe por isso.

— Diga-me, anjo. — Eu me levanto para penetrá-la com um dedo. — Do que você tem tanto medo? — Eu bombeio meu dedo dentro dela. — O jeito que eu faço você se sentir? Ou algo que você acha que vou fazer com você e que você não vai gostar?

— E-eu não sei. — ela suspira.

Eu bombeio mais rápido, então paro para adicionar um segundo dedo e bombear novamente. — Não, bebê. Não estou aceitando essa resposta. — Eu continuo bombeando.

Sua respiração estremece, a parte interna das coxas treme. Ela está perto de gozar apenas dos meus dedos.

— Diga-me a porra da verdade, Marissa. — Eu empurro meu polegar sobre o enrugamento de seu cu e esfrego.

Sua pélvis estremece. Ela não responde.

Puxo meus dedos e dou um tapa em sua bunda nua com um estalo retumbante.

— A-aah!

— Você quer que eu deixe você gozar, anjo?

Ela choraminga.

Eu bato nela novamente. — Responda-me com palavras.

— Sim, por favor.

— Então responda à minha pergunta.

— Não é... estou com medo porque...

Eu bato nela novamente quando ela não termina.

— Porque você é um Tacone.

Envolvo meus dedos no cabelo dela e puxo sua cabeça para cima, abaixo a minha para encontrá-la. — E daí?

— Então... você é perigoso.

Ignoro a chave de fenda que acabou de perfurar minhas costelas. Afasto seu cabelo do rosto para que ela possa me olhar nos olhos quando pergunto: — Perigoso para você?

Ela pisca.

— Responda-me. — murmuro. — Sou perigoso para você, Marissa?

Depois de um momento, ela tenta balançar a cabeça, o que obviamente não funciona porque estou segurando seu cabelo. — Não. — ela sussurra.

Eu solto seu cabelo. — Não. — Eu dou um passo para trás e bato em sua bunda novamente. — Vou cuidar de você, Marissa. Eu te falei isso.

Pego uma camisinha e libero minha ereção.

— Por causa dos pesadelos? — ela murmura.

A respiração sai de mim com a menção deles. — Sim, não... eu não sei, baby. Porque você é você. Não vou deixar ninguém te machucar.

Eu bato em sua bunda e a seguro, dando uma sacudida em sua nádega suculenta. — Nem mesmo eu.

Esfrego a cabeça do meu pau embainhado sobre sua entrada inchada, e a carne se abre imediatamente para me acolher. Como se fosse onde eu pertenço.

No momento em que entro, sei que escolhi o lugar errado para isso. O tampo da minha mesa de vidro não vai aguentar o soco que quero dar nessa garota. Eu deslizo para dentro e para fora lentamente, meus olhos rolando para trás na minha cabeça com a glória de como ela se sente bem. Eu agarro seus quadris e dou-lhe algumas estocadas curtas, em seguida, alguns deslizamentos lentos e completos novamente.

— Anjo, você quer que eu te foda com força?

— Sim. — Eu amo como não há hesitação em sua resposta. Ela pode não ter certeza de mim de outras maneiras, mas minha perversão dominante não a assusta nem um pouco.

Na verdade, devo dizer que Marissa também é uma aberração na cama.

— Então vou ter que tirar você desta mesa ou vou quebrá-la em duas.
— Eu empurro profundamente e puxo seus quadris para trás com os meus, ajudando-a a se endireitar. Eu giro nossos corpos para longe da mesa. — De joelhos, *bella*. — Eu puxo para fora antes que ela caia de joelhos, mas imediatamente a sigo para o chão, empurrando novamente no momento em que ela cai.

E então é apenas a felicidade de entrar e sair. Segurando seus quadris firmemente no lugar enquanto eu bato minhas virilhas contra sua bunda, entro fundo para satisfazer a crescente necessidade.

Não sei quanto tempo estou nisso - minha mente se desvaneceu no prazer disso, mas então volta, e percebo que desejo mais.

Eu puxo para fora. — De costas, boneca. Quero ver seu rosto quando fizer você gozar.

Sempre obediente, ela instantaneamente cai e se contorce de costas diante de mim, seus joelhos dobrados abertos em um convite.

— É isso, *bella*.

É quando vejo que ela está completamente depilada. Da última vez, ela estava bem aparada. — Ah, anjo. — Eu acaricio meu polegar sobre a pele lisa. — Você fez isso por mim?

Ela encontra meu olhar e o mantém, balançando a cabeça lentamente.

Ave Maria.

Ela pode não ter usado a saia, mas ainda estava pensando em me agradar. Sobre se entregar a mim. A dose de prazer que me percorre quase me faz gozar ali mesmo.

Eu a espeto com minha ereção pulsante, entrando e saindo com força.

Ela suspira e envolve as pernas em volta das minhas costas.

— Baby, isso definitivamente merece uma recompensa. — Eu continuo a fodê-la para o alto céu. Cada estocada me deixa mais fundo, a deixa mais selvagem. Ela solta gritinhos de pânico, puxa meus quadris com os tornozelos cruzados nas minhas costas. Crava as unhas nos meus ombros.

Adoro vê-la tão perdida, tão louca pela libertação.

Na verdade, isso me faz esperar mais, meu próprio prazer tão ligado em assistir o dela se desenrolar. Eu mudo meu peso para um braço e uso a outra mão para rolar e apertar um mamilo. Quando eu belisco e seguro, ela vem com um grito.

— Gio! Oh meu Deus! O que você está fazendo comigo? — Seus quadris balançam freneticamente contra os meus enquanto sua boceta ordenha meu pau.

Seguro mais algumas estocadas, então gozo também, empurrando profundamente e ficando lá para o lançamento.

Eu deixo cair minha cabeça na curva de seu ombro, minha respiração combinando com a dela enquanto ofegamos e nos recuperamos. Eu chupo o lóbulo de sua orelha em minha boca, giro minha língua ao redor da delicada concha rosa.

Ela se contorce e ri.

— *Che beleza.* — murmuro contra sua pele. — Adoro ver você cair do outro lado.

Sua boceta aperta, fazendo meu pau estremecer dentro dela. — Eu nunca fiz sexo assim. — ela admite, o que eu já havia adivinhado.

— Nem eu. — digo a ela. É verdade. Já comi muitas garotas. Mais do que eu jamais gostaria de contar, e fiz isso de todas as maneiras imagináveis, mas é tudo diferente com ela. Parece novo e excitante e muito melhor.

Afasto seu cabelo do rosto e passo meus lábios nos dela em um beijo solto e investigativo. — Você faz algo para mim, Marissa. Algo bom.

— Você me faz sentir...

— O quê? — Eu pergunto quando ela não termina.

— Não sei. Muito. Como se tudo fosse ampliado - o bom, o ruim. Tudo isso.

Eu saio dela. — Qual é o problema, anjo? — É como um daqueles acidentes de carro em que você sabe o que está por vir, mas não consegue parar de perguntar.

Ela balança a cabeça. — Não, não é ruim. Apenas minhas ansiedades. Estou fora de mim com você, Gio. E isso me assusta.

Estou esfolado por sua honestidade. Isso me faz querer dar tudo a ela. Meu coração em uma vara. Meu dinheiro. Minha vida.

— Não tenha medo de mim. — murmuro — Nunca comigo. Lembra da minha promessa? Sou um homem de palavra.



MARISSA

Eu pisco para Gio, uma confusão de emoções enchendo meu peito além da capacidade. Parece muito irreal acreditar que esse homem poderoso, rico e perigoso está fazendo promessas a uma cozinheira de 25 anos de Cicero.

Mas se tudo remonta a eu estar em seus pesadelos, acho que faz sentido. Eu represento algo para ele. Algo sobre por que ele sobreviveu ou o que deveria mudar em sua segunda chance na vida.

Como o momento é muito grande, muito vulnerável, muito assustador, eu deixo escapar: — Fiz a sobremesa.

Um sorriso gigante se estende pelo belo rosto de Gio. — Ela me fez uma sobremesa. — ele narra — Essa garota é perfeita. — Ele arqueia uma sobrancelha, estilo estrela de cinema. — Só que eu pensei que você fosse a sobremesa, anjo. — Ele sai de cima de mim e me ajuda a ficar de pé.

— Outra sobremesa, então. — eu digo a ele. Estou animada para dar a ele. Ele estava tão reservado quando cheguei aqui que decidi apenas colocá-la na geladeira e deixá-lo encontrar por conta própria, mas agora estou ansiosa para tratá-lo.

— Sorte a minha. — ele resmunga.

— Sim, eu concordo.

— Você está animada. — ele observa. — Você realmente ama o que faz.

Eu tento pegar meu jeans do chão, mas ele dá um tapa na minha bunda nua. — Sem roupas, anjo. Eu gosto quando você me serve nua.

Minha boceta bem usada fica quente e molhada novamente com essas palavras.

Seu olhar cai para meus mamilos, que endurecendo. Corando, corro em direção à cozinha e ele me segue. Quando tento pelo menos colocar o avental como da última vez, ele balança a cabeça. — De jeito nenhum você está cobrindo essa linda boceta, anjo.

— Acho que o inspetor de saúde pode ter algo a dizer sobre isso. — murmuro, mas estou lutando contra um sorriso.

Seu sorriso é sexy como o inferno.

Pego o recipiente com a sobremesa na geladeira e pego dois pratos. Fico de costas para Gio enquanto polvilho os pratos com açúcar de confeitiro e cacau, depois sirvo para cada um de nós um pedaço de tiramisu caseiro com uma trufa artesanal de café expresso ao lado. Decoro as bordas dos pratos com um fiozinho de calda de framboesa e uma framboesa, uma amora e um morango, cortados em forma de flor. Então eu viro para apresentá-los.

O olhar de Gio cai primeiro no meu corpo, viajando dos meus seios para a minha boceta e de volta para os meus seios. Então ele finalmente vê a sobremesa. — Tiramisu? Meu favorito.

— Eu me lembro. — eu admito. Ele sempre pede quando temos na delicatessen. — Receita da minha nonna, mas fiz especial para você. — Eu

coro com a admissão.

Ele estende o braço. — Venha aqui.

Colocando os pratos na mesa, eu me aproximo e ele envolve o braço em volta da minha cintura, puxando meu corpo nu contra o dele totalmente vestido. Sua mão desliza sobre minha bunda e aperta.

— Eu adoro quando você cozinha para mim. — ele murmura contra minha têmpora, então levanta meu queixo e desliza seus lábios sobre os meus em um beijo lento. — Talvez eu tenha que diminuir seu salário para que você nunca pague sua dívida comigo. — Ele diz isso de forma tão calorosa, com um ronronar tão apreciativo, que os alarmes não disparam na minha cabeça. — Eu acho que você estava certa sobre os Tacones, afinal.

Minha boceta está pingando de novo. Não sei por que meu corpo é tão receptivo a ele, seja por suas palavras ou por seu toque, mas estou definitivamente possuída, mesmo sem a situação financeira entre nós.

Eu olho para cima e esfrego meus mamilos sobre sua camisa. — Você não deveria me fazer uma oferta que não posso recusar?

O sorriso largo se estende novamente em seus lábios, revelando dentes brancos e reluzentes. — Anjo, eu te daria qualquer coisa. Faça uma lista e eu vou começar a cumpri-la.

Um sopro de riso surpreso sai da minha boca. — Tudo bem... que tal pagar minha dívida? — Pode muito bem ir para o ouro, certo?

Arrependimento pisca em seu rosto e minha barriga se contorce. — Essa não, baby. Ainda não estou pronto para libertar o passarinho engaiolado.

Eu sabia que era pedir demais - trinta mil é uma dívida enorme para se pedir perdão, mas sua recusa me magoa. Talvez porque ele seja tão careca sobre o que é isso. Eu tento tropeçar para trás, mas ele me segura rápido.

— Fizemos uma barganha, meu anjo. Nós dois estamos gostando. Deixe andar mais um pouco, baby. Estou aberto a renegociar se isso mudar.

Eu relaxo um pouco. Ele traz sua boca para baixo, pairando sobre a minha, mas não reivindica meus lábios. — Beije-me. — ele ordena.

No momento em que o faço, todas as minhas dúvidas e apreensões desaparecem. Eu envolvo meus braços em volta de seu pescoço. Ele puxa minhas pernas em volta de sua cintura e eu mergulho em tudo o que significa ser propriedade de Gio Tacone. Estar nua e à sua mercê. Ele me apoia contra a parede e me pressiona contra ela, prendendo-me firmemente para que possa esfregar a protuberância de seu pau contra a minha boceta que chora.

— E-e a sobremesa? — Eu suspiro quando ele vem para o ar.

— Passe a noite. — ele exige.

Eu pisco. A verdade é que eu já havia dito à tia Lori que talvez não estivesse em casa esta noite. Que eu estava indo a um show com uma amiga e provavelmente iria dormir na casa dela. — Ok — murmuro.

Gio me recompensa com seu sorriso magnífico e lentamente me deixa deslizar para o chão. Ele me beija mais uma vez. — Então acho que temos tempo para a sobremesa. — diz ele, segurando minha bunda e dando-lhe um aperto apreciativo antes de me soltar.

Gio pega os dois pratos e duas colheres. — Escolha um vinho. — ele ordena antes de levar os pratos para a sala de jantar.

Pego um vinho moscato de sobremesa e o sirvo em pequenos copos de cristal. Adoro que Gio tenha todos os tamanhos e estilos em seu gabinete. Eu odeio admitir isso, mas eu amo tudo sobre seu lugar de luxo. Apenas estar nele me faz sentir rica, como se estar perto dos móveis caros de alguma forma alimentasse meu próprio corpo e ser.

Na sala, Gio me puxa para seu colo, montando nele e me dá a primeira mordida. Eu pego, mas quando a deliciosa confeitaria derrete na minha boca, eu digo: — Você experimenta. Eu fiz isso para você.

— Eu sei, anjo. Ainda estou recompensando você por isso. — Eu observo enquanto ele dá uma mordida e revira os olhos com prazer. — Mmm. Tão bom, baby. Eu posso provar o amor que você colocou nele.

Eu ri. — É o que minha nonna sempre diz sobre a comida dela.

— É verdade. — Ele me dá outra mordida.

— Então — eu digo, rolando a penugem doce e cremosa na minha boca. — Eu nunca vi um piano entrar no de Michelangelo. O que está acontecendo com isso?

— Oh. Sim. Ainda pensando nisso.

Eu faço um som de escárnio. — O que há para pensar? É o seu sonho Gio. Transforme Michelangelo em algo que você ama. Contanto que você o ame, o mundo também o amará. Foi o que nos disse um dos meus professores do instituto de culinária. Ele disse que sim, siga as tendências, conheça o mercado, saiba o que está na moda. Mas ainda crie o que você ama.

Os olhos de Gio deslizam para seu piano.

— Aquele piano branco ficaria perfeito ali. — insisto. — Onde você consegue um piano assim? Vamos fazer compras amanhã.

Os lábios de Gio se contraem. — Você vai comprar o piano comigo?

— Sim, totalmente. Será divertido.

— Que horas você trabalha?

— Na verdade, não trabalho amanhã. Não no Michelangelo e minha tia provavelmente pode lidar com o Milano - trabalhei sozinha a semana toda com a recuperação de Mia. Ela me deve.

— Isso é ótimo. É meu aniversário.

— Isso é? — Eu me endireito. Sou do tipo que faz de tudo em aniversários. Eu não sei, produto de ser abandonada por minha mãe e odiar cada aniversário quando ela não aparecia. Agora eu trabalho muito para garantir que o aniversário de todos não seja uma decepção tão grande quanto o meu sempre é.

Gio me dá o último pedaço de tiramisu e enfia a trufa na boca. — *Ohhhh* sim. Isso é tão bom, anjo. Grão de café?

Estou ridiculamente satisfeita com sua apreciação. — Expresso, sim.

— Eu amo isso.

Eu me contorço em seu colo e coloco meus braços em volta de seu pescoço. — O que você quer que eu faça para você no seu aniversário?

Seu sorriso é selvagem. — Oh, anjo. Não há nada que você faça que me desaponte.

— Não foi isso que perguntei. Qual é a sua refeição favorita? Ou sobremesa? Por que você não me disse para que eu pudesse fazer um jantar especial de aniversário?

Ele passa as mãos para cima e para baixo nas minhas costas nuas. — Fazemos jantares em família para aniversários. Você virá?

Eu paro de respirar.

Nem aceitei o fato de que Gio e eu estamos namorando - ou o que quer que estejamos fazendo. Não estou pronta para ser levada a um jantar de aniversário com a família.

Mas Gio parece estar prendendo a respiração também. E é o aniversário dele.

— Você, hum, realmente me quer lá, ou você está apenas me convidando para ser legal?

Eu sei que ele não vai dar a resposta que eu espero. Ele roça meus dois mamilos com as pontas dos polegares ao mesmo tempo, enviando um arrepio direto para o meu núcleo. — Eu quero você lá. Para o meu presente de aniversário. Você virá?

Porra.

Um jantar com a família Taccone.

Eu engulo. — Sim. OK. Eu irei. Com uma condição.

— O que é isso?

— Você deixa a arma em casa.

Incomoda-me muito que ele use uma arma toda vez que sai de casa. Toda vez que vejo ou sinto isso nele, a memória de seis cadáveres no chão do Milano me atinge no centro da minha testa.

Ele hesita por um instante. — Sim, ok.

— Ok?

— Sim. — Ele me lança aquele sorriso devastador. — Posso guardar no carro?

— Larga a arma, pega o cannoli. — brinco, citando *O Poderoso Chefão*, mas também me molho. Ele está realmente pedindo minha permissão? Este homem que governa Chicago. Que vive em um mundo de crime e violência? Quer seja um poder real que ele está me dando, ou apenas a ilusão, eu adoro isso. Eu beijo seu pescoço. — Esse é um compromisso decente.

Gio sorri e puxa meus quadris contra os dele. — Vinte e quatro horas com a garota dos meus sonhos. Parece um aniversário perfeito.

— Você quer dizer pesadelos. — eu digo para tirar as vibrações na minha barriga, o pânico sobre o que estou me metendo.

Seu sorriso é triste. Não... assombrado. — Mesma coisa.

CAPÍTULO NOVE

GIO

Marissa me encara de seu lugar no bar de Michelangelo. Ela está de jeans e uma blusa que comprei para ela depois que ela reclamou de não ter roupas limpas para vestir. Ela ainda tem aquela aparência de “acabada de foder” bochechas coradas, olhos vidrados e uma expressão lindamente atordoada, mesmo que já tenham se passado algumas horas. E isso me faz querer transar com ela de novo.

Cristo, eu não fazia tanto sexo desde os meus vinte anos. O que acho que faz sentido, já que estou com uma garota de vinte e poucos anos.

Ontem à noite eu a carreguei para minha cama e me deleitei com sua boceta até que ela chorou de exaustão por cinco orgasmos. Esta manhã ela me deu um boquete de aniversário, seguido de café da manhã na cama.

Depois, levei-a à loja de pianos e deixei-a escolher o piano de meia cauda para o restaurante. Ela escolheu uma beldade branca e brilhante pela qual paguei o dobro para que largassem tudo e entregassem hoje. Então, depois que a levei para almoçar em um dos restaurantes mais caros de Chicago, fomos ao Michelangelo para conhecer os responsáveis pelo transporte de pianos.

Agora está instalado no canto, e toquei para ela minha melhor versão de *The Scientist*, do Coldplay, entrei no vinho. Afasto seus joelhos e mordo a costura de sua calça jeans entre as pernas. — Eu quero essa boceta de novo.

Ela olha para mim.

Eu nunca teria imaginado que Marissa seria tão esquisita, mas ela me dá um sorriso largo e diz: — Você é que manda.

Jesus, porra, Cristo. Ela deixa meu pau duro a cada momento.

— Toda aquela resistência, anjo, e então você se rende de repente. Explique-me.

Ela fica tensa e me arrependo de trazer isso à tona.

Eu massagueio a parte interna de suas coxas com meus polegares para soltá-la. — Não importa. — eu digo — Não me importo. Eu gosto de você de bom grado. — Eu agarro sua cintura e a puxo até seus pés. Com um movimento, desabotoo sua calça jeans e enfio minha mão na frente. Ela está encharcada. Como um pêssgo pingando, apenas escorregadio e macio. Eu a giro ao redor para que sua bunda venha para a minha frente para obter um ângulo melhor, e eu encontro seu clitóris com meu dedo. Ela se contorce, deixando cair a cabeça para trás no meu ombro. Enrolo um dedo dentro dela, esfregando a palma da minha mão sobre seu clitóris enquanto mergulho um segundo dedo nele.

Marissa cobre minha mão com a dela e me leva mais fundo. Eu a levo para frente, meus dedos ainda dentro dela. Suas coxas batem em um top de quatro e ela se dobra sobre ele, segurando-se com as mãos. Empurro seu jeans para baixo e dou um tapa em sua bunda.

— Você tem alguma ideia de como isso é quente, anjo? — Eu pergunto enquanto abro as nádegas dela para ter uma visão completa dela. — Ah, o que estou dizendo? Toda hora com você é quente. — Esfrego suas dobras molhadas novamente, então libero meu pau. Não consigo colocar a camisinha rápido o suficiente.

Agora eu sei por que os homens encontram uma mulher mais jovem após a crise da meia-idade. Nunca me senti tão vivo como nestas últimas dezoito horas. É revigorante pra caralho. Mas não, não é porque Marissa é mais nova. É que ela é *Marissa*. Ela poderia ser a mais velha, eu ainda a acharia gostosa. Eu ainda gostaria de transar com ela cinco vezes por dia.

Eu relaxo em sua boceta acolhedora, e ela geme. — Você está se curvando e pegando do seu chefe, menina bonita? Eh *bella*? — Não consigo impedir que a sujeira saia da minha boca. Felizmente, Marissa não parece achar isso degradante. Ela geme, estendendo a mão para trás e puxa as nádegas para mim. Eu bato em sua bunda com minhas virilhas, esfregando contra seu ânus para que ela tenha aquela excitação adicional. Eu vou devagar, observando a raiz do meu pau desaparecer em sua entrada acolhedora e sair brilhando.

Ainda nem gozei, e já estou grato. Quando ela começa a murmurar meu nome daquele jeito rouco e urgente, meu controle estala, eu tenho que dar a ela com força. Eu agarro seus quadris e bato para dentro e para fora, sacudindo a mesa com força.

O ângulo é bom, mas quero me aprofundar nela. E eu quero ver o rosto dela. A noite passada me deixou viciado em vê-la gozar. Eu puxo para fora e levanto sua bunda nua sobre a toalha de mesa, então subo em cima, um pé apoiado em uma cadeira, um joelho na mesa.

A risadinha de Marissa se transforma em um grito de sexo quando eu me jogo contra ela, usando meu pé na cadeira para uma melhor alavanca. É uma foda brutal e dominadora, mas ela não reclama, nem mesmo quando fico rápido e áspero.

Eu tento desacelerar e lembrar de seu prazer, mas minha própria necessidade me oprime. Estou sem sentido de desejo.

— Gio... Gio. — Quando ela começa a cantar roucamente o meu nome novamente, eu gozo como uma explosão de foguete, e não é até que eu tenha disparado minha carga e ainda esteja entrando e saindo em puro êxtase que minha mente retorna. Eu belisco um de seus mamilos, com força. — Goze para mim, anjo.

Ela faz. Bem na hora, como se seu corpo fosse feito para ser comandado por mim. A onda de poder que corre através de mim me faz gozar um pouco mais. Ou talvez seja a maneira como seus músculos tensos ordenham meu pau até a última gota de esperma.

Eu saio dela e da mesa porque sei que não pode ser a posição mais confortável. — Meus cumprimentos a Michael por suas mesas. — eu digo, sacudindo a superfície. — Muito resistente.

Ela solta uma risada trêmula. — Gio, eu não tenho muita experiência, mas tenho certeza que você está arruinando o sexo com outros homens para mim.

Eu tenho que me virar para esconder a chama de ciúme possessivo que flui através de mim com essas palavras. — Tenho certeza que esse é o ponto. — eu consigo dizer. Descarto minha camisinha no lixo. Quando volto,

ajudo-a a sair da mesa e uso um dos guardanapos de pano para limpar.

E então não consigo me conter. — Não mencione outros homens para mim, anjo. Comprei um restaurante inteiro para manter um homem longe de você. Se eu ouvir falar de outro, não tenho certeza se serei tão gentil.

Ela me encara com olhos arregalados. Eu não posso dizer se ela está chateada ou com medo, ou apenas atordoada.

— Você realmente fez, não é?

— Você ainda não acredita em mim?

Seu aceno oscila. — Estou começando. — ela sussurra.

Eu agarro sua mandíbula e provo seus lábios e ela se abre para mim, uma flor disposta a desabrochar.



MARISSA

Não tenho certeza se me reconheço.

Gio abriu todo esse meu lado sexual que eu não sabia que existia. E agora que ela saiu, não sei como afastá-la.

Eu não quero afastá-la.

Adoro a maneira como Gio me faz sentir - como se eu fosse o centro do universo.

Ser abandonada pela minha mãe quando criança deixou cicatrizes em mim. Do tipo que me diz que tenho que trabalhar muito para ser digna de amor ou carinho. O tipo que incutiu medo de não ser bom o suficiente.

Esses medos ainda estão presentes, talvez até mais, porque tenho medo de me acostumar com esse sentimento - de ser importante para alguém. Querida, mesmo.

Mas isso é apenas sexo. Eu tenho que me lembrar disso. Gio é um

jogador e provavelmente é assim que ele joga.

Ele comprou um restaurante para você.

Prendo a respiração. Ele comprou um restaurante inteiro - só para mim. Isso não é jogar.

Tiramos a toalha da mesa onde ele acabou de me possuir, coloquei uma nova e então é hora de ir para o jantar de aniversário dele.

Ele fecha e me pega pela mão, entrelaçando seus dedos com os meus enquanto me leva para seu SUV. — Não fique nervosa. — ele diz, embora eu estivesse tentando esconder meu humor. — Minha família é fácil. Será apenas mais uma reunião de família italiana barulhenta. Muita comida e conversa entre eles. — Ele pisca para mim, me derreto um pouco.

Eu quero acreditar nele, mas é aqui que meu preconceito contra sua família entra novamente. Eles são os Tacones. A notória família do crime que manteve o refém de Milano por quarenta anos. A família responsável por seis cadáveres no nosso andar no ano passado.

— Junior estará lá? — Eu tento fazer a pergunta casual, mas Gio desliza seu olhar e me olha especulativamente. Ele é muito perspicaz às vezes.

— Sim. — Ele abre a porta do meu carro e me ajuda a entrar.

Respiro fundo, desejando ter dado uma desculpa para o jantar.

Mas não, é aniversário do Gio e ele me quer lá.

E essa é a parte que me pega.

Ele me quer lá.

É um sentimento estranho e novo, e eu gosto demais.

Não conversamos muito no caminho para a casa da mãe dele. Eu mexo na alça da minha bolsa e no rádio.

— Devo estar mais arrumada? — Eu deixo escapar quando de repente me ocorre que os Tacones são ricos e estou aparecendo de jeans.

— Pare. — Gio interrompe imediatamente. — Você parece perfeita.

Ninguém vai te julgar, anjo. Eles ficarão encantados por eu ter trazido uma garota.

Essa notícia me acalma. Eu roubo um olhar de soslaio para ele. — Você não costuma?

Ele mostra aquele sorriso de derreter calcinhas. — Nunca, boneca. Eu era o solteiro consumado.

Tento ignorar o formigamento de prazer na nuca, que desce pelos braços. Eu sou especial para Gio. Mais evidências de que é verdade.

A notícia me deixa ousada o suficiente para pressionar por mais. — E agora?

O sorriso de Gio se alarga. — Agora eu sou sobre você, garotinha. Ou você ainda não tinha percebido isso?

Meu rosto fica vermelho de prazer e um pouco de vergonha por ter acabado de procurar essa informação.

— Eu tenho tentado me segurar, não ser muito forte, especialmente porque você parece ter alguns problemas comigo. Mas ficar parado e esperar não é meu estilo, boneca. Acho que mostrei uma moderação notável. Mas essa merda acabou. Considere minhas intenções declaradas.

Minha boceta formiga com sua declaração. A conversa suja de Gio está fora de cogitação, mas isso? Conversa de relacionamento real de um mafioso durão? Eu nunca estive tão excitada na minha vida.

Eu engulo. — Observado.

Gio sorri enquanto estaciona na frente de um adorável subúrbio vitoriano e sai. Abro a porta e respiro fundo. Eu posso fazer isso. Estou com Gio e ele é tudo sobre mim. Isso praticamente torna qualquer situação navegável, não é?

Ele para logo antes de entrarmos. — Ei, minha mãe não sabe nada sobre eu ter levado um tiro e quero continuar assim, ok?

Choque ondula através de mim. Como ele escondeu algo tão grande dela? E ele parece tão aberto comigo, mas o que ele está escondendo de

mim?

Entramos pela porta e sua mãe sai voando da cozinha, os braços bem abertos. — Gio! — Sua expressão se transforma em surpresa encantada quando ela me vê. — Você trouxe uma garota!

— Gio trouxe uma garota? — Eu ouço a voz de um homem perguntar da sala de estar, e então a família desce de todas as direções.

— Mãe, essa é Marissa, Marissa Milano. Ela é dona do café que Pops costumava frequentar em Cicero.

— Lembro-me de ter ouvido falar nisso. — A mãe de Gio beija minhas duas bochechas. — Bem-vinda, bem-vinda. Estou tão feliz que você veio ajudar Gio a comemorar seu aniversário.

Seu irmão Paolo também me dá beijos na bochecha. — Que bom ver você, Marissa.

Tenho a mesma reação visceral ao ver Junior desde o tiroteio. O gelo cai sobre mim, e a lembrança dele apontando a pistola para minha cabeça volta. Eu forço um sorriso e ofereço meu rosto para seus beijos também, e ele me apresenta a sua linda esposa latina, Desiree, e seu bebê Santo e seu filho Jasper.

— Junior, podemos conversar? — Gio diz, pegando minha mão e apertando-a.

Espere o quê? Nós, me incluindo? Porque prefiro manter distância do Junior.

Mas Junior concorda, lançando um olhar especulativo por cima do ombro enquanto nos leva a um escritório. Gio fecha a porta atrás de nós, e eu fico ali tremendo, querendo correr.

— Você deve desculpas a Marissa. — Gio diz imediatamente.

Oh foda.

Eu começo a tremer mais forte. Tão forte que Gio percebe e me puxa para o lado dele.

— Sim? — Junior é assustador como o inferno. Tão assustador quanto

Don Tacone, o patriarca da família. Ele vira aqueles olhos escuros para mim.

Eu não posso respirar. Quero dizer, de jeito nenhum. Eu fico lá, incapaz de inspirar ou expirar. Ou até mesmo se mover, exceto tremer.

— Sim. Por apontar uma arma para ela. Você a assustou, Junior. Ela tem pesadelos.

Eu quero matar Gio por me expor assim. Pensei que tinha lidado com o tiro muito bem no momento. Quando os malditos *bratvas* entraram e acamparam em todas as mesas do café, tentei avisar Junior de que era uma armadilha.

Mas então era tarde demais, e seu líder atirou em Gio na calçada em frente. E eu os cobri depois. Menti para a polícia e disse que era tudo *bratva*. Nenhum siciliano envolvido.

Junior absorve a notícia e joga a cabeça para o lado. — Ah, Marissa. Desculpe. Tudo aconteceu tão rápido. Você se moveu, eu mirei. Achei que você fosse um deles, só isso. Eu nunca te machucaria. Você tem que acreditar nisso.

Parte da minha espinha dorsal retorna. Eu levanto meu queixo. — Você pensou em atirar — eu acuso. — Mesmo depois que você viu que era eu.

Gio volta o olhar para o irmão e ergue as sobrancelhas. — Isso é verdade?

Junior encontra meu olhar e o segura. Ele balança a cabeça. — Eu nunca faria isso, Marissa. Nós não prejudicamos os inocentes.

Para meu horror, lágrimas enchem meus olhos. — Ele disse para você. — murmuro com os lábios trêmulos. É bom tirá-lo. Para falar sobre o momento que não compartilhei com uma única alma.

— Quem fez? — Gio exige.

— Luca. — murmura Junior. Ele lembra. Nós três provavelmente nos lembraremos daquela noite até o dia de nossa morte.

Ela é uma testemunha, disse seu capanga, eu não tive escolha a não

ser implorar por minha vida.

— O trabalho de Luca é me avisar do perigo. Mas eu sabia que você não era uma ameaça para mim. Você não é, não é, Marissa?

Há um leve aviso no tom de Junior, e Gio rosna instantaneamente: — Cuidado.

Junior levanta as mãos. — Não, não. Tudo o que estou dizendo é que é um absurdo acreditar que eu iria querer machucá-la. — Ele se vira para mim. Sua expressão é gentil. É um que eu não vi nele antes. — Você tentou me avisar naquele dia, não foi?

Eu aceno, silenciosamente.

— Estou grato a você, Marissa. E sinto muito se você acha que eu puxaria o gatilho contra você. Eu não. Juro por *La Madonna*.

Ainda estou tremendo, mas posso respirar novamente. Eu administro um aceno de aceitação.

Gio inclina meu queixo para olhar para mim. — Sim? Você acredita nele?

Eu? Não tenho certeza. Eu quero, sim. Eu concordo.

— Sentir-se melhor? — Gio pressiona, como se ele fosse tomar alguma ação em meu nome se eu não o fizesse.

Eu o afasto com o cotovelo. — Jesus, Gio. Você não tinha que ir e fazer uma grande coisa sobre isso. Agora estou envergonhada.

— Não. — diz ele, acenando com as mãos daquele jeito tipicamente italiano. — Isso importa. Quero que venha aqui, verá a minha família. E não posso deixar você com medo toda vez que vê meu irmão.

Junior lança um olhar curioso para Gio antes de estender a mão. — Não, eu definitivamente não quero que você tenha medo de mim. Por favor. — Quando coloco minha mão na dele, ele a cobre com a outra e aperta, me mantendo cativa. — Aceite minhas desculpas. Por tudo o que aconteceu naquela noite.

Eu pisco. Sei que meus lábios ainda estão tremendo, então não confio

em mim para falar. É engraçado até onde vai um pedido de desculpas.

Muito mais longe do que o dinheiro. Os Tacones cuidaram de nós depois do tiroteio. Paolo trocou as janelas no dia seguinte e Junior me deu o dobro do dinheiro que custou para consertar tudo.

Mas ouvi-lo pedir desculpas em palavras simples faz a diferença. Uma grande parte do medo e da raiva que tenho guardado contra os Tacones como resultado daquele dia se desfaz e flutua para longe.

— Obrigada. — eu consigo dizer depois de um momento, amaldiçoando minha voz por vacilar.

Mas Junior solta minha mão e me puxa para um abraço, como se fôssemos uma família. E eu não me importo. É bom, na verdade.

Quando ele me solta, Gio puxa minhas costas contra sua frente e envolve seus braços em volta de mim por trás. Ele beija meu cabelo. — Você está bem?

— Sim.

Junior olha para mim. — Tem certeza disso?

Eu aceno novamente. — Sim. Obrigada.

— OK. Avise-me se houver algo que eu possa fazer por você ou sua família, Marissa. — diz Junior. Isso me faz pensar que ele não sabe sobre o empréstimo que Gio já me deu. Então estava fora dos livros, como Gio prometeu.

— Obrigada, Sr. Tacones - Júnior.

Saímos da sala e entramos no caos de uma reunião familiar barulhenta, e algo em mim que eu não sabia que estava segurando relaxa. Algum espaço se abre em meu peito para respirar mais.

O barulho da conversa me acalma e meus nervos diminuem. Talvez Gio esteja certo. Eles são como qualquer outra família.



GIO

Fiz de tudo para não bater na cara do meu irmão quando senti Marissa tremendo ao meu lado. Acho que Junior deve ter percebido a profundidade da minha raiva, porque ele foi extraordinariamente gentil. Ou talvez ele apenas tenha mudado.

Desiree e a paternidade deram a ele um novo sopro de vida.

Eu não tinha ideia do quanto Marissa ainda sofre por ter aquela arma apontada para ela, embora eu devesse ter percebido. Suas mãos tremiam no dia em que entrei no café. Eu pensei que era porque eu a assustei. Mas não, o estresse pós-traumático dela é tão ruim quanto o meu - é por isso que ela reconheceu os sinais em mim.

Todos nós nos reunimos na cozinha para comer antepasto de uma travessa enquanto minha mãe e Junior terminam o jantar.

Todo mundo continua lançando olhares curiosos para o meu par. Eles vão me perguntar sobre ela por uma eternidade agora, mas eu não dou a mínima. Eu a queria aqui. Ela me faz sentir vivo pela primeira vez em anos.

Eu a mantenho perto do meu corpo, meu braço envolvendo frouxamente sua cintura. É um sinal para minha família de que ela está absolutamente sob minha proteção, não que eu espere que alguém a ofenda. Há mais facilidade em nossas reuniões familiares do que nunca, mas velhos hábitos são difíceis de morrer.

O jantar é o meu favorito – macarrão conchas recheadas com linguiça caseira. Marissa é uma querida, exclamando sobre a comida e limpando o prato, apesar de não ser a cozinha gourmet que ela gosta de fazer.

Ela se encaixa, no entanto. Ela se junta à conversa barulhenta. Fala com Desiree e minha mãe. Para Jasper. Ela tem aquela facilidade com a família que Desiree teve desde o início. Eu sei que é loucura - muito cedo - mas eu fantasio sobre tornar isso permanente. Colocar um grande anel brilhante em seu dedo e mantê-la para sempre.

Mas eu sei que estou muito à frente de mim mesmo. Ela apenas

baixou suas defesas na cama. Ela ainda está muito longe de me permitir entrar no resto de sua vida.

— É hora do bolo? — Jasper pergunta no momento em que limpo meu prato.

— Tem bolo? — Eu finjo surpresa.

— Sim! — Ele pula da cadeira. — Bolo de chocolate com recheio de framboesa. Nonna conseguiu.

Minha mãe sorri. Ela adora que o menino já a chame de Nonna, como se ela fosse sua avó a vida inteira. — Bem, acho melhor limparmos os pratos para que possamos comer bolo. Você pode ajudar, Jasper? — Entrego o meu e ele vai até a cozinha com ele.

Marissa tenta se levantar, mas eu a puxo de volta. — Sente-se comigo, anjo.

— Por que você não toca alguma coisa no piano enquanto limpamos? — minha mãe sugere.

— Sim. — Marissa concorda. — Por que não?

É uma rotina antiga, mas parece nova com Marissa aqui. Pego sua mão e a puxo comigo para o piano. É o meu primeiro piano, aquele que minha mãe insistiu para que meu pai me comprasse. Meu amigo mais antigo.

Sento-me e considero Marissa. Então eu sorrio quando penso no que tocar. Começo a tocar e cantar uma das primeiras canções de amor que aprendi a tocar — *She's Always a Woman*, de Billy Joel. Eu canto direito para Marissa, que cora e mordisca o lábio inferior carnudo. Quando termino, o resto da família já está reunida.

— Quem canta isso? — Marissa pergunta. Claro que foi muito antes do tempo dela.

— Billy Joel. — eu digo, tocando o início de *Piano Man* em homenagem.

— O homem do piano, ele mesmo. — Paolo diz com um tom de escárnio em sua voz. — Houve um tempo em que o pequeno Gio sonhava

em tocar em piano bar igual ao velho Billy, não é? — Ele ri e me dá um tapa nas costas.

— E por que não deveria, se esse era o sonho dele? — Desafios de Marissa. Ela nivela seu olhar para Paolo como se o estivesse desafiando a zombar de mim.

Meus lábios se contraem.

O resto da família pisca em surpresa.

— Sim, eu estou, uh... — Por que é tão difícil pra caralho dizer a eles? Ainda sinto que é uma coisa vergonhosa e embaraçosa.

Junior se concentra nisso. — Você está tocando publicamente, Gio? — Ele parece surpreso, mas não crítico.

— Sim. Bem, estou pensando nisso. Veja, eu comprei este restaurante.

— O quê? — Minha mãe diz em voz alta. — Você comprou um restaurante? Por que você não me contou sobre isso?

— Que restaurante? — Paolo exige.

— Chama-se Michelangelo. Marissa é uma chef lá, uh, sim. Mudamos um piano hoje.

— Sem merda. — Junior parece atordoadado.

— Linguagem, Junior. — minha mãe repreende. — Acho maravilhoso, Gio. Quando você toca? Eu virei todas as noites.

Eu ri. — Por favor, não, mãe. E ainda não comecei. Ainda em fase de planejamento.

— Bom para você. — diz Junior, não tenho nenhuma indicação de que ele não quis dizer isso.

Paolo ainda está olhando para mim como se eu tivesse duas cabeças, e ele está claramente mantendo a boca fechada porque não pode dizer nada de bom. Bem, foda-se ele.

Eu levanto minhas mãos e as coloco nas teclas novamente, tocando minha melhor versão de The Beatles *Birthday*, cantando e exagerando para

fazer Jasper rir.

Quando me levanto do banco, entrelaço meus dedos nos de Marissa e me inclino para murmurar um “obrigado” em seu ouvido. Quando ela vira o rosto para o meu, eu roubo um beijo rápido dela. — Você realmente é um anjo.

— Gio. — ela murmura, seus olhos inteligentes fixos nos meus. Ela está procurando por algo, mas não sei dizer o quê.

— Eu faria qualquer coisa por você, boneca. — digo a ela em voz baixa enquanto voltamos para a sala de jantar para comer bolo.

Sua ingestão de ar me dá arrepios. Sua expressão é uma mistura de medo e esperança. Mais uma vez, não tenho certeza de como decifrá-la.

Acho que ela está decidindo se vai me dar seu coração.

CAPÍTULO DEZ

GIO

Todas as coisas boas devem chegar ao fim, e minhas vinte e quatro horas com Marissa caíram com um baque quando ela me fez deixá-la na esquina da casa de seus avós em vez de acompanhá-la até a porta.

Ela pode se encaixar perfeitamente com a minha família, mas eu definitivamente não sou o cara que ela pode levar para a casa da vovó.

Porra.

Bem, esse é um problema que terei que resolver. E tenho certeza que posso. Nico pode ter algumas ideias. Tenho certeza que não vou perguntar a Junior. Ele é uma grande parte do problema.

Não cedi à tentação de me meter nos negócios de Marissa hoje. Estou contente esta noite em sentar no restaurante e ver as coisas correrem, sabendo que ela está logo atrás da porta da cozinha. Lembrando que só tive ela ontem, debruçada sobre a mesa encostada na parede.

Michael quis cagar em cima do piano quando o viu. — Um bom jantar é em silêncio. — ele me disse mais de uma vez. Eu o deixei reclamar por alguns minutos, então eu disse a ele para calar a boca.

Ele fez. O cara está com medo de mim, o que me convém.

É a lembrança do entusiasmo de Marissa quando toquei ontem à noite - defendendo-me para meu irmão, Paolo, que finalmente me faz levantar da cadeira no canto do Michelangelo e caminhar até o piano. São 22:00. A multidão do jantar está diminuindo. Este lugar precisa de um pouco de música. Está quieto demais.

Sento-me e começo a tocar uma doce versão de *Hallelujah*, de Leonard Cohen. Há um momento de surpresa quando começo e então a sala se acomoda nas notas. Os clientes aceitam a música e deixam-na passar por eles, realçam a sua experiência da comida, do vinho e da companhia. Eu não sei como diabos eu sei disso, mas essa é a minha sensação, de qualquer

maneira. É assim que eu experimento a música.

Toco uma hora e as pessoas ficam em suas mesas, comprando mais vinho ou café, pedindo sobremesa. Mesmo que Michael esteja carrancudo no canto, sei que foi um sucesso. Eu sinto a vibração, e a vibração é boa. As pessoas estão felizes. Estão gastando mais dinheiro. Eles vão ficar para me ouvir tocar.

E para um cara que nunca se apresentou publicamente, mas sempre desejou o dar e receber que vem de uma plateia ao vivo, estou flutuando.

E tenho que agradecer a Marissa Milano por isso.

Quando começo a receber olhares de reprovação dos garçons, paro de tocar. Eles querem ir para casa. Entendo. Teremos que descobrir uma rotina melhor. Talvez uma mudança ou redução da equipe após o início da música.

Peço um uísque e me recosto no meu canto, observando os funcionários limparem. À espera de Marissa.

Não entrei em contato com ela hoje. Não temos um acordo para nos encontrarmos depois do turno dela. Não sei, talvez seja um teste. Estou tentando descobrir se ela aceitou que é minha ou se tenho que continuar perseguindo. E é hora de entrar duro?

Essa retenção e deixar as coisas rolaem em seu tempo está prestes a me matar.



MARISSA

— Você o deixou pegar, não foi? — Lilah pergunta quando eu demoro na hora de fechar.

Henry foi um idiota ainda maior esta noite, acho que porque ainda não temos um substituto para Arnie. Ele saiu sem se despedir dez minutos atrás. A máquina de lavar louça acabou de sair e todos os garçons se foram.

No restaurante, os sons do piano recomeçam.

O que quer que Lilah veja em meu rosto confirma isso. — Eu sabia! — Ela ergue o punho no ar como se fosse uma vitória. Ela tem me pressionado desde que Arnie desapareceu para o furo jornalístico, tenho tentado fingir que não sei de nada. — Ele era bom? Ele é bom?

Não consigo evitar que o sorriso se espalhe pelo meu rosto. — Tão bom. Homem mais velho com uma tonelada de experiência e cinco vezes mais testosterona boa.

Ela pega minhas mãos e as aperta. — Uau! Estou tão animada por você. Goze um pouco mais forte por mim.

— Cale-se. — Eu bato em suas mãos levemente. Eu sei que estou corando. E animada. Só de saber que Gio estava do outro lado da porta da cozinha a noite toda me deixou toda agitada. Ouvi-lo tocar piano me emocionou.

Agora mal posso esperar para vê-lo.

— Veja se você pode nos conseguir um aumento. — ela brinca enquanto se dirige para a porta.

— Já fiz. — eu digo. Eu ia deixar isso ser uma surpresa, mas já que ela mencionou...

Lilah para. — O quê? Você está brincando comigo?

Eu sorrio. — Não. Três dólares a hora.

Lilah pula para cima e para baixo, correndo de volta para agarrar minhas mãos novamente. — Você está falando sério? Isso é como... — ela levanta os olhos enquanto calcula em sua cabeça — ...quase quinhentos extras por mês.

Balanço minha cabeça. Eu mesma já tinha feito as contas. — Eu sei.

Ela me vira e me dá um empurrão. — Bem, vá e agradeça a ele por mim. — Ela balança as sobancelhas.

Eu ri. — Eu vou. — Com o estômago revirando, abro a porta do restaurante e saio. A maioria das luzes está apagada. Não sobrou ninguém

além de Gio, sentado ao piano.

Eu vou para o lado dele, com a intenção de sentar ao lado dele no banco, mas ele para de tocar e me puxa para o seu colo.

A sensação de acerto é inegável. Agora que deixei de lado ou ignorei minhas dúvidas sobre entrar em um relacionamento com Gio, tudo parece certo. O prazer da forma como ele me manipula, como uma posse, como um objeto. Com total confiança. Não perguntando. Apenas tomando.

Eu pensei que odiaria ser tratada dessa maneira.

Mas eu adoro isso. Ser tão desejada.

Até porque acredito que Gio me respeita. Respeita meu tempo.

— Venha para casa comigo. — ele murmura contra o meu pescoço.

Eu gemo. — Não posso. — Tenho que trabalhar amanhã de manhã no Café Milano porque Mia começa a fisioterapia e meus avós estão em Boston para o casamento de um primo.

— Você vai me deixar te foder aqui, então? — ele murmura. Suas palavras são grosseiras, mas suas mãos percorrem meu corpo, fazendo-o cantar.

— Sim. — eu respondo imediatamente.

Mal posso esperar para fazer sexo com ele novamente. Cada vez mais abalou meu mundo. Eu quis dizer isso quando disse que ele arruinou outros homens para mim. Tipo, eu seriamente não vejo como qualquer outro homem no planeta poderia se comparar.

Ele segura minha boceta agora, esfregando minhas calças. Eu mudo e esfrego minha bunda sobre seu pau endurecido. — Não provoque, baby. Eu estive duro por você a noite toda, só de saber que você estava lá na cozinha com aquele corpo batendo. — Ele morde meu pescoço. — Este corpo que me pertence.

— Sim. — eu concordo, me contorcendo contra seu toque.

— Chupe meu pau, anjo. Mostre-me que você é uma boa menina.

Putá merda. Essas palavras deveriam me ofender totalmente, mas em vez disso, elas incendiaram meu mundo. Eu instantaneamente deslizo para o chão e sento sobre os calcanhares, esperando ansiosamente que ele tire sua masculinidade.

Posso não ter muita experiência, mas sei fazer um bom boquete. Comecei jovem e aprendi cedo o poder que poderia exercer com minha boca. Como isso me livrou de fazer sexo antes de estar pronta. Como isso me fez desejada. Mantêm-se.

Eu agarro a base de seu pau com firmeza, fazendo-o se projetar para encontrar minha boca, e começo lambendo toda a cabeça.

A respiração de Gio fica irregular antes mesmo de eu levá-lo goela abaixo. Aí ele fica bruto. Ele envolve o punho no meu cabelo e assume, controlando minha cabeça para me puxar para dentro e para fora de seu pau. Percebo que ele toma cuidado para não ir muito fundo, o que eu aprecio, porque é um pouco assustador abrir mão do controle total dessa maneira.

Eu massageio suas bolas, movo meus dedos mais para trás e massageio seu períneo, procurando a próstata.

— Ah, anjo. É tão bom. É tão bom, e não é o suficiente. Eu sempre quero estar dentro de você.

Ele me puxa e olha para mim com fome.

— Fui uma boa menina? — Eu não sei o que me possui para dizer isso, em que universo eu me tornei a gatinha sexual, mas as chamas queimam em seus olhos.

— Tão bom. — ele geme, caindo de joelhos na minha frente. — Sem calças. Coloque essas pernas sobre meus ombros.

Oh. Meu. *Deus*.

Eu luto para tirar meus sapatos, calças e calcinha enquanto Gio enrola uma camisinha em seu pau. Quando caio de costas no carpete recém-aspirado, ele pega minhas pernas e as coloca sobre os ombros.

— Está molhada para mim, Marissa? — Ele esfrega o polegar sobre

minha entrada, testando minha prontidão. Estou molhada e inchada para ele e ele geme enquanto leva o polegar à boca e chupa meus sucos.

— Você vai vir aqui todas as noites e chupar meu pau no final do seu turno? — Ele esfrega a cabeça de seu pau sobre meu clitóris algumas vezes antes de me perfurar com sua ereção.

— Sim. — eu sussurro. E essa promessa não parece nem um pouco difícil. Eu gosto da sensação de ser usada por Gio.

Ele segura o topo das minhas coxas e me fode rápido e forte. — Não é o suficiente. — ele rosna, me surpreendendo.

E minha própria reação me surpreende ainda mais.

A necessidade de agradá-lo.

Nós assumimos esses papéis. Ele está no comando. Eu sou propriedade dele. Eu me submeto à sua autoridade.

— Eu quero você na minha cama. Por que não posso ter você na minha cama, Marissa? — Ele está me penetrando tão rápido e forte que não consigo pensar. Não consigo descobrir como responder a ele.

— Gio. — eu choramingo.

— Venha para casa comigo. — Não é uma pergunta. É uma demanda.

E ainda há súplica em seus olhos.

A tática dele pode ser me dar uma surra, mas ainda estamos negociando. Eu poderia dizer não.

— Eu tenho que trabalhar de manhã. No Milano. — eu ofego.

— Eu levo você.

E então, de repente, estou sobrecarregada. Lágrimas lançam meus olhos. Eu os fecho para que ele não veja. — Sim, está bem. — Meu choro é rouco.

Gio ruge e bate forte em mim, toda a sua vitória canalizada em sua liberação. Ele vem e meus músculos se contraem instantaneamente em torno de seu comprimento, seu corpo é realmente o mestre do meu. Ele

empurra com força e fica lá. Meu canal aperta e ordenha seu pau em ondas de deliciosa liberação. Quando finalmente paro, Gio balança para trás e mais algumas vezes e sai.

—Marissa?

Eu ainda não abri minhas pálpebras. A preocupação em sua voz me faz relutantemente abri-los agora. Lágrimas escorrem pelas minhas têmporas em direção ao chão.

— Oh, foda-se, baby. Eu machuquei você?

Eu balanço minha cabeça.

— O que eu fiz? — Ele afasta minhas lágrimas de um lado. — Você não tem que vir para casa comigo. Eu não quis dizer isso, anjo. Sou um pau, *bambina*. Desculpe.

Eu balanço minha cabeça. — Não é isso, não. — Minha voz oscila.

— Baby, me *diga*. Eu machuquei você? Fui muito rude?

— Você foi perfeito. — eu digo rapidamente para parar sua linha de pensamento. — Você sempre é.

Ele embala minha bochecha em sua mão. O gesto é infinitamente gentil, a ternura em contraste com seu toque firme e controlador de sempre. — O que é? — O alarme ainda brilha em seus olhos.

Eu engulo. — É só... bom.

Ele inclina a cabeça para o lado para me estudar. — O quê?

— Ser tão desejada. É uma sensação boa, só isso. — Eu me levanto para sentar, envergonhada com minhas lágrimas.

Gio pega meu rosto em suas mãos. — Quem já fez você se sentir indesejada? — E então ele adivinha: — Aquela vadia da sua mãe?

Eu estremeço, mas aceno, me perguntando como ele sabe. Mas ele frequenta o Milano desde criança. Ele provavelmente se lembra de quando eu apareci de repente - a filha abandonada de uma mãe viciada em drogas.

Ele balança a cabeça. — A coisa mais estúpida que ela já fez foi fugir

de você. — Sua expressão se transforma em desgosto. — Inferno, tudo que eu quero fazer é correr atrás de você. E estou ficando cansado de me conter.

Eu dou um sorriso aguado. — Tenho que admitir, gosto de ser perseguida. Demais.

Gio me puxa para ele, montando em seu colo. — É por isso que você continua correndo? — Há um tom sério em sua voz que rasga minhas defesas. Destrói as finas paredes da tenda em que estou acampado.

— Não. — eu admito.

Ele passa as mãos para cima e para baixo nas minhas costas. — Então por quê? Porque eu sou um Tacone?

Eu deixo cair minha testa contra seu peito. Não quero admitir isso. Eu sei que isso vai machucá-lo. Ele pode ser um homem de família durão, mas se ofende facilmente - pelo menos comigo ele se ofende. — Sinto muito, Gio. — eu sussurro.

— Olhe para mim. — ele ordena.

Eu não quero.

Eu *realmente* não quero.

Mas ele espera até que eu levante a cabeça e encontre seu olhar.

— Não posso trocar a família em que nasci. E não posso mudar o que fui. As coisas que eu fiz. Mas quero que saiba que as coisas são diferentes agora. Nosso pai está na prisão. Nico nos fez uma fortuna com um negócio legítimo de cassino/hotel. E depois da *bratva* a merda aconteceu no ano passado, Junior fechou todos os nossos negócios restantes em Chicago. — Ele levanta os braços como se fosse me mostrar sua cintura. — Olha, eu deixei a arma no carro. Deixei seu chefe viver, meu anjo. Eu mudei. Quase morri no ano passado. E eu tive muita dificuldade em descobrir o sentido de viver desde então. Mas agora acho que encontrei.

Meu olhar se move rapidamente para o piano, mas ele pega meu queixo e o puxa de volta para ele. — Não, não o piano. Embora isso seja maravilhoso também. Não, é você, amor. Você está me trazendo de volta à vida. Deve ser por isso que continuei sonhando com você. *La Madonna*

estava me mostrando onde a vida valia a pena ser vivida.

Eu começo a chorar confusamente, Gio me puxa contra ele apertado. Envolver meus braços ao redor de seu pescoço com um aperto estrangulador.

— Estou mantendo você, baby. Eu só tenho que descobrir como colocar você a bordo com isso.

— Estou a bordo. — Eu cheiro contra seu pescoço. — Sim, estou a bordo. Leve-me para sua casa, Gio.

CAPÍTULO ONZE

GIO

Não quero acordar Marissa. Seu rosto é tão suave e inocente, e ela só teve cinco horas de sono. Mas ela tem que abrir no Milano e eu disse que a levaria lá.

Ainda assim, não me mexo. Eu apenas bebo ao vê-la. Tive o pesadelo de novo. Acordei suando frio com o horror de vê-la com uma arma apontada para a cabeça.

Mas ela está bem aqui. Na minha cama. Sã e salva.

Onde eu quero mantê-la sempre. Onde ela pertence. Eu só tenho que descobrir como convencê-la disso.

Eu arrasto beijos ao longo de sua linha do cabelo. — Acorde, anjo. Temos que ir.

— Hum? Mmm. — Suas pálpebras vibram, mas ela volta a dormir.

— Eu gostaria de poder deixar você dormir, boneca, mas eu prometi que levaria você ao Milano na hora.

— Hum? — Ela se senta na palavra *Milano*. — Oh. Sim. Obrigada. — Seu sorriso é doce e gracioso. Quero beijá-la, mas se o fizer, vou segurá-la e festejar entre suas pernas durante a próxima hora, não há tempo para isso.

— Sinto muito, *bella*. Odeio acordar você.

— Não, está bem. — Ela passa a mão flácida pelo cabelo. — Obrigada.

Entrego a ela o café com leite que paguei ao porteiro para buscar e a ajudo a sair da cama.

— Gio. — Eu amo o jeito que a voz dela está rouca de sono. — Você é tão bom para mim. Obrigada.

— Acostume-se com isso, baby. — eu digo a ela, dando um leve tapa em sua bunda nua e bonita quando ela se levanta. — Eu continuo tentando

mimar você. Você está pronta para finalmente me deixar?

Ela para de tentar vestir a calça jeans e pisca para mim. — Sim.

Seguro seu queixo e lhe dou um leve beijo. — Boa menina. — Eu saio do quarto para não distraí-la de se vestir. Quando ela sai, descemos juntos, meus dedos entrelaçados aos dela.

Eu gosto do jeito que isso se parece. Estar no comando de Marissa. Acordá-la, levá-la onde ela precisa estar. Eu nunca tive alguém para cuidar antes. Nunca quis isso. É por isso que não procurei o acordo de esposa e família.

Mas isso... parece tão certo. Tão bom.

Eu a levo até o Milano, tentando descobrir como posso ajudar. A menina trabalha demais. E eu sou um bastardo, porque eu quero mais do tempo dela.

— Então, Milano. O que seria necessário para você ser capaz de sair?

Ela suspira enquanto torce o cabelo no topo da cabeça com um elástico. — Mia crescendo para ajudar minha tia a administrá-lo.

Eu bufo. — E o quê da Mia? Oito anos de idade?

— Sim.

Eu balanço minha cabeça. — Você tem que pensar fora da caixa, baby. Você acredita que só há uma maneira de acabar com sua servidão. Era como se eu pensasse que a violência era a única maneira de lidar com seu chefe idiota. Eu precisava da perspectiva de outra pessoa para ver que havia outras opções disponíveis. Talvez eu possa providenciar isso para você.

Ela balança a cabeça. — Eu não sei, Gio. Há muito tempo que tento encontrar a saída desta prisão. Eu amo meus avós. Devo tudo a eles. E o Milano é o único sustento deles. Eles não são donos do prédio, então não é como se eles pudessem vender e se aposentar com o patrimônio. O bairro está uma merda, então conseguir novos clientes ou novos investidores tem se mostrado difícil. Não ganhamos nem para pagar o salário mínimo de outra pessoa. E meus avós não têm muita previdência social porque mal pagavam para o sistema. Além disso, não podemos fechar o Milano, porque

também é o sustento da minha tia.

— Sua tia poderia encontrar outro emprego e ganhar o mesmo. — eu a lembro. — Se você não está pagando nem mesmo um salário mínimo, ela realmente se sairia melhor em outro lugar.

— Isso é verdade. Mas ela não poderia definir seus próprios horários. Sair quando ela precisar.

— Sim, mas ela decolando significa que você tem que cobrir o turno dela. Portanto, não estou vendo isso como um ponto de venda para permanecer aberto.

Os ombros de Marissa caem ainda mais.

Estendo a mão e aperto seu joelho. — Não se preocupe. Haverá alguma outra solução. Só temos que resolver a aposentadoria de seus avós.

— E convencê-los de que é hora de se aposentar, sim.

Parece fácil para mim. Eu apenas me ofereço para comprar o negócio por muito mais do que vale a pena. Mas, se bem entendi, Luigi - que pensávamos ser um amigo todos esses anos - na verdade odeia os Tacones. Portanto, a chance de eu fazer isso terminar feliz é muito diminuída.

— Vou trabalhar nisso. — digo a ela.

Ela me lança um olhar suspeito. — Por favor, não faça nenhuma loucura sem me consultar primeiro? Meus avós são... determinados em seus caminhos.

— Esse é o código para seus avós me odeiam?

Ela estremece. — Tipo isso.

Porra.

Tenho de resolver este problema do Tacone. Se quero Marissa para sempre, tenho que fazer as pazes com seus avós. Caso contrário, posso nunca convencê-la de que sou digno.

— Você pode simplesmente me deixar na frente. — ela diz, mas eu a ignoro e estaciono o SUV. Pego as chaves da mão dela para destrancar as

portas e a levo para dentro, verificando os cantos em busca de intrusos, depois a arrasto até a cozinha. Quando ela tira os pratos de comida do balcão para colocá-los na vitrine, eu faço o mesmo.

— O que você está fazendo?

— Ajudando você a abrir o lugar. — eu digo, embora pareça bastante óbvio.

Mais uma vez, ela para no lugar e pisca para conter as lágrimas. — Você está brincando comigo?

— Ei. — Eu balanço minha cabeça. — Chega de lágrimas. Eu disse para você se acostumar com isso. Eu cuido de você. Estou aqui por você. *Capiche?*

Ela continua piscando rapidamente. — Ok. — ela diz suavemente. Em seguida, solta uma risada aquosa. — Você é tão inesperado, Gio.

Ela termina de colocar a comida e coloca um bule de café para preparar, depois destranca a porta para os clientes. Sento-me no canto quando alguns homens mais velhos entram - obviamente regulares porque a chamam pelo nome. Ela traz a comida para eles.

Leio o jornal sem ver, ainda trabalhando no problema de conquistar o Luigi.

Marissa aparece na minha frente com um café expresso fumegante e uma fatia de bacon, ovos e caçarola de queijo em um prato.

— Mmm. — Eu envolvo meu braço em volta da cintura dela e a puxo para mais perto. — Eu gosto quando você me serve. — murmuro, baixo o suficiente para que ninguém mais possa ouvir.

— Eu gosto quando você me manda. — ela murmura de volta, então bate a mão sobre a boca.

Abro um sorriso compreensivo, lembrando-me de como a ordenei a ficar de joelhos ontem à noite. Como ela ficou animada em me fazer um boquete. Ela gosta de ser minha propriedade. Com um pouco mais de confiança entre nós, ela se entregará completamente a esses desejos, sabendo que nunca abusarei da honra de ser seu dono e protetor.

— Você não precisa corar quando me diz como você gosta, anjo. — murmuro, ainda mais baixo, deixando-a saber que entendo que estamos falando de sexo, aqui.

O rubor se espalha por seu peito e pescoço. Seus mamilos se projetam, visíveis mesmo sob o sutiã.

Aperto seu quadril e a solto antes que os outros clientes fiquem curiosos. — Que horas você está de folga?

Ela balança a cabeça. — Minha tia prometeu voltar a tempo de eu poder tomar um banho e ir para o Michelangelo para o meu turno.

Droga. Minha garota trabalha demais.

Eu tenho que resolver isso para ela.

CAPÍTULO DOZE

MARISSA

— Não pense que você não está em apuros. — Gio resmunga, me pegando pela cintura quando eu entro em seu apartamento com meu carrinho de comida.

Estou atrasada. E tive que reagendar porque fui chamada no Michelangelo ontem no meu dia de folga.

Deus me ajude, eu gosto de ter problemas com ele.

Nas últimas duas semanas, tivemos sexo louco e intenso. Sexo todos os dias, várias vezes e sempre é bom. Mas meus momentos favoritos são quando ele está um pouco irritado ou frustrado comigo. Quando digo a ele que não posso passar a noite ou o afasto emocionalmente.

É quando ele fica mais agressivo. Mais dominante. Um pouco punitivo. É quando ele bate na minha bunda vermelha e me perfura com força. Quando seu domínio é áspero e sua paixão ardente.

É um estranho paradoxo. Gosto quando ele está bravo, mas não gosto de desagradá-lo. Não quero que ele fique genuinamente irritado comigo. Ou ferido.

Eu me viro para o círculo de seus braços e olho para ele. — Sinto muito. — murmuro na minha melhor voz de gatinha sexy. — Você pode me punir por isso mais tarde. — Eu mordo seu queixo.

Seu braço aperta ao meu redor, e eu observo seus olhos cor de avelã ficarem pretos enquanto suas pupilas dilatam. — Com certeza eu vou puni-la. — Seu pau endurece contra a minha barriga. — Eu vou te punir a noite toda. Venha cá, baby.

Ele me joga por cima do ombro.

— Ah! Gio! — Eu grito e rio enquanto ele me carrega para o quarto. — Você não está com fome?

— Estou sempre com fome, anjo. Para você, para sua comida. Por esta boceta. — Ele me joga na cama e puxa minha saia até a cintura. — Ah, porra, *bambina*.

Usei saia e salto porque sei que ele gosta quando me arrumo para ele, e esta noite estou de meia-calça preta.

Gio esfrega a barba por fazer. — Isso é sexy demais. — Ele arrasta as palmas das mãos pela parte externa das minhas pernas. — Isso ajuda muito no perdão, meu anjo.

O calor está aumentando entre minhas pernas e já estou me contorcendo. Ele desliza um polegar sob a bainha da minha calcinha, roçando o topo da minha coxa. — E a calcinha combina. E o sutiã?

De repente, ele é gentil enquanto desabotoa os delicados botões da minha blusa, mas uma vez aberta, ele a abre. — Foda-se, sim.

Eles combinam. Tudo é cetim preto e renda.

— Você tem sorte de ser tão bonita, garotinha. Você sabe disso? Você é tão bonita quanto eles vêm.

Eu rolo meus quadris na cama, com fome de seu toque. — Por que eu tenho sorte?

Seu sorriso é perverso. — Porque dificilmente quero marcar sua pele.

Um arrepio percorre minha espinha. Eu sei que isso é sexo, mas sempre há esse perigo adicional no fundo da minha mente. Gio provavelmente é um assassino. Ele conhece a violência. E isso me apavora, mas também aumenta cada interação que temos. O nível de risco aumenta o nível de calor.

— Mas e se eu quiser que você me marque? — Eu provoco, rolando de barriga para baixo e olhando para ele por cima do ombro. — Você não vai me bater?

O sorriso de Gio é selvagem. — Certamente. E eu vou foder essa bunda esta noite. Mas primeiro, vou lembrá-la a quem você pertence.

Outro arrepio.

— Como, Gio? — Minha voz soa rouca, cheia de luxúria.

Ele abre o zíper da minha saia e a puxa, em seguida, puxa para baixo minha calcinha. — Coloque sua bunda no ar.

Começo a rastejar até minhas mãos e joelhos, mas ele pega minha nuca e empurra minha cabeça de volta para baixo. — Apenas seus joelhos, anjo. Mantenha esses peitos na cama.

Minha boceta jorra excitação.

Gio mantém a mão na minha nuca, me segurando, mesmo que eu não vá me mexer e começa a bater na minha bunda. Como sempre, as primeiras palmadas são as piores. Quente e mesquinho. Chocante e alto. Então meu corpo se ajusta. Minha bunda esquenta.

Mas assim que está começando a se sentir bem, ele para. — Não se mexa, anjo.

Quando ele pega o lubrificante, acho que ele vai me foder agora, mas então ele mostra um objeto bulboso de aço inoxidável. Nunca vi um na vida real antes, mas não há dúvida do que é. Eu coro apenas ao vê-lo.

— Aqui está o que vai acontecer, linda. — Ele pinga lubrificante sobre o meu cu, em seguida, gira a ponta do plug anal nele. — Você vai usar isso enquanto prepara meu jantar. — Ele empurra contra a minha abertura, forçando-o em uma polegada, eu gemo com a intrusão. — E eu vou assistir você andar pela minha cozinha em nada além de suas coxas sensuais, sutiã e este plug. Respiração profunda.

Eu inalo.

— Exale.

Eu sopro minha respiração e ele pressiona o plug para frente até que ele me estique e então, felizmente, se acomode. O resultado é uma pressão constante no meu ânus e uma sensação de plenitude por dentro.

— Agora levante-se. — Ele me dá um leve tapa.

Eu me movo devagar, quase com medo de empurrar o plug. Cada movimento traz um novo estímulo ao meu ânus. — Oh garoto.

Gio estende a mão na parte inferior das minhas costas e me puxa contra ele. — Você está bem?

Eu amo que ele faz check-in, especialmente depois de ser tão idiota.

— Sim. — eu respiro.

— Então entre na minha cozinha. — Ele dá outro tapa leve na minha bunda e eu corro para frente, tremendo com a riqueza de sensações que percorrem meu corpo. Depois de alguns passos, me acostumei com o plug e balanço um pouco a bunda, sabendo que ele vem atrás, me admirando.

— É isso, linda. Trabalhe para mim.

Eu faço. Desfilo pela cozinha enquanto preparo dois belos bifes do lombo com cogumelos salteados e uma salada de rúcula e uva com avelãs trituradas. Estou confiante em minha seleção de refeições e ainda mais certa de meu apelo sexual. Com Gio, tornei-me uma criatura sexual. Não sei... é como se eu nunca tivesse realmente habitado meu corpo até ele aparecer e despertá-lo. Agora eu adoro minha pele. Estou me olhando no espelho, curtindo meu reflexo, o que me deixa mais inclinada a usar maquiagem e mexer no cabelo. Porque é divertido, não porque sinto que preciso.

Estou me apaixonando por Gio Tacone.

Esse é o fato lamentável.

Infelizmente, porque ainda não consigo encontrar em mim para confiar totalmente nele. Depois de uma vida inteira de meu avô resmungando sobre os Tacones, me alertando para nunca, jamais me envolver com a máfia, é difícil não temer que esteja cometendo um erro terrível.

Mas essa é a minha opinião.

Meu coração? Meu coração já está decidido.

Ele tem as chaves.

E meu corpo? Caramba, ele tinha esse corpo desde o primeiro dia.

Ele está sentado no balcão agora, cobrindo a boca, os olhos como brasas. Seu corpo é uma bobina enrolada, pronta para saltar. Tensão e

expectativa crepitam no ar entre nós.

Termino de preparar a refeição com eficiência, depois lanço um olhar suplicante para Gio. — Você não vai me fazer guardar isso durante o jantar, vai?

Não sei como posso acreditar que Gio é perigoso, porque a maneira como seu rosto se suaviza instantaneamente é de tirar o fôlego. — Venha aqui, anjo. — Ele estende um braço.

Eu saio da cozinha e ele passa um braço em volta da minha cintura e me acompanha até o quarto.

— Pronto para o seu castigo? — ele ronrona.

— Sim, Sr. Chefe.

— Sr. Proprietário. Mestre. Chefe. Qualquer um desses funciona. Ele usa um sorriso presunçoso em seu rosto bonito e meu pulso acelera com entusiasmo. Ele pega minha mão e a puxa para a protuberância em suas calças. — Embora agora, eu possa dizer que você me possui tanto quanto eu possuo você, anjo.

E foi assim que eu soube com certeza...

Estou totalmente, completamente, perdidamente apaixonada por Gio Tacone.

CAPÍTULO TREZE

GIO

Marissa e eu caminhamos ao longo da costa pela manhã com café com leite fumegante. O ar está frio, mas o sol está forte, refletindo nas ondas em faixas prateadas.

Tudo o que fiz na minha vida, todas as coisas boas, pelo menos, quero fazer de novo com Marissa ao meu lado.

Quero levá-la para Las Vegas e mostrar-lhe o Bellissimo. Quero levá-la para a Sicília e mostrar-lhe o Velho País. Quero levá-la aos melhores restaurantes. Todas as belas praias. Todas as vistas incríveis que este mundo tem a oferecer.

Por enquanto, vou me contentar com uma caminhada ao longo do Lago Michigan.

Entrelaço meus dedos nos dela, aproveitando a facilidade entre nós. O calor em meu corpo por apenas tê-la debaixo de mim. De levá-la novamente contra a parede do chuveiro depois.

A imagem dela andando pela minha cozinha com aquelas meias sensuais, sutiã e minhas marcas de mãos em sua bunda estarão para sempre no topo do meu álbum de palmadas.

Mas Marissa está ficando tensa agora, nervosa. O que significa que ela precisa voltar para casa por algum motivo ou outro.

Eu facilito para ela. — Que horas você precisa voltar, anjo?

— Na verdade, em breve. Meus avós estão em um casamento e tenho que cuidar de Mia, minha priminha.

— Vou vigiá-la com você.

Marissa enrijece e para de andar. — Hum, não. Você não precisa fazer isso, Gio.

— Eu quero. Ainda não conheci a criança com o quadril de trinta mil dólares.

Era para ser uma piada, mas não dá certo, porque Marissa interpreta isso como um lembrete do que ela me deve.

Ela engole. — Bem, claro. Quero dizer, acho que você poderia entrar um pouco.

— Desde que eu tenha ido embora quando seus avós voltarem?

Ela parece aliviada a princípio, até perceber que não estou feliz com seu pensamento. — Merda, Gio. Por favor, não me monte nisso.

Estou torrado quando ela vira aqueles olhos azuis suplicantes para mim. Ela é tão incrivelmente linda e enigmática. Em um momento ela é doce e subserviente, no próximo, ela rebenta minhas bolas. Às vezes ela parece muito jovem para mim. Outras vezes, ela é a mulher mais madura com quem já namorei.

Seguro sua nuca e trago seu rosto para o meu para um beijo. — Tudo bem. — eu digo depois de escovar seus lábios com os meus. — Eu não vou montar em você. — Eu quero dizer mais, mas eu gosto demais do jeito que o corpo dela se amolece no meu. Não a quero tensa de novo. Então eu beijo o inferno fora dela e a levo de volta para minha casa para pegar o SUV.

Marissa mexe no rádio no caminho. Eu gosto de como ela está confortável comigo. Há mais facilidade entre nós do que nunca. Eu só tenho que ser paciente com ela. Provar que sou digno.

Eu posso fazer isso.

Quando chegamos à casa dos avós, ela fica nervosa de novo. Eu agarro a mão dela enquanto subo a calçada e ela está pegajosa.

Eu quase quero dizer a ela que ela não precisa fazer isso. Se me trazer para casa a deixa desconfortável, não vale a pena. Mas este é um passo de bebê. Nós precisamos disso.

— Lori, Mia, estou em casa! — ela grita quando entramos.

Sua tia sai apressada. — Ah que bom, acabei de ganhar... — Ela para

quando me vê e congela no meio de colocar um brinco. — Ah... hum...

— Você conhece Gio, certo? Do café?

A boca de sua tia está aberta. — Um sim. Claro. Claro. — Ela lança um olhar questionador para Marissa quando sua filha sai, mancando um pouco.

— Heii, você deve ser a Mia. — eu digo, dando a ela um largo sorriso.

Ela me dá um sorriso tímido. — Oi.

Eu estendo minha mão para um aperto. — Eu sou Gio. Sou amigo de sua prima.

— Namorado? — Mia pergunta, avançando hesitantemente para colocar sua mão menor na minha.

Dou uma pequena sacudida e solto. — Sim. Namorado.

Lori levanta as sobrancelhas para Marissa com um olhar atordoado.

Marissa dá de ombros. — Sim. — Ela não consegue controlar a indiferença.

— Posso falar com você? — Lori exige, apontando com a cabeça para um quarto.

Marissa a segue e ouço sua luta sussurrada. — Você está namorando um Tacone? Você está louca? É com *quem* você tem passado todo esse tempo? *Ele?*

— E daí? É da minha conta.

— Ok, mesmo se isso fosse verdade, o que você estava pensando em trazê-lo aqui? Você é louca? Quero dizer, por um lado, Nonno morreria de insuficiência cardíaca se soubesse. Por outro lado, não o quero perto da minha filha.

Eu caminho até a porta e inclino meu ombro contra ela. — Eu não como crianças. — eu digo suavemente. — Contrário à crença popular.

Lori engasga e seu rosto fica pálido. Cristo. Eu odeio esse sentimento. Não é novidade, sou o vilão da vizinhança desde criança. Fui criado para ter orgulho de ser o cara mau. Só que nunca me senti bem. Como no fundo, eu

sabia que não era o cara mau. Eu estava apenas fingindo. Só que não é assim que funciona, é? Já puxei o gatilho antes. Em caras que mereciam - apenas nos perversos. Eu usei meus punhos para fazer um ponto ou exigir justiça mais vezes do que pode ser contado. Então sim. Eu sou o cara mau.

É que com a Marissa... me sinto outra coisa. Como eu. Talvez até algo bom.

— Eu nunca faria mal a ninguém nesta família. *Lo prometo*. Você tem meu juramento. — Eu respiro, sabendo que é muito cedo, mas também querendo dizer. Digo o que venho planejando dizer aos avós de Marissa. — Estou apaixonado por sua sobrinha, Lori. Sua família é importante para mim agora. E não vou deixar que os negócios da minha família afetem vocês novamente.

Lori solta uma pequena lufada de ar e engole. Posso dizer que ela não acredita em mim, mas talvez esteja com muito medo de discutir.

Marissa também está pálida, mas não acho que seja de medo. Há admiração misturada em seu olhar, juntamente com cautela residual.

— Apenas me dê uma chance, hein? Posso pedir tanto de você? Vou provar a você que vou tratar bem a Marissa. Eu nunca vou machucá-la.

Marissa faz aquela piscadela rápida que sempre faz quando faço algo legal para ela.

Lori aperta os lábios, mas pega a bolsa com um suspiro resignado. Ela o passa por cima do ombro e olha para Marissa, não para mim. — Você nunca vai vender isso para Nonno. Nunca. — Ela sai da sala, balançando a cabeça.

Marissa vira seus olhos verdes-azulados para mim, que estão brilhantes com lágrimas não derramadas.

Eu abro meus braços. — Venha aqui, anjo. Sinto muito, isso é difícil. Eu realmente sou.

— Não, me desculpe. — ela funga, deixando-me segurá-la. Mas ela se recompõe quase imediatamente e se afasta de mim. — Vamos lá, Mia está lá fora.

Encontramos Mia sentada no sofá assistindo televisão.

Sento-me ao lado dela. — O que você está assistindo?

— *O Flash* — ela me diz. — Está na Netflix. Já assisti todos os episódios, mas comecei de novo.

— Flash, hum? Eu não ouvi falar dele. Eu acho que ele é super-rápido?

— Sim, super-rápido. Ele tem que usar aquele traje, senão vai se machucar com o atrito.

— Legal.

Marissa anda de um lado para o outro, endireitando-se, tirando o lixo, trabalhando na cozinha.

Eu levanto meu queixo na direção da cozinha. — Ela está sempre trabalhando?

— Sempre, sempre. — diz Mia. — Minha mãe diz que ela tem sorte por ainda ser jovem, mas ela vai se esgotar quando tiver trinta anos.

Eu esfrego meu queixo. Não na porra do meu relógio.

O episódio termina e Mia faz uma pausa antes do início do próximo episódio. — Você quer jogar um jogo?

— Inferno, sim — quero dizer, diabos sim, eu quero jogar um jogo, mocinha. Quais jogos você tem? Você joga cartas?

— Sim! — Ela se levanta e manca pelo corredor e volta com um baralho de cartas. — O que você quer jogar?

Eu a encaro com um olhar sério simulado. — Você joga pôquer?

Ela ri. — Não.

— Quer aprender? — Enfio a mão no bolso e tiro meu maço de dinheiro. — Envolve apostas e dinheiro. Você tem uma chance de ganhar muito, querida.

Sim, nunca estou acima de um suborno. Principalmente quando envolve uma criança. Dinheiro, doces ou atividades proibidas sempre

conquistarão seu afeto.

Conto cinco notas de dez dólares e entrego a ela. Seus olhos se arregalam e ela as alcança, então se detém no ar e lança um olhar culpado para o corredor.

Merda. Esta criança também foi envenenada contra mim?

— Está tudo bem. Você pode pegá-lo. — Continuo guardando o dinheiro.

Ela aceita porque - é claro - ela quer.

Conto mais cinquenta em dez e coloco-os à minha frente. — Não temos fichas de pôquer, então vamos apenas jogar pelas contas aqui.

— Marissa, anjo. — eu chamo para a cozinha. — Venha jogar pôquer conosco.

Ela vira a esquina com um prato cheio de fatias de maçã, manteiga de amendoim e passas. — Não sei jogar pôquer.

— Mmm. — Pego uma fatia de maçã e mergulho na manteiga de amendoim. — Isso é para mim? — Pego o prato e faço questão de oferecê-lo a Mia, em seguida, puxo-o de volta quando ela o pega algumas vezes antes de colocá-lo na frente dela. — Mia também não sabe como, então vou ensinar vocês duas. Preciso prepará-la para quando for a Las Vegas.

Marissa me lança um olhar surpreso, mas suas bochechas coram como se ela estivesse animada com essa declaração. Bom. Ela quer ir.

Também dou a Marissa um pote inicial de cinquenta dólares e explico as regras do jogo, dando exemplos de mãos vencedoras. — Esta é uma mão cheia. Este é dois de um tipo. Isso é...

— Espere, espere, espere. Preciso de um bloco de notas para anotar isso. Acho que não vou me lembrar.

— Eu não preciso de um bloco de notas. — declara Mia.

— Você acha que já tem? — Pergunto-lhe com um largo sorriso.

— Sim.

— Bom. Vamos mostrar a Marissa como é. Nas primeiras mãos jogaremos sem dinheiro e com as cartas viradas para cima como prática. Então vamos deixar o dinheiro voar. — Eu balanço minhas sobrancelhas e Mia sorri alegremente para sua pilha de dinheiro.

— Se eu ganhar, fico com o dinheiro?

— Oh sim. Definitivamente. É isso que o torna divertido.

— Mesmo que fosse o seu dinheiro para começar?

— É o seu dinheiro agora. Seu para perder.

Ela pega o dinheiro e o enfia em um bolso falso. — Esqueça, não estou brincando. — ela diz.

Eu rio - uma grande gargalhada que me surpreende. Não sei quando já ri assim antes, mas o humor de uma criança de oito anos me pegou de surpresa.

Marissa ri também, seus olhos suaves em mim.

Eu amo esse olhar. Eu quero ganhar cada. Porra. Tempo.

Jogamos cinco ou seis rodadas com cartas para cima até ter certeza de que ambas estão pegando o jeito e então eu as ensino a apostar.

Marissa é conservadora com seu dinheiro, mas Mia vai direto ao ponto, jogando as notas para dentro e segurando as cartas bem perto do rosto.

Ela ganha a primeira mão e fica tão animada que pula para cima e para baixo e então engasga de dor e manca de volta para o sofá.

— Você está bem, baby? — Marissa corre para ajudá-la, embora ela já esteja sentada. — Você se machucou?

— Eu sempre esqueço do meu quadril ruim. — Mia diz para mim com um sorriso irônico. — E então eu machuquei de novo.

— Bem, espero que você esteja aproveitando ao máximo esta situação. — digo a ela. — Você sabe, fazendo-os trazer bolos de chocolate e tudo mais.

Ela ri.

— Minha mãe fez uma cirurgia de substituição do quadril no ano passado e ela era a paciente mais exigente de todos os tempos. Passamos por um monte de enfermeiras antes que meu irmão finalmente contratasse uma que a enfrentasse e não a deixasse pressioná-la.

— Essa era Desiree? — Marissa pergunta.

Eu atiro a ela um sorriso. — Com certeza era. Foi assim que Junior a conheceu. E então ela era uma enfermeira para mim quando sofri um acidente. — digo a Mia.

— Acidente, sim. — Marissa diz, seu olhar caindo para a minha cicatriz, a centelha do trauma aparente antes que ela o esconda.

— Vamos, vamos jogar outra mão. — eu digo. — Vamos ver se podemos pegar algum dinheiro de volta do pequeno tubarão das cartas aqui.

Mia gargalha de alegria enquanto se recosta e enfia uma fatia de maçã na boca.

Eu ganho a próxima mão, então Mia leva mais duas. Quando Marissa fica sem dinheiro, pesco mais um pouco do meu bolso.

Isso a deixa um pouco desconfortável, tirando dinheiro de mim. As pessoas têm todos os tipos de problemas com dinheiro. Alguns ficam excitados com isso. Alguns odeiam. A maioria tem uma relação de amor e ódio com ele. Essa é a Marissa. Há uma respiração acelerada ao ver muito dinheiro, mas também uma ruga de desaprovação entre suas sobrancelhas. Uma cautela, como se ela pegasse, ela comeu a fruta que a levaria ao Hades pelos próximos sete meses.

Na próxima mão eu ganho. Abro minhas cartas. — Tive minha mão de sorte, senhoras. Mão do Homem Morto. Dois pares - ases pretos, oitos pretos. Você sabe por que se chama Mão do Homem Morto?

— Por quê? — exige Mia.

— Ele se originou no Velho Oeste. Era a mão que Wild Bill Hickok tinha quando foi assassinado. Um evento infeliz para Wild Bill, mas por algum

motivo, sempre foi minha mão de sorte.

Marissa respira fundo. — Bem. — diz ela, seu tom ligeiramente trêmulo. — Talvez seja por isso que você teve mais sorte do que Wild Bill.

As imagens do sonho passam pela minha mente em super velocidade. Não é o evento real que vejo agora. Apenas o novo e retorcido. Aquele em que a arma aponta para a cabeça da Marissa.

Eu vivi. Eu vivi. Às vezes parece que tem que haver uma *razão* pela qual eu vivi.

E que de alguma forma está ligado a Marissa.

Um calafrio percorre meu corpo. Quero que seja um motivo feliz, como fazer de Marissa minha esposa. Administrar um restaurante com ela. Mas, em vez disso, parece algo muito mais sombrio.

Um aviso.

Eu vivi para evitar que algo ruim acontecesse com ela.



MARISSA

Como se eu já não estivesse perdidamente apaixonada por Gio, ele tinha que ir e ser adorável com minha prima.

Mia conta suas notas, sorrindo para sua nova pessoa favorita na Terra. Com que rapidez fui substituída. — Eu posso ficar com isso, certo? — ela pergunta pela oitava vez.

Gio pisca para ela. — Com certeza. Compre algo legal para você com isso.

Eu dou uma cotovelada nele e ele joga um braço em volta de mim.

— Talvez não conte para sua mãe. — sugiro a Mia.

— Por que não? — Ela me dá toda a sua atenção agora. As crianças

são tão espertas. Ela sabe que algo está acontecendo.

Eu tento encolher os ombros casualmente. — Ela pode dizer que é demais para aceitar como um presente e fazer você devolver. — Isso não é mentira, embora seja muito mais sobre de quem veio o presente do que o tamanho dele.

— Não foi presente, ganhei! — Mia retruca.

— Então ela dirá que não quer que você jogue. Basta ir colocá-lo em sua caixa de tesouro ou em algum lugar seguro, ok? Ou posso guardá-lo para você.

Ela puxa as notas contra o peito. — Sem chance.

E é aí que a porta se abre.

Minha nonna realmente dá um meio grito “O-oh-oh!” ao ver Gio.

Gio se levanta, sempre um cavalheiro. Ele cumprimenta meus avós em italiano, como era de costume. — *Buon pomeriggio*, Beatrice, Luigi.

A boca de Nonno se curva levemente quando ele olha de Gio para mim. A traição é evidente. Eu trouxe o inimigo para nossa casa. Ainda assim, ele coloca em seu ato. Aquele que ele sempre coloca para os Tacones quando estão em nossa loja. — Gio, *buon pomeriggio*. Como estão seus irmãos?

Ok, então estamos conversando. Enquanto isso, meu estômago é uma bola retorcida apertada contra meu plexo solar.

— Bom, bom. — Gio aperta minha mão e o olhar de águia de Nonno acompanha o movimento. — Bem, eu estava indo embora. — Ele se vira para Mia. — Foi muito bom conhecê-la, mocinha. — Ele estende a mão e ela a aperta com um aperto especialmente vigoroso para ser boba.

Eu mal consigo fazer minha língua se desembaraçar para falar. Eu apenas fico congelada onde estou, nem mesmo tendo as maneiras de levar Gio até a porta. Grato por ele não ter tentado ficar mais tempo.

Ele me dá um pequeno levantamento de mão antes de fechar a porta, por algum motivo, parte meu coração. Não sei, havia algo estoico e triste

nisso. Como se ele estivesse suportando sua rejeição, mas isso o derrubou.

Droga.

Mas não tenho tempo para pensar nisso, porque Nonno se volta contra mim imediatamente. — O que ele estava fazendo aqui?

Meu instinto é inventar alguma coisa, tentar minimizar isso, mas não há história que se encaixe ou funcione. Eu apenas dou de ombros. — Ele veio comigo para cuidar de Mia.

A boca de Nonna cai aberta. As sobrancelhas brancas de Nonno se fecham. — O que você quer dizer? Você tem... *saído* com esse cara? É com ele que você tem saído?

Meus avós têm que trabalhar duro para não interferir na minha vida amorosa. Eles não querem que eu desapareça como minha mãe fez, então não me questionam muito sobre onde tenho passado minhas noites. *Você é uma adulta*, Nonna diz em voz alta quando chego em casa. *Eu não vou perguntar*. Como se ela realmente estivesse morrendo de vontade de perguntar e tivesse que dizer isso em voz alta para evitar perguntar.

— Sim. — eu digo simplesmente.

Mais registros de choque e traição em ambos os rostos, como se esperassem que eu oferecesse alguma explicação que fosse melhor para eles.

— Marissa, depois de tudo que eu te contei sobre os homens Taccone... — Meu avô para quando me vê lançar um olhar penetrante para Mia.

— Mia, hora do seu banho. — minha avó diz, empurrando-a para fora da sala. Os olhos de Mia estão arregalados e tenho certeza de que ela estará aguçando os ouvidos por causa do banheiro.

— Nonno, Gio não é assim. Ele não é o pai dele. Ou seu irmão. Irmãos. Ele é um cara muito legal que toca piano e me trata como uma princesa.

Nonno revira os olhos. — Por enquanto ele faz. Apenas espere até você sair da linha ou ele querer algo mais do que você quer dar. Então serão ameaças. Violência, até.

Eu não posso respirar. Meu peito parece muito apertado. Meu estômago está muito duro para abrir espaço para a expansão dos meus pulmões. — Não. — eu digo. — Eu não acho que isso seja verdade.

— É sobre o dinheiro? — Nonno diz e eu vejo o momento exato em que ele percebe o que eu fiz. Ele cambaleia um pouco para trás, o rosto ficando pálido. — *Mio Dio*. Você não... Não. — Ele balança a cabeça em descrença.

É como o tiroteio de novo, onde o tempo parece desacelerar. Eu posso ver o mal chegando, mas sou impotente para pará-lo. — Mia? — Sua voz falha.

Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça. Admitir.

— Não... *não*. Quanto?

— Não importa. — Eu tento fazer minha voz sair forte e segura, mas ela oscila.

— Qual foi a barganha? — É pouco mais que um sussurro. — Para você?

— *Não!* — Meus olhos queimam. Claro que parece que eu me prostituí. Vendi-me ao diabo. Este era o momento que eu estava tentando evitar. Esse terrível e esmagador sentimento de vergonha. Duvido que eu signifique alguma coisa para ele, exceto como uma posse. — Não, eu sou sua chef pessoal. Entrego as refeições dele uma vez por semana, só isso. E foi assim que descobri... que gosto dele.

— Você gosta dele? Você gosta dele? Você não gosta de um Tacone. Você cuida de suas costas e protege suas apostas e certifique-se de nunca cruzar uma. Você precisa terminar as coisas com ele imediatamente.

Eu levanto meu queixo. — Eu não vou fazer isso, Nonno. Ele não é o que você pensa. E você vai ver isso.

Pego minhas coisas e saio pisando duro para pegar o trem até o Michelangelo, mesmo tendo uma hora de sobra.

Estou tremendo toda, mal do estômago. Totalmente enervada.

Eu nunca balancei o barco com meus avós. Eu sou a super pacificadora. Aquela que intervém e assume os fardos. Aquela que nunca estraga tudo ou causa drama.

Agora estou implodindo. Minha necessidade de ser desejada, de ser suficiente, de tudo estar bem no mundo está em conflito com minha atração por Gio.

Não, é muito mais que uma atração. Não posso fingir que estamos falando de sexo bom ou mesmo do acordo que fiz para pegar aquele dinheiro emprestado.

Gio e eu temos algo real.

Meus avós vão ter que aceitar isso.



GIO

No minuto em que Marissa sai do trabalho, ela cai em meus braços.

Obrigado porra.

Mas também... foda-se. Porque ela está chateada e exausta, e não tenho certeza se sei como consertar isso. Pelo menos ainda não. Mas eu vou.

Eu a seguro, beijando seu cabelo e esfregando suas costas.

— Desculpe. Isso foi super estranho na casa dos meus avós, e...

— Shh. — Eu a afasto o suficiente para segurar seu rosto e levantá-lo. Eu beijo sua boca voltada para baixo. — Está tudo bem para mim. Como foi para você?

Seus ombros caem. — Horrível. Meu nonno acha que estou me prostituindo com você e que você é perigoso.

A raiva rasga através de mim, mas respiro fundo para contê-la. — Você não é a porra da minha puta. Você é minha namorada. Pelo menos eu quero

que você seja. Você disse isso a ele?

Ela pisca rapidamente e deixa cair a testa contra o meu peito. — Você sempre diz as coisas certas, Gio.

— *Acredite no que eu digo*, Marissa. — ênfase, porque não tenho certeza se ela acredita. Eu a perdi lá na casa dos avós dela. Mesmo que ela esteja aqui, em meus braços, aquela fissura de dúvida que tenho trabalhado tanto para fechar se tornou um abismo gigante.

— O que posso fazer por você, anjo? Eu faria qualquer coisa.

Ela suspira e se afasta e é aí que eu sei que estou certo. — Eu só preciso ir para casa hoje à noite.

Porra.

Ela não quer dizer minha casa.

E ela teria que pedir a única coisa que não quero conceder a ela.

Liberdade.

— Sim, tudo bem. — eu digo, colocando minha mão no bolso para tirar minhas chaves. — Eu levo você.

— Obrigada. — Seus ombros caem quando ela encolhe os ombros em sua jaqueta.

Eu espalho minha mão sobre a parte inferior das costas e a escolho para fora do restaurante. — Você está cansada, anjo. Dê-lhe uma boa noite de sono e as coisas parecerão melhores pela manhã.

Ela me cutuca com o cotovelo. — Essa foi a fala mais cafona que você já me deu.

Eu rio. — Você tem razão. Isso foi ridículo. Mas provavelmente também é verdade.

Ela para e inclina o rosto para o meu. — Obrigada por ser tão compreensivo. — Ela fica na ponta dos pés e engancha a mão atrás do meu pescoço para me beijar.

Cazzo.

Eu quero ela. Eu sempre quero essa garota, e quando ela me beija assim, é difícil desligar a agressividade masculina que ela produz em mim. Eu a levo para trás até que sua bunda bate no meu carro e pressiono meu corpo contra o dela. Coloque uma coxa entre as pernas dela.

— Não seja tão doce. — eu rosno, beliscando seu pescoço. — Eu não quero ter que levar você de volta para dentro e te foder até que você não consiga andar direito.

Ela ri, mas ainda sinto o cansaço irradiando dela, então peço misericórdia.

Dou um aperto firme e possessivo em sua bunda. — Da próxima vez não serei tão indulgente. — advirto, sabendo que ela gosta quando sou punitivo.

— Mmm. — ela concorda e me beija novamente.

E então está de volta - seus lábios deslizando sobre os meus, sua língua varrendo minha boca.

Eu dobro meus joelhos e aperto meu pau no ápice de suas coxas até que ela geme e puxa meu cabelo.

— Por esta noite, seu castigo será não ser fodida. — digo a ela enquanto me afasto e observo suas bochechas coradas, os lábios inchados.

Ela é linda pra caralho.

— Malvado. — ela murmura, olhos fixos nos meus, de alguma forma fazendo a sílaba soar sexy e convidativa.

— Sim. — eu concordo, destrancando o carro e tirando meu peso dela. Abro a porta e a ajudo a entrar.

Eu deveria estar contente. Estou levando-a para casa, mas ela ainda está se entregando a mim. Esses beijos são honestos. A intensidade de seu olhar é real. Tudo entre nós parece normal. Fechado mesmo.

Por que, então, tenho esse sentimento crescente de pavor?

CAPÍTULO QUATORZE

MARISSA

Sábado entro para ajudar no Milano. Todos estão lá, meus avós, Lori, Mia, eu. Eles realmente não precisam de mim. Talvez eu só esteja lá por culpa... não sei. Tentando ainda ser amada, apesar da minha decepcionante escolha de homens. Apesar da minha traição.

É o nosso dia mais ocupado e estou trabalhando no balcão da frente. É por isso que não percebo quando ele entra.

Recebo pedidos e anoto para as pessoas, de repente, o *maldito Arnie* está do outro lado do balcão.

Segurando uma arma.

A sala gira. Distorce.

Eu tenho aquela sensação esquisita de aquário de nada em foco, mas seu rosto gigante na minha frente. Arranho isso, o cano frio apontado entre meus globos oculares.

O café fica em silêncio absoluto.

O metal na minha testa treme.

— Você me fez perder meu emprego, sua putinha. — Ele está bêbado. — Você não poderia me dar nada dessa boceta, mas você deu para ele, hein? Teve que abrir as pernas para o novo dono? Você chupou o pau dele também? Foi assim que você me demitiu?

Um tremor selvagem e estridente começa em meus joelhos e percorre todo o caminho até meu esqueleto até que cada parte de mim estremece sem parar. Minha vida está em perigo, mas o que mais registra é a humilhação.

Ele está me chamando de puta na frente dos meus avós. Minha prima de oito anos.

Minha tia.

Essa é a parte que eu quero parar.

Talvez porque meu cérebro não consegue nem contemplar o perigo que estou correndo agora.

E então, começa a acontecer.

A memória de seis cadáveres neste lugar inunda minha mente. Quanto sangue havia. Como é ver cérebros espalhados na parede.

Paolo pagou para que os faxineiros viessem esfregar o local da última vez.

Quem limpará meu sangue?

Pensamentos loucos. Estou tendo pensamentos malucos.

— Huh? — Arnie grita, saliva voando de sua boca. — Você o chupou muito bem para me demitir?

A porta se abre silenciosamente. De alguma forma eu sei que não devo olhar naquela direção. Para não tirar os olhos do homem louco na minha frente.

O cara que vai atirar em mim na frente da minha família.

E de repente eu quero chorar por tudo inacabado com Gio. Como eu realmente não o deixei entrar ainda. Como eu quero.

Como seria se eu tivesse? Teríamos encontrado a felicidade?

Lentamente, muito lentamente, levanto minhas mãos trêmulas no ar para mostrar minha rendição. — Sinto muito, Arnie. — sussurro. É mentira, mas eu diria qualquer coisa agora para evitar que ele machuque minha família. Para impedi-lo de abrir fogo neste café como Junior fez. Abatendo mais do que apenas eu.

Na minha periférica, vejo a aproximação lenta de uma figura. Não olho, mas registro roupas escuras.

Gio.

Em seu habitual terno italiano de corte fino. Sem mover meus olhos, eu tento rastreá-lo. Ele se move muito lentamente. Alcança o cós nas costas, mas não consegue.

Porque eu o fiz parar de carregar uma arma.

O café está silencioso. Ninguém mais se move. Mia solta um pequeno gemido atrás de mim.

— Sinto muito, Arnie. — repito, com lágrimas enchendo meus olhos.
— Podemos conversar sobre isso? O que seria necessário para consertar isso?

Eu nem sei como sou capaz de formar palavras. Minha respiração está congelada na minha garganta.

E então, em um movimento rápido como um raio, Gio pega a arma da mão de Arnie e acerta sua cabeça com ela. Os joelhos de Arnie se dobram e ele cai rápido, mas Gio já está golpeando de novo, acertando seu crânio com a coroa da arma. Em seguida, ele larga a arma e usa os punhos, batendo no rosto de Arnie várias vezes até que o sangue jorra e o som de osso quebrando revira meu estômago.

— Faça-o parar. — diz Lori. A urgência em seu tom me tira do choque.

Gio pode ter largado a arma, mas isso não significa que ele não vai matar esse cara. Na verdade, ele já está na metade do caminho.

— Faça ele parar, Marissa. — Mia ecoa, e é o terror em sua voz mais do que qualquer coisa que me faz dar a volta no balcão.

Agarro-me ao braço de Gio. — É o suficiente!

Ele se perdeu, no entanto. Acho que ele nem me ouve. Gio está em modo de ataque. Ou mais provavelmente, modo de matar. É horrível ver o homem que você ama se transformar em uma arma mortal. Ele continua batendo em Arnie com o outro braço, como se nem percebesse que estou tentando afastá-lo.

— Gio! — Eu grito a plenos pulmões.

Agora ele finalmente se vira e o que vejo em sua expressão muda

tudo.

Eu vejo seu terror. Seus olhos estão arregalados e alertas. Ele me examina em busca de ferimentos enquanto sobe, então me envolve em seus braços em um abraço tão apertado que não consigo respirar.

— Ligue para 9-1-1. — Lori diz a Nonna.

— Já liguei. — diz um dos clientes. — A polícia está a caminho.

Gio não me deixa ir. Eu preciso dele para me libertar. Para lidar com esta situação.

— Você. — Nonno acusa. Não preciso ver para saber que ele está falando com Gio. Mas estou chocada ao saber que ele perdeu seu tom amável e respeitoso de sempre ao falar com um Tacone. O veneno em sua voz é evidente desta vez. — Você causou isso. — Sua voz treme de emoção. Nunca o ouvi tão chateado. — A violência segue você aonde quer que você vá. Por que você não pode simplesmente nos deixar em paz? Deixar-nos fora disso? Não queremos você aqui. Minha neta não quer você na vida dela.

Eu enrijeço e Gio também.

Seu abraço diminui lentamente até que não seja nada. Eu estou parada lá sozinha.

— Isso mesmo, Marissa? — Sua voz soa oca.

Eu olho em volta. Arnie está no chão em uma poça de sangue. Mia está soluçando, olhando para ele. Ela ficará marcada para o resto da vida pelo que acabou de testemunhar.

— Luigi, ele acabou de salvar sua neta. — diz um dos frequentadores.

— Sim, é isso mesmo. — alguns outros concordam.

Quero voltar para o círculo daqueles braços fortes e deixá-lo continuar me salvando. Mas meu Nonno acha que isso é culpa de Gio. E Mia ainda está chorando, traumatizada com o que viu.

E possivelmente estou em choque e incapaz de tomar uma decisão racional.

— Talvez seja melhor você ir. — murmuro, não conseguindo encontrar seus olhos.

O ar cai como uma bola de boliche entre nós. Mais pesado que chumbo. Ou talvez seja o meu coração - não sei.

— Sim. — diz Gio — Ok. Eu estou indo. — E assim, ele sai.

E é aí que percebo, mesmo na prática, que cometi um grande erro. Os policiais vão querer falar com ele sobre o que aconteceu.

Mas não é por isso que me sinto como uma morta-viva.

É porque quando Gio saiu por aquela porta, ele levou todo o meu coração com ele.



GIO

Estou terminando de lavar o sangue das mãos e do rosto quando os policiais aparecem na minha porta. Eles se esforçam bastante, tentando me intimidar. Tentando transformar essa coisa com Arnie em algo relacionado à máfia. Mas eu sou um Tacone há muito tempo para responder às perguntas deles sem a presença de um advogado, como eles claramente não têm nada que justifique me prender, eles vão embora.

Não há nada de mafioso nessa situação, mesmo que eu estivesse envolvido.

Mas isso não muda a forma como todos o veem. Luigi tinha tanta certeza de que era minha culpa.

Talvez fosse, não sei. Eu não queria dar uma surra no cara... ah, quem eu estou enganando? Eu totalmente pretendia bater nele. Ele tinha a porra de uma arma apontada para a cabeça de Marissa. Eu me considero extremamente misericordioso por não ter tirado a trava de segurança da arma dele - é, o idiota nem sabia como usar a coisa, por isso arrisquei agarrá-la de sua mão - e atirar em sua cabeça. Ou dando-lhe mais alguns

golpes com a coronha da pistola e abrindo-lhe o crânio. Ou...

Não. Planejar a morte do cara não é a direção que eu deveria seguir.

Tenho certeza de que quebrei alguns ossos no rosto e nas costelas. Isso vai ter que servir. Farei questão de visitá-lo no hospital para avisá-lo se voltar a aproximar-se de Marissa ou da família dela, é um homem morto.

Não só isso, vou matar toda a porra da família dele.

Porque você não ameaça o que pertence a um Tacone.

E Marissa me pertence.

Pelo menos eu pensei que ela era.

Mas as coisas mudaram.

Deixei que ela visse meu lado violento. O filho que Don Tacone criou saiu hoje. Um homem bruto e violento. O tipo que matou com as próprias mãos.

E o que eles viram não pode ser desvisto. A garotinha - foda-se.

Essa é a parte que me faz querer me afundar no Lago Michigan com um par de sapatos de cimento. Porra, eu adorava aquela garotinha - a prima de Marissa. E ela viu algo que nunca deveria ter visto.

Beatrice também. E Lori. E todos aqueles clientes. O inocente nunca deveria ter que testemunhar tal coisa.

Se eu tivesse a cabeça no lugar, se não tivesse acabado de ter a visão mais aterrorizante da minha vida se desenrolando diante dos meus olhos, eu teria arrancado o traseiro dele de lá e batido nele até virar polpa no beco.

Por que diabos eu não fiz?

Idiota. Estúpido do caralho.

Posso ter salvado minha garota apenas para perdê-la de qualquer maneira.

Deus tem um senso de humor de merda, não é?

Sirvo-me de um copo de uísque e engulo metade de uma vez.

E é aí que o porteiro toca. — Luigi Milano aqui para te ver.

Eu endireito meus ombros. Bom. Ele está aqui para arrebentar minhas bolas, tenho certeza. Mas não tenho medo. Eu mereço. E talvez eu possa finalmente resolver algumas das merdas entre nós. Pedir desculpas pelo que minha família fez com ele. Fazer as coisas direito.

— Mande-o subir.

Pego um copo e sirvo para ele um copo de uísque também, não que eu ache que ele vá beber, então o deixo entrar quando ouço o elevador.

Ele entra carregando uma caixa de sapatos debaixo do braço, com um olhar duro de convicção.

— Luigi — eu digo. — Entre. — Eu o acompanho até meu escritório. — Sente-se. Escocês? — Eu empurro a bebida na frente dele.

— Não. — Ele se senta, mas seu rosto é duro. Ele coloca a velha caixa de sapatos à sua frente.

O jogo de poder seria sentar e esperar que ele falasse. Isso é obviamente algum tipo de movimento ofensivo. Mas eu afasto meu gênio habitual. Marissa precisa de mim para consertar isso.

— Um milhão pelo Milano. Eu assumo o arrendamento, arranjo uma equipe para gerir o negócio. Você e sua família podem se aposentar.

O rosto de Luigi fica vermelho. — O quê? O que você está falando? Não! Não estou aqui para fazer acordos com você, Gio. — Ele balança a cabeça. — Na verdade, isso não é verdade. Estou aqui para fazer um acordo muito importante.

— Tem a ver com o que está na caixa? — Eu indico. Tenho uma sensação incômoda de que deveria ter começado com um pedido de desculpas. Explicado minha posição a Luigi - que estou apaixonado por sua neta e quero consertar as coisas.

Em vez disso, entrei no meu costumeiro rodízio e negociação de uísque, com o ar de perigo e poder ao meu redor.

É exatamente o que Luigi odeia, no entanto, faço o papel que ele

espera.

Porra.

— Espere... — Eu levanto minha mão. — Eu quero dizer uma coisa primeiro.

Mas Luigi já abriu a caixa e de repente sei exatamente o que vai acontecer a seguir.

Assim como eu sabia quando Marissa apareceu aqui com aquela saia e salto alto.

Porra.

A caixa está cheia de fitas cassete velhas, cada uma com uma data. Ele também pega um antigo gravador de cassetes. — Você sabe o que são? — ele diz.

— Eu tenho uma boa ideia. — Como se este dia não tivesse corrido mal o suficiente. A porra do meu pesadelo se tornando realidade ali mesmo no Milano. Uma arma apontada para a cabeça de Marissa. Minha foda colossal que ainda não descobri como consertar.

E agora isso.

Chantagem nas mãos do avô da minha namorada.

Ele coloca uma fita no toca-fitas e aperta o play. É quase inaudível. Há muito barulho, mas por baixo dos sons de fundo e da qualidade distorcida, ouço a voz do meu pai, dando ordens. *Vinny, cuide do problema Hathaway. Junior, descubra quem roubou os eletrônicos e dê uma lição neles. Leve Pauly com você.*

Ótimo pra caralho.

Provas contra meus irmãos.

— Tenho dezenas delas. — diz o velho, sacudindo a caixa. — Tenho mais em casa. Mais no escritório do meu advogado.

— Você os manteve todos esses anos.

Ele concorda. — Seguro.

De repente, estou cansado até os ossos.

Doente de *La Cosa Nostra*. Doente da minha família. Cansado de ser um Tacone.

Mas principalmente doente desta vida e viver.

— O que você quer, velho? — Cansei de ser gentil. É muito difícil quando ninguém aceita isso de você.

— Eu quero que você fique longe da minha neta. Saia daquele restaurante onde ela trabalha. Pegue o Milano como garantia pelo dinheiro que você emprestou a ela, mas tire-a disso. Você quase matou ela no ano passado e é sua culpa que alguém apontou uma arma para a cabeça dela novamente hoje. E minha outra neta, que é apenas uma criança, teve que testemunhar sua violência nojenta. Marissa merece mais do que isso.

Eu não ficaria surpreso em ouvir todas as plantas do apartamento murcharem comigo. Juro que poderia sugar o sol do céu agora mesmo com o buraco negro dentro de mim.

— E em troca você me dá as fitas?

— Não. Eu guardo as fitas, como fiz todos esses anos. Para garantir que você cumpra sua parte no trato.

Engulo o resto do meu uísque. Eu já desliguei. Já passamos do ponto de eu dizer ao Luigi que estou apaixonado pela neta dele. Estamos no ponto em que posso matar um homem.

Ninguém ameaça um Tacone.

Esse é um lema com o qual fui criado.

Mas não tenho escolha aqui a não ser desistir. Não porque eu tenha medo dessas fitas - embora elas possam ser a porra de um problema. Meu pai já está preso, mas se houver provas que ponham em risco a liberdade de meus irmãos, não posso arriscar.

Mas principalmente porque Marissa ama esse velho.

E assim, eu nunca faria mal a um fio de cabelo em sua cabeça.

Nunca o ameaçaria ou o forçaria.

E ele está certo. Marissa merece melhor. Onde quer que eu tentasse ajudá-la, eu apenas estragaria as coisas. Comprei aquela porra de restaurante para manter Arnie longe dela, o tiro saiu pela culatra. Ele apareceu nos negócios da família dela e *apontou uma arma para a cabeça dela*.

Cristo. Eu deveria ter ficado com o que eu sei. Violência. Ameaças.

Quanto mais tento ser bom para Marissa, mais as coisas dão errado.

— Tudo bem. — eu digo estupidamente.

— Você terminará as coisas com Marissa?

— Sim.

— E ficar longe dela? Sair da vida dela para sempre?

— Sairei, Luigi. — Eu me levanto e pego sua bebida intocada. Eu jogo de volta e bato na mesa. — Terminamos aqui. — Pego a garrafa de uísque e saio do escritório, deixando-o sozinho.

Se eu tivesse um caixão, eu rastejaria como um maldito vampiro agora e nunca mais sairia.

Em vez disso, acho que caio na cama - não tenho certeza. Estou muito ocupado encontrando o caminho até o fundo da garrafa de uísque.

CAPÍTULO QUINZE

MARISSA

Quando termino meu turno no Michelangelo, estou prestes a cair morta. Meu estômago está embrulhado desde que Arnie apareceu esta tarde, e estou tentando varrer tudo da minha mente até ter tempo de desempacotar tudo.

O problema com isso é que meu corpo está uma bagunça trêmula. Eu quero vomitar e estava realmente ansiosa para cair nos braços de Gio no final da noite.

Mas ele não veio.

Ele não está aqui.

E esse fato por si só é o que faz as lágrimas começarem a cair.

Ele não está lá fora no estacionamento, insistindo em me levar para casa. Não há nenhuma mensagem dele no meu telefone.

Eu ando até a estação, farejando, meu cérebro girando.

Agora é importante para mim lembrar de tudo. Para olhar as peças do quebra-cabeça e descobrir por que Gio não está aqui.

Eu disse a ele para sair. Fui horrível com isso? Porra, não consigo me lembrar. Eu estava em choque por ter a arma apontada para mim e depois ver Mia chorando daquele jeito. Vendo o sangue de Arnie e o executor brutal que Gio desencadeou.

Gio... Minha mente volta alguns minutos no tempo. A rapidez com que desarmou Arnie. O poder naqueles punhos quando ele exigiu justiça.

Gio salvou a minha vida.

Ele foi um maldito *herói*.

Ele arrancou uma arma da mão de Arnie e o espancou. Na maioria dos filmes, isso seria uma vitória. Ele ganharia uma medalha, ou pelo menos

suspiros de todas as mulheres na plateia.

E eu nem agradei.

Em vez disso, eu o chutei como se ele fosse o cara mau.

Como diabos Gio se tornou o vilão por salvar minha vida? Minha família o culpou por Arnie estar lá em primeiro lugar, mas não foi culpa dele. Eu poderia nunca ter começado algo com Gio e a mesma coisa poderia ter acontecido. Arnie é um sociopata perigoso.

Gio não.

Droga.

Eu pego meu telefone. É tarde demais para ligar, mas mando uma mensagem para Gio. *Você salvou minha vida e eu nem agradei. Eu me sinto horrível.* Não parece certo, é definitivamente tentar muito, mas eu forço com, *Talvez alguma punição esteja em ordem?*

Eu apertei enviar, então gostaria de ter deixado a última parte de fora. Se Gio não veio esta noite, deve ter se ofendido. Ele está sempre no Michelangelo quando estou. Sempre lá para me servir uma bebida ou me arrastar para dentro de seu veículo. Ou foder-me com força sobre uma mesa.

Espero toda a viagem de trem para casa, mas não recebo resposta.

Huh.

Talvez Gio esteja dormindo. Ele teve problemas com a polícia? Eu sei que eles iriam buscar sua declaração desde que eu estraguei tudo dizendo a ele para sair.

A casa está silenciosa quando chego em casa e deito na cama, exausta, mas não consigo dormir. Eu continuo pegando meu telefone procurando uma mensagem de retorno de Gio.

Esperando não ter estragado tudo com ele muitas vezes.



GIO

Termino com Marissa por mensagem e quero me dar um soco no estômago.

Seu avô está certo. A violência me segue. Não quero estragar o seu futuro brilhante. Foi divertido enquanto durou.

Nada é divertido sobre a porra do texto e a resposta quase me mata. *Não, Gio. Você salvou minha vida, e eu quero você nela. Esqueça meu nonno. Podemos resolver isso.*

Se eu já não estivesse morto, a última parte viva e respirando de mim morre quando eu mando a próxima mensagem. *Acabamos, anjo. Sua dívida para comigo está perdoada. Tenha uma ótima vida.*

Em seguida, informo a Michael que estou desistindo do acordo para comprar o Michelangelo.

Ele está chateado, e eu não dou a mínima. Eu desligo na cara dele me xingando.

E uma vez que essas duas tarefas de merda são feitas, eu bato na garrafa novamente e sento no meu piano para tocar uma versão de três horas de *Paint it Black* dos Rolling Stones.



MARISSA

Quem disse que o tempo cura todas as feridas era um idiota. A dor está piorando.

Nos primeiros dias eu tropecei. De alguma forma, consegui aparecer e fazer meu trabalho, como sempre fiz, embora provavelmente parecesse um zumbi.

Não tinha realmente afundado que Gio terminou comigo. Que, depois

de todo aquele ataque forte, me fazendo acreditar que ele poderia ficar por aqui, ele desistiu.

Mas depois que descobri que ele desistiu do contrato de compra da Michelangelo, finalmente me dei conta de que ele realmente não aceitaria. Ele não estaria lá esperando um dia depois do meu turno. Ele não tinha planos de tocar aquele lindo piano grande lá.

Depois disso, não consegui sair da cama. Peguei um resfriado terrível e usei isso como desculpa para ficar no meu quarto na semana passada. Talvez tenha passado mais de uma semana. Eu nem sei.

Pela primeira vez na minha vida, deixei todo mundo descobrir como fazer as coisas. Eu nem saio do meu quarto para comer - eles estão trazendo comida para mim.

Eu ignoro a batida na minha porta agora.

E minha tia ignora minha falta de resposta e entra mesmo assim.

Ela se senta ao lado da minha cama e puxa as cobertas da minha cabeça. — Jesus. Você parece morta, Marissa.

— Eu me sinto como a morte. — digo a ela.

— Talvez um chuveiro ou banheira ajude.

— Mmm. — Isso sou eu ignorando a sugestão dela.

— Você sabe, voltar para a terra dos vivos?

— Eu não quero. — E essa é a verdade honesta de Deus. Eu simplesmente não consigo imaginar voltar à minha vida novamente. Prefiro entrar em um Greyhound para lugar nenhum do que continuar de onde parei.

— É sobre Gio? — ela pergunta baixinho. É a primeira vez que alguém por aqui fala seu nome e não estou preparada para a emoção que vem à tona. Lágrimas se acumulam não apenas em meus olhos, mas em todo o meu rosto e garganta, tornando-os quentes e cheios.

— Eu não quero falar sobre isso. — eu consigo resmungar antes de esconder meu rosto no meu travesseiro novamente.

— Marissa...

Eu a ignoro, esperando que ela vá embora.

— Eu não sabia que ele significava tanto para você. — ela diz finalmente.

E então de repente eu quero falar sobre isso. Na verdade, eu me sento e uma enxurrada de palavras sai da minha boca. — Tia Lori, eu não queria sair com ele. Quero dizer, Nonno sempre fez o maior negócio sobre os Tacones e houve o tiroteio no ano passado. Mas foi Gio quem levou um tiro. Na calçada? Eu vi tudo. E acho que ele teve pesadelos como eu. Só que em seus pesadelos sou eu quem vai levar um tiro. — Eu paro e coloco minha mão sobre minha boca. — Oh meu Deus! Você acha que foi uma premonição? Como se o destino o tivesse enviado para garantir que eu não levasse um tiro?

A testa de Lori enruga e ela olha para mim com simpatia. — Não, querida, eu não acho...

— Bem, de qualquer maneira, é por isso que ele sentiu que tinha que me proteger e começou a mudar. E Lori, ele não era assustador ou perigoso. Ele era gentil, generoso e protetor. Ele pode ter machucado o homem que apontou uma arma para mim, mas nunca, jamais me machucaria. Eu sei disso em minha alma. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Quero dizer, é por isso que ele se foi agora. Continuei afastando-o e ele decidiu que talvez seja muito perigoso para mim.

Pego um lenço e assoo o nariz.

Lori abre a boca para falar, mas antes que ela possa, mais palavras-vomito saem da minha boca.

— E o problema é que eu não queria deixá-lo entrar na minha vida. Por causa do Nonno e também por causa... da minha mãe. Você sabe... — eu aceno minha mão, novas lágrimas escorrendo pelo meu rosto — ...como ela saiu? E eu estava tentando mantê-lo à distância de um braço e então... — asso o nariz de novo — ...no minuto em que o deixei entrar, no minuto em que me acostumei a sentir que talvez eu seja o suficiente, talvez não seja abandonada desta vez ...

Eu me jogo de volta na cama em derrota.

— Oh meu Deus... — Lori sussurra, arrancando as mechas de cabelo grudadas no meu rosto com lágrimas. — Querida, eu sinto muito. Mas você entendeu tudo errado.

— Como? — Exijo sem levantar a cabeça. Sem olhar para ela. Fixei meu olhar cego em um ponto na parede e não estou desviando o olhar dele. — Sério, tia Lori. Eu nunca mais vou fazer isso. Relacionamentos não valem a dor. Não faz sentido confiar nas pessoas para ficar por perto.

Um som gaguejante sai de sua boca. — Bem... você o empurrou, certo? Você disse a ele para sair. E agora ele está ficando longe para protegê-la. Então isso não é abandono. Isso é cuidar porque você é suficiente. Você é muito especial.

— Qualquer que seja. — eu murmuro.

— Marissa... vamos. Você tem que sair desta cama. Pelo menos tome um banho. Venha e sente-se à mesa para comer... Nonna está fazendo manicotti.

— Não.

— Você vem, pare Marissa.

— Não, eu não vou.

— Por favor? Todos estão preocupados. Nós só queremos ver você de pé e se movendo.

— Não.

Lori suspira, se levanta e vai embora. Alguns minutos depois, Mia entra em meu quarto segurando o dinheiro que ganhou de Gio. — Marissa? — Sua voz é pequena e assustada. — Eu te dou isso se você sair da cama e jantar conosco.

Eu empurro a mão dela. — Não, baby. Esse é o seu dinheiro.

Ela o sacode na frente do meu rosto. — Eu quero que você pegue. Venha comer conosco.

Porra.

Eu suspiro e jogo minhas pernas para fora da cama. — Isso foi um golpe baixo. — murmuro para mim mesma. Todo mundo sabe que eu faria qualquer coisa por Mia.

Eu tomo banho, mas minha tia estava errada. Eu não me sinto melhor por isso. Na verdade, eu ainda gostaria de me enrolar na minha cama e morrer.

— Aí está ela! — Nonna canta quando apareço para jantar. Ela se aproxima e beija minhas bochechas. — Você parece melhor.

— Eu duvido seriamente disso. — murmuro.

— Então, Marissa realmente se importava com Gio Tacone. — diz Lori.

Pelo amor de Deus. Eu saio da cama para isso? Ter minha horrível vida amorosa discutida na mesa de jantar? Eu me viro e a fixo com um olhar.

Felizmente, meus avós ignoram Lori.

— Eu amo Gio. — Mia diz, o que me destrói ainda mais.

— Isso parece outro abandono para Marissa. Você sabe, *como Luisa deixando-a?* E agora ela está renunciando a relacionamentos para sempre.

Se eu não estivesse em tal estado de confusão mental, poderia captar a acusação no tom de Lori. Do jeito que está, eu mal ouço suas palavras, estou tentando tanto bloqueá-las.

— Se você vai falar de mim como se eu não estivesse aqui, vou voltar para a cama. — murmuro e começo a sair.

— Não, não, não, não. — Lori bloqueia a porta. — Desculpe. Não direi mais nenhuma palavra. Sente-se. Coma alguma coisa. Vai te fazer bem.

— Comida não conserta tudo. — murmuro.

E eu estou certa. Não corrige absolutamente nada.



GIO

Eu derrubo uma garrafa vazia de Jack quando acordo assustado com o som de batidas na minha porta.

Estou acordado, mas não vou me levantar. Estou deitado no sofá com a mesma cueca boxer e camiseta que uso há dias. Talvez semanas. Não sei quanto tempo faz.

Eu ignoro a batida.

— Gio! Abra a porra da porta antes que eu a derrube, filho da puta!

É o Paolo. Agindo como o *stronzo* que ele é.

— *Vaffanculo*. — falo sem entusiasmo. *Foda-se*.

Crescendo, nós, irmãos Taccone, tínhamos o hábito de xingar em italiano para que as freiras e os adultos não italianos não soubessem que estávamos dizendo palavrões. Ou, pelo menos, quão ruins eram as palavras.

Mais batidas. Se minha porta não fosse de madeira maciça, provavelmente já teria rachado. Ele está usando o pé? — Eu disse, *abra a porra da porta*. Agora!

Cão Porco. Leva um esforço enorme para ficar de pé, mas eu faço. Quando abro a porta, o maldito Paolo me dá um soco no estômago. — Isso é por perder o brunch de domingo e não ligar de volta para a Mãe, *stronzo*.

Eu me dobro, ofegante. *Cristo*, estou fora de forma depois de uma semana sem sair do sofá. Ou talvez seja toda a bebida que tenho bebido.

A porta se fecha atrás de Paolo enquanto ele dá uma olhada casual ao redor. Com os olhos injetados, eu mesmo dou uma olhada. O local está um lixo. Garrafas vazias de bebidas alcoólicas por toda parte. Caixas para viagem.

— Jesus Cristo. Este lugar cheira a bunda. O que aconteceu com sua faxineira?

— Eu não a deixei entrar quando ela veio.

Paolo faz um som de escárnio. — Então, o que diabos aconteceu com você?

— Nada. — murmuro, coçando minha barriga.

— Besteira. — Ele olha para mim. — Isso é sobre a garota? Ela terminou com você ou algo assim?

— Algo. Assim.

— Bem, o que diabos aconteceu?

Essa é a coisa sobre a família italiana. Eles estão sempre no seu negócio. Tem que saber cada porra de detalhe.

— Foi o Luigi. Ele apareceu aqui com uma caixa de fitas cassete.

Paolo entende instantaneamente. — De jeito nenhum.

— Sim. E aquela que ele interpretou implicava você e Junior. Nada grande, mas quem sabe o que mais ele tem. Vinte anos delas, ele diz. Diz que se alguma coisa acontecer com ele, o advogado vai liberar-las.

— Espere, espere, espere. Cópia de segurança. O que o *testa di cazzo* queria?

Pisco meus olhos turvos e procuro algo para beber.

Paolo bate no meu braço com as costas da mão. — Deixar a garota sozinha?

— Sim. Exatamente.

— Por quê? Você foi bom para ela. Certo? Você não fodeu com ela?

— Claro que não. — Esfrego o rosto com a mão e vou para a cozinha de pés descalços, procurando por algo alcoólico.

— Então por quê? — Paolo exige, me arrastando até a cozinha.

Pego uma garrafa de vinho vazia e a sacudo. Resta apenas uma dose. Levo a boca. Faça isso meio gole.

Paolo pega a garrafa da minha mão e me lança um olhar de expectativa.

— O quê? Oh. — Viro-me para olhar pela janela o Lago Michigan. — Você acredita em destino, Paolo?

Meu irmão me dá um empurrão. — Cale a boca sobre o destino. Apenas me diga o que diabos aconteceu.

Ok. Pule a parte do destino. O pesadelo recorrente que me avisou que minha garota estava em perigo antes mesmo de ser minha garota.

— Eu dei uma surra em um cara no Milano.

Paolo assobia. — Isso é ruim. O que aconteceu?

— Veja, ele tinha uma arma apontada para a cabeça da minha garota.

Paolo acena com a cabeça como se isso fosse definitivamente o suficiente. — Surpreso que você não o matou.

Eu dou de ombros. — Eu mudei. Mas não o suficiente, eu acho.

— Isso é treta. Sério, cara, isso é besteira total.

Olho para trás, para a água do lago, as ondas tão cinzentas quanto o céu de hoje. — Você acha que minha vida foi poupada só para eu salvar a dela, Paolo?

— O quê?

— E tipo, agora eu servi ao meu propósito?

Paolo, sendo o irmão amoroso e solidário que sempre foi, me dá um soco no estômago novamente. Quando me endireito depois de estar curvado, ele me dá um tapa no rosto. — Entre na porra do chuveiro antes que eu dê uma surra em você.

— Legal. — murmuro, mas arrasto minha bunda para o banheiro. Não há como eu ganhar uma luta contra meu irmão mais velho agora. Mesmo se eu ainda tivesse alguma luta em mim, o que eu não tenho. — Muito legal pra caralho.

Eu fico sob o spray de água até que esfrie. Mesmo assim, continuo de pé sob ela. Não lavo meu cabelo. Eu não ensaboo. Eu apenas fico lá e deixo que me encharque.

Esperando que isso lave toda a merda que fiz e disse na minha vida.
Cada má ação. Cada ato de violência. Tudo o que significa ser um Tacone.

Pena que tal coisa não é possível.

CAPÍTULO DEZESSEIS

MARISSA

Estou trabalhando até fechar no Milano. Não há clientes no local, mas meu nonno está lá atrás, fazendo o inventário. Isso me lembra da noite em que Gio entrou pela primeira vez. Talvez seja por isso que estou meio que esperando que ele apareça.

Ou talvez seja apenas uma esperança selvagem e imorredoura.

Como a esperança de que minha mãe um dia apareça e peça desculpas por ter perdido minha infância.

Ok, certo.

Mas quando percebo o tom profundo da voz de Gio vindo do fundo, meu coração sobe para a garganta.

Ele está aqui.

Falando com Nonno. Talvez para consertar as coisas.

É assim que a minha mente é estúpida.

Eu vou ficar do lado de fora da porta do depósito só para ter certeza de que meus pensamentos fantasiosos são uma merda. E eles são.

Não é Gio, mas soa muito como ele. — Você não chantageia um Taccone e vive para contar sobre isso, velho.

Um Taccone. Meu coração começa a acelerar.

O irmão de Gio, então. Qual deles? Não Junior. Deve ser o Paolo.

— Você contava com o fato de meu irmão amar demais aquela sua neta para matá-lo, mas eu? Sem tais escrúpulos, *il vecchio*. Eu sou implacável pra caralho. Especialmente quando se trata de cuidar do meu irmão mais novo.

— Se você atirar em mim, a evidência vai para a polícia. Vinte anos de

fitas envolvendo todos em sua organização.

Enfio os nós dos dedos na boca para não dizer nada. Meu avô os chantageou com fitas antigas?

Essa é a verdadeira razão pela qual Gio terminou comigo?

— Então eles vão. Não há mais organização. A polícia não vai perseguir pessoas por pequenos crimes que aconteceram há vinte anos.

— Você não sabe disso. — Eu ouço uma mistura de medo e desafio na voz do meu avô.

— Você me ouça. Quase perdemos o Gio no ano passado. E quando ele voltou? Ele era um fantasma de seu antigo eu. Mas com Marissa, ele voltou à vida. Ele estava feliz - talvez pela primeira vez. E você simplesmente não aguentaria isso, não é? O que Gio fez com você, hein? Sua rixa é com nosso velho, mas você simplesmente não pode deixá-la ir. Você tinha que se vingar dele destruindo algo bonito. Diga-me, Luigi, sua neta sabe o que você fez?

Respiro fundo e entro pela porta. — Sabe o quê?

Paolo está encostado em um caixote, uma pistola segura casualmente na mão, apoiada na coxa. Meu avô está de frente para ele no meio do depósito.

— *Cazzo*. — Paolo imediatamente enfia a arma na parte de trás da calça como se não quisesse que eu a visse.

— Sabe o quê? — Eu repito.

Paolo ergue o queixo para meu avô. — Diga a ela.

Minhas palmas suam. Minha respiração está instável. — Diga-me o que, Nonno? — Eu já estou perto das lágrimas.

O queixo do meu avô se projeta. — Eu disse a Gio para ficar longe de você ou iria à polícia com as evidências que coletei ao longo dos anos.

Meu lábio inferior começa a tremer, mas é a raiva que enche meu estômago. — Por que, Nonno?

— Por quê? Porque aquele homem é um problema para você. Ele é violento. Você viu o que ele fez com seu antigo chefe.

— Gio me *protegeu*. Ele me salvou de ser molestada por aquele chefe comprando o restaurante e demitindo-o. E então ele salvou minha vida quando Arnie apareceu aqui para se vingar. Assim como ele salvou nossa família quando Mia precisou de sua cirurgia. Então, se você entende que Gio é tudo menos o herói nesta história - na minha história - então não acho que você se importe comigo. — Lágrimas quentes e raivosas correm pelo meu rosto.

Agora entendo por que Lori usou aquele tom de acusação quando contou aos meus avós como eu estava com o coração partido. Todos devem saber o que Nonno fez.

Como eles poderiam?

A sensação de traição me divide em duas.

Nonno abre as mãos. Pela primeira vez, ele parece incerto. — Marissa, claro que me preocupo com você.

Eu arranco meu avental. — Terminei. Eu trabalho pra caramba para cuidar de todos nesta família e quando finalmente encontro alguém que quer cuidar de mim, é isso que você faz com ele. — Jogo o avental no chão. — Bem, eu não vou permitir. Se você não destruir todas as evidências e acertar as coisas com o homem que amo, nunca mais me verá.

É uma coisa insana de se dizer. Especialmente para mim - a pessoa com tanto medo de ser abandonada pelas pessoas que ama. Para mim, ameaçar o fim do nosso relacionamento é loucura.

Mas eu quero dizer cada palavra disso. Eu não vou deixar que eles me impeçam de ter uma chance de um relacionamento decente e amoroso.

— Onde você está indo? — Nonno chama nas minhas costas enquanto eu saio pela porta para o beco.

— Indo ver o Gio. — murmuro.

Estou a meio caminho da estação quando uma linda Porsche 911 estaciona ao meu lado. — Eu levo você, Marissa. — É o Paolo.

Chega de Miss Independente. É hora de aceitar ajuda quando ela é oferecida. Aceite e aprecie. Eu subo. — Obrigada.

— Sem problemas. Ouça... — Ele faz uma pausa como se não tivesse certeza do que dizer.

Minha raiva com meu avô se dissipa o suficiente para eu perceber que ele está em perigo.

— Ele não vai entregar as evidências, Paolo. — eu digo rapidamente.
— Estou certa disso. Se ele realmente quisesse derrubar alguém, já o teria feito anos atrás. Foi seguro para um momento como este.

— Sim, eu estava pensando a mesma coisa. Foi um blefe. Ele tem muito a perder. — Paolo me lança um olhar. — Eu ia dizer para você não se preocupar com ele. Eu nunca faria mal ao velho ou a alguém da sua família. Ok?

— Porque Gio se importa comigo?

— Com certeza por causa disso. Mas mesmo que não o fizesse, nossas famílias têm história. Como você disse, seu avô poderia tê-las entregado anos atrás, mas não o fez. E você nos protegeu quando a *bratva* quis nos matar. Você tentou nos avisar. Não vou jogar isso fora por causa de um velho rabugento.

Deixo escapar um pouco de ar. — Rabugento. Você é muito mais misericordioso do que estou me sentindo agora. — Eu olho para o perfil dele. Ele se parece com o Gio, só que a energia é mais dura. Mesquinho. Ele tem ombros mais grossos e as linhas em seu rosto o fazem parecer mais robusto. — Obrigada por tentar consertar isso, Paolo. — Eu cambaleio, pensando em como minha vida poderia parecer diferente se eu nunca tivesse descoberto a verdade. Se eu passasse a vida pensando, Gio me jogaria fora. Eu nunca teria confiado no amor novamente. Eu teria barricado meu coração ainda mais apertado e nunca deixaria alguém entrar. Em vez disso, agora mesmo meu coração foi partido em dois, a emoção jorrando por todos os lados.

— Marissa... Gio pode não estar em condições de falar quando você chegar lá.

O alarme dispara através de mim. Claro que Gio também sofreu. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, ele estava muito chateado por ter perdido você, boneca. Apenas dê uma folga a ele se ele não estiver apresentável.

Minha mente pensa em como posso contribuir para Gio. O que compensaria essas semanas horríveis separados.

— Hum... podemos... você se importa em fazer uma parada? E-eu gostaria de trazer algumas compras.

Paolo me lança um olhar duvidoso.

— Para fazer o jantar para ele.

— Ah. Certo. Esqueci que você é um chef. Claro. — Ele muda de faixa e me leva a uma mercearia. Não tenho minha carteira comigo, nem meu telefone, pois saí furiosa sem levar minha bolsa, mas tenho o dinheiro da gorjeta que ganhei hoje no bolso. Deve ser o suficiente para comprar um pouco de carne e legumes. O resto posso improvisar.

Só espero poder consertar as coisas.



GIO

Enquanto eu estava no chuveiro, Paolo jogou fora todas as garrafas e caixas de comida vazias da minha casa e abriu algumas janelas para arejar o local.

O banho ajudou, mas ainda não me trouxe de volta à terra dos vivos. Eu estive parado na janela, olhando para a água por Deus sabe quanto tempo. Horas, talvez, a julgar pela forma como meus pés doem. Ou talvez seja só porque eles não estão acostumados comigo estando de pé.

Ouçõ a batida na porta, mas não me mexo.

Não chega a registrar. Não como algo que requer uma resposta.

Eu me viro quando a porta se abre, no entanto. Paolo deve ter deixado destrancada quando saiu. Eu pisco porque tenho certeza que o que vejo é uma alucinação. Já estou sóbrio? Não me lembro quando terminei a última garrafa de Jack. Esta manhã? Noite passada? Isso é algum tipo de sonho bêbado? Porque vejo Marissa entrando pela minha porta, seu cabelo cor de uísque preso em um coque bagunçado no alto da cabeça, algumas mechas soltas em volta de seu rosto bonito.

Ela tem mantimentos em seus braços, como se esta fosse sua noite normal, ela está aqui para preparar o jantar para mim.

Como não digo nada, ela entra na cozinha.

Oh, meu Deus, isso é real. Ela está realmente aqui.

Esfrego a mão no rosto com a barba por fazer, grato por estar pelo menos limpo. Relativamente sóbrio.

Espere... por que ela está aqui? Eu terminei as coisas. Pelo menos eu pensei que sim. Não podemos fazer isso. Não sem eu trazer toda a minha família para baixo em uma tempestade de merda com os federais.

Eu faço o meu caminho para a cozinha, em seguida, paro.

Marissa tirou a roupa e está vestindo apenas um avental enquanto coloca azeite em uma frigideira.

Eu me inclino na porta para assistir. É quando vejo as lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

— Isso é bonito, anjo. — eu digo suavemente. Ela se vira e me dá o olhar mais vulnerável e adorável por cima do ombro.

Isso quase me derruba no chão.

Eu ando para frente lentamente, com medo de que, se eu me mover muito rápido, eu possa atacar. — Seria mais bonito sem as lágrimas, no entanto. — Eu deslizo meus braços ao redor de sua cintura por trás e beijo seu pescoço.

Ela se recosta em meus braços, balançando como se quisesse dançar.

Meu cérebro continua gritando para eu parar de tocá-la. Tire-a do meu

lugar.

Mas eu simplesmente não aguento terminar com ela duas vezes. É demais para suportar. Prefiro ter esta noite e morrer amanhã do que rejeitar um momento desta doçura.

— Baby — murmuro na concha de sua orelha. — Eu senti tanto sua falta.

— Eu também senti sua falta. — ela engasga, novas lágrimas escorrendo por suas bochechas. O óleo começa a fumar na panela e ela desliga o fogo. — Eu ouvi o que Nonno fez. — diz ela.

Agora estou tonto. — *Cazzo*, anjo. Eu sinto muito.

— Não. — Ela se vira, repentinamente feroz. — Você não precisa se desculpar. Eu é que sinto muito. Eu te afastei a cada passo, e tudo que você queria fazer era me dar. Proteger-me. — A vulnerabilidade pisca em seu rosto novamente, mas ela engole e diz: — Você me ama?

— *Sí, bambina*. — Não sei por que é mais fácil dizer em italiano. Mas eu me endireito e volto para o inglês. — Eu te amo.

— Eu quero você, Gio.

Eu não acho que ela quis dizer apenas sexualmente. Acho que ela quis dizer isso em me ter, o que ela já tem. Mas meu pau reage fortemente às suas palavras, de repente, sua bunda está em minhas mãos e eu a estou levantando para montar em minha cintura enquanto a beijo profundamente. Seus quadris batem no balcão e eu aperto meu pau contra a aba do tecido do avental que cobre sua boceta nua.

— Eu só quero você. — digo a ela entre beijos ferozes. Entre dentes batendo, dentes e línguas emaranhadas. Beijos contundentes pretendiam reivindicar. Punir. Recompensar.

Ela devolve tudo o que vale. Suas palmas agarram meu rosto e ela move seus lábios freneticamente nos meus, torcendo e provando, consumindo.

Precisando dela em algum lugar onde eu possa bater nela sem deixar hematomas, eu a carrego para fora da cozinha, para o meu quarto, onde

arrancamos as roupas uma da outra. Bem, eu arranco o avental dela e ela arranca minhas roupas. Eu posso gostar de ser o cara no comando normalmente, mas seu entusiasmo - seu desespero - me joga em êxtase antes mesmo de eu prendê-la na cama.

E quando eu faço?

Porra de volta ao lar.

Eu faço um péssimo trabalho de preliminares, mas não importa. Ela está molhada para mim. O que é bom, porque estou entrando nela antes que meu cérebro registre o comando.

Eu prendo seus pulsos e entro nela. Ela alterna entre fechar os olhos e se perder na luxúria e abri-los e olhar fixamente para os meus. Como se ela tivesse medo de me perder.

Como se ela pensasse que eu me afastaria dela novamente.

— É isso. — eu digo a ela, mergulhando fundo, trabalhando em um movimento de empurrão circular que eu nunca quero parar. — Chega de fugir de mim.

Ela balança a cabeça. — Chega de correr. — ela concorda. — Sinto muito, Gio.

— Não. Não se desculpe. — eu digo entre estocadas. — Eu não estou repreendendo. Estou te dizendo que não vou deixar você ir de novo. Desta vez você fica. Para sempre.

Ela faz aquela coisa de ficar com lágrimas, então eu a beijo pra caralho de novo, e então eu a rolo e bato nela por trás.

É tão bom estar dentro dela novamente. Tão certo. Eu seguro seu ombro e desrespeito o corpo dela, o tempo todo ela dá esses gemidos desesperados e uh-ah-uhs que deixam meu pau ainda mais duro para ela.

E não vou durar muito mais.

— Você está perto, anjo? Empurre para cima para que eu possa beliscar esses mamilos.

Ela levanta o peito da cama, eu torço e rolo um mamilo tenso entre

meus dedos. — Eu não estou perto. — ela ofega.

Porra. Eu tento puxar de volta.

— Estou *pronta*.

E lá vou eu. Já estou jorrando antes mesmo de ir fundo. Empurrei algumas vezes, então me enterrei ao máximo e ondulando meus quadris para que eu acariciasse dentro dela enquanto permanecia firmemente dentro.

Observo todos os músculos de suas costas apertarem enquanto sua boceta aperta. A bunda e as coxas dela ficam rígidas, as pernas largas, e já estou arrependido de ter acabado porque quero transar com ela de novo.

Ela é tão linda.

Continuo com as carícias internas lentas até que ambos paramos de gozar. Mesmo assim não quero parar. E é aí que percebo que esqueci uma camisinha.

Eu seria um mentiroso se dissesse que sinto muito. Nunca quis filhos antes e posso ter quarenta anos, mas daria tudo para formar uma família com Marissa. Mas é claro que deveria ter sido discutido.

Eu relaxo e caio para o meu lado. — Fui sem proteção, anjo. Desculpa, perdi a cabeça. Eu prometo que estou limpo.

— Eu sei. — ela murmura, virando o rosto para mim.

Eu acaricio sua espinha, admirando a curva suave. Eu coloco minha palma em sua bunda e a seguro. — Não importa porque eu estou mantendo você. — eu declaro, embora eu observe seu rosto de perto enquanto eu vou para um beijo.

Ela está feliz. Não sei como posso dizer, mas posso. Ela nunca quis que eu desistisse dela, apesar de todo o seu afastamento.

— Sinto muito por não ter lutado para mantê-lo, anjo. Eu simplesmente não poderia enfrentar alguém que você ama. Alguém que se preocupa com você e quer o melhor para você.

Sua mandíbula aperta e ela balança a cabeça. — Se ele se importasse

comigo, não teria me machucado desse jeito.

Eu puxo o elástico segurando seu cabelo despenteado no coque solto no topo de sua cabeça e observo as mechas cor de mel caindo sobre seus ombros. — Como você descobriu?

— Paolo veio conversar com ele.

Um choque de alarme corre através de mim. Eu me sento. — Oh, merda.

— Não, não, não. — Ela agarra meu braço, também se sentando. Meu cérebro gagueja ao ver seus seios pequenos, mas volto minha atenção para o problema em questão. Ou seja, meu irmão. — Está tudo bem. Ele me disse que nunca o machucaria. — Lágrimas enchem seus olhos. — Na verdade, ele fez um discurso e tanto para o meu avô sobre como... — Ela engole.

Ainda alarmada, minhas sobrancelhas baixam. — Como o quê?

— Quão feliz você tem estado comigo?

Eu agarro a parte de trás de sua cabeça e coloco meus lábios nos dela novamente. — Tão feliz pra caralho. — eu digo a ela. — E estou farto de você não ser feliz, Marissa. Estou comprando o Milano para que seus avós possam se aposentar. E você e eu estamos abrindo nosso próprio restaurante, com você como chefe de cozinha. E um piano. E um gerente que faz toda a merda que não queremos fazer.

Quando ela chora, eu a empurro de volta para a cama e cubro seu corpo esguio com o meu. — Está resolvido, Marissa. Você é minha. Diga, agora.

Ela pisca os olhos lacrimejantes. — Eu sou sua, Gio. — ela sussurra.

— Fale mais alto.

— Sou sua.

Eu balanço minha cabeça e digo com firmeza: — Eu não vou deixar você ir.

Ela estende a mão para o meu rosto e me puxa para baixo. — É melhor não.

Deslizo meus lábios sobre os dela, explorando sua suavidade, saboreando sua doçura. — Te amo anjo.

Ela passa os dois braços em volta do meu pescoço. — Eu também te amo Gio.

E então, de repente, fico faminto, já que não como há... sei lá... dias. — Você estava fazendo alguma coisa na cozinha, linda?

O sorriso que se estende em seu rosto faz meu coração disparar duas vezes. — Sim, eu estava. Com fome?

— Morrendo de fome, anjo.

— Bom. — Ela desliza para fora da cama, como se me servir fosse sua coisa favorita. — Vou fazer um jantar para nós.

Eu quero suspirar como uma garota.

Agora tenho certeza do motivo pelo qual minha vida foi poupada. Era para garantir que a vida de Marissa também fosse poupada. Porque estávamos destinados um ao outro. Para dar e receber e fazer o outro feliz. E sejam felizes juntos, porque eu conheço a merda do Dr. Phil sobre não ser tudo sobre a outra pessoa fazer você feliz.

Eu sigo atrás da minha linda chef, observando a contração de sua bunda nua enquanto ela caminha, amarrando o avental em volta da cintura.

Mesmo que eu morresse amanhã, morreria feliz. Realizado. Tão diferente de como eu me sentia em relação à minha vida no ano passado, quando aquela bala atravessou minha carne.

Tudo o que eu precisava era de uma razão para viver.

E agora eu a encontrei.

EPÍLOGO

PAOLO

— A comida estava deliciosa. — Mamãe fala enquanto os garçons limpam nossos pratos. É a inauguração do novo restaurante do centro Giovanni, de Marissa e Gio. Gio comprou uma propriedade comercial no lago perto de seu apartamento, com janelas de parede a parede com vista para a água. As pessoas virão aqui apenas pelas vistas, não importa a comida de Marissa. Embora com base na reunião de família que ela organizou na semana passada e no que provei esta noite, ela também vai arrasar nessa parte.

E o piano? Não sei por que isso me faz rir pra caramba. Talvez só porque me lembro de Gio sonhando com seu piano bar quando tinha uns seis anos.

E agora ele está fazendo isso.

Por que diabos não?

O cara voltou dos mortos. Isso me faria querer perseguir todas as minhas oportunidades perdidas também.

A família inteira está aqui - pelo menos toda a filial de Chicago mais Nico, que conseguiu escapar de suas obrigações de administrar o Bellissimo, e a família de Marissa também.

Apertei a mão do Luigi quando ele entrou. Não vou guardar rancor. Tivemos algumas conversas que envolveram eu jogando meu peso um pouco. Agora está tudo resolvido.

Ele me deu as fitas. Gio comprou o Milano e forçou sua aposentadoria. Ele e Marissa o reabriram como um local de almoço extremamente popular, rejuvenescendo todo o quarteirão.

Marissa é a rainha do lugar hoje à noite, usando um vestido verde-azulado justo e bancando a anfitriã. Sua equipe de cozinha, incluindo uma amiga do restaurante onde ela trabalhava, preparou suas criações esta

noite.

Gio está atrás dela, mostrando sua reivindicação, protegendo seu prêmio.

Mais uma vez, por que diabos não? Ele a merece.

Agora que a sobremesa está sendo servida, Gio dirige-se ao piano, como sempre. Ele se senta e toca uma música que lhe é familiar. Uma música do Train, eu acho - aquela brega *Marry Me*. Quando a próxima música que ele toca é *Marry You*, de Bruno Mars, começo a sorrir. Ele não está cantando a letra, então não sei se alguém já percebeu.

Mais importante, acho que Marissa ainda não percebeu.

Aguardo a próxima música. Desta vez, Gio liga o microfone e canta, algo que ele não costuma fazer, embora tenha uma ótima voz. É *Marry Me*, de Dean Martin.

Mamãe engasga e isso faz todos se sentarem e ouvirem.

— Ei, Marissa. — eu chamo. — Acho que seu homem tem algo a lhe perguntar.

Marissa se põe de pé, logo se senta de novo, depois se levanta, cobrindo a boca e corando.

— Vá em frente, suba lá. — sua tia insiste, empurrando-a para o piano.

Gio termina a música no estilo Gio total - o conquistador que ele costumava ser. Quando termina, ele agarra Marissa pela cintura e a puxa para seu colo na frente de todos. As pessoas mais velhas riem nervosamente enquanto o resto de nós torce.

—Marissa, eu te amo. Acho que você já sabe que nunca vou deixar você ir. — Mais risadas nervosas da família. — Vamos torná-lo oficial, anjo. Você vai usar meu anel? — Ele tira uma caixa de anel do bolso da jaqueta e a abre. Tem um diamante em forma de pêra ali do tamanho de uma moeda de dez centavos.

Marissa chora enquanto ela ri. — Sim, Gio. Eu também não vou deixar você ir. — Ela pega o anel e o desliza em seu dedo.

Meu telefone vibra, vendo que é uma ligação de Stefano, eu me levanto e vou até o vestiário para atender. — Gio acabou de pedir a namorada em casamento. — digo ao nosso irmão mais novo.

— Sim? Dê-lhe os parabéns por mim. Despedida de solteiro no Bellissimo, é claro.

— Naturalmente, naturalmente. E aí?

— Escute, temos um problema e gostaria de saber se você poderia cuidar disso.

— Sim? O que é?

— Acabei de descobrir que algum hacker tem feito pequenos desvios de todas as transações das contas do cassino nos últimos seis anos. Cerca de cento e cinquenta mil no total. Rastreamos o dinheiro até uma conta no exterior. Apenas o dinheiro é do The Bellissimo. Só sai dinheiro? Pagamentos de mensalidades para a Northwestern University.

— Agora vejo onde entro. Então, algum cara está usando isso para pagar a faculdade de seu filho?

— Na verdade, acho que o garoto é o hacker. Emancipada aos dezesseis anos, ela agora é uma estudante de pós-graduação em ciência da computação. O nome é Caitlin West. Estou enviando uma foto e endereço agora mesmo.

Ele manda a foto e assim meu pau fica duro. Ela é definitivamente fodível. Uma nerd ruiva de cabelos escuros com óculos gigantes de armação preta e brilho labial cor de bala me encara com um olhar atrevido. Ela parece o tipo que usa um coque bagunçado e camisetas puídas para ir à biblioteca, mas nos fins de semana foge secretamente com um espartilho de couro apertado e shorts de bota para chicotear os homens na masmorra local.

— Bem, bem, bem, minha pequena hacker gostosa. — murmuro, olhando para a tela. — É hora de pagar o pato.

FIM